



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia

Relatório de Estágio

**Inventário da escavação de 2003 na Rua de Nenhures:
Relatório do Estágio Curricular de Arqueologia na Câmara
Municipal de Palmela**

Rafael Rodrigues Marques de Matos

Orientador(es) | André Miguel Carneiro
Miguel Filipe Correia

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia

Relatório de Estágio

**Inventário da escavação de 2003 na Rua de Nenhures:
Relatório do Estágio Curricular de Arqueologia na Câmara
Municipal de Palmela**

Rafael Rodrigues Marques de Matos

Orientador(es) | André Miguel Carneiro
Miguel Filipe Correia

Évora 2025





O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Cristina Barrocas Dias (Universidade de Évora)

Vogais | André Miguel Carneiro (Universidade de Évora) (Orientador)
Vitor Pereira ()

Agradecimentos

Ao professor Doutor André Carneiro, que me acompanhou desde o primeiro ano de licenciatura e que me orientou este relatório. Com a sua orientação, ânimo, encorajamento e disponibilidade, ajudou-me a completar esta etapa.

Ao meu orientador Doutor Miguel Correia, por toda a orientação, acompanhamento, aprendizagem não só a nível da Arqueologia, mas para a vida e pela sua permanente disponibilidade em ajudar-me em todas as questões que lhe fui colocando.

Ao arqueólogo da Câmara Municipal de Palmela Vítor Pereira, um justo e merecido, pelas horas que passou comigo na realização do inventário, por me ter ensinado o desenho arqueológico e também pela orientação que me deu. À Doutora Cláudia Oliveira por todos os ensinamentos sobre os métodos de colagem das etiquetas de identificação e de colagem de peças.

Às Dr^{as} do Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela, Sandra Silva, Rute Regula e Helena Martins pelos momentos que disponibilizaram em atividades educativas e pela sua confortante companhia aos almoços. Ao Dr. Jaime David, pela sua orientação a nível laboral e pessoal.

Um grande e forte agradecimento ao Serviço de Arqueologia do Museu Municipal de Palmela, por me terem aceite como estagiário e pela incrível experiência que obtive com este. Nada aqui apresentado, neste relatório teria sido possível sem eles.

Ao meu amigo José Vinagre, por todos os momentos em que me encorajou a não desistir desta etapa.

Finalmente, à minha família, por estarem sempre do meu lado e pelo seu apoio e amor. Sem ela, este projeto nunca teria sido possível.

Resumo

O presente relatório tem como objetivo apresentar o estágio curricular desenvolvido no Serviço de Arqueologia do Museu Municipal de Palmela, descrevendo de forma sistemática as atividades realizadas ao longo de seis meses. A estrutura do trabalho inicia-se com a contextualização institucional da entidade de acolhimento, seguindo-se uma síntese histórica dos principais sítios arqueológicos do concelho de Palmela.

Posteriormente, procede-se à contextualização do sítio arqueológico da Rua de Nenhures, que assume particular relevância neste relatório, por ser a proveniência dos materiais arqueológicos objeto de inventário e análise. Seguidamente, é exposta a metodologia aplicada no processo de inventariação e no estudo das pastas cerâmicas.

O relatório inclui ainda a descrição de outras atividades complementares ao trabalho de inventário, que contribuíram para o aprofundamento da formação adquirida durante o estágio. No total, foram inventariados 1647 fragmentos, incluindo bordos, fundos, asas e tampas, bem como analisadas as pastas de centenas de fragmentos. Por fim, os anexos reúnem documentação fotográfica das atividades desenvolvidas.

Palavras – Chave: Inventário, materiais arqueológicos, Rua de Nenhures, Palmela, Arqueologia

Abstract - Inventory of the 2003 Excavation on Rua de Nenhures: Report of the Curricular Internship in Archaeology at the Palmela Municipal Council

This report aims to present the curricular internship carried out at the Archaeology Service of the Municipal Museum of Palmela, providing a systematic description of the activities undertaken over a six-month period. The structure of the work begins with an institutional overview of the host entity, followed by a historical synthesis of the main archaeological sites in the municipality of Palmela.

Subsequently, the archaeological site of Rua de Nenhures is contextualized, as it holds particular relevance in this report due to being the provenance of the archaeological materials subject to inventory and analysis. The methodology applied to the inventory process and to the study of ceramic fabrics is then outlined.

The report also includes the description of complementary activities beyond the inventory work, which contributed to the enhancement of the training acquired during the internship. In total, 1,647 fragments were inventoried, including rims, bases, handles, and lids, and the fabrics of hundreds of fragments were analyzed. Finally, the appendices include photographic documentation of the activities carried out during the internship.

Keywords: Inventory, archaeological materials, Rua de Nenhures, Palmela, Archaeology

Índice

Resumo	ii
Abstract	iii
1. Introdução.....	1
1.1. Justificação da escolha do local e objetivos.....	2
1.2. Enquadramento do Local de estágio	4
2. Contexto Histórico do Concelho	9
2.1. Contextualização dos Silos da rua de Nenhures	38
3. Tarefas realizadas	47
3.1. Base de dados.....	48
3.2. Inventário.....	52
4. Outras Tarefas realizadas	67
4.1. Lavagem de material arqueológico.....	67
4.2. Desmatção e limpeza do sítio arqueológico do Alto da Queimada	68
4.3. Acompanhamento arqueológico na obra de uma residência.....	69
4.4. Fiscalização de obras.....	70
4.5. Acompanhamento arqueológico na desmontagem de uma chaminé	71
4.6. Acompanhamento na Igreja Matriz de São Pedro.....	71
4.7. Aulas de sensibilização sobre a Arqueologia em Escolas.....	72
4.8. Reserva de etnografia Áires	73
4.9. Projeto Férias a Crescer “Pintar Abril em Palmela”.....	73
4.10. Projeto Férias a Crescer “No Tempo dos Romanos – Uma aventura arqueológica”	78
4.11. Caminhada na Serra do Louro com a Escola Secundária de Palmela	81
5. Considerações finais.....	82
6. Bibliografia e Webgrafia	84
7.0 Anexos	90

1. Introdução

O presente relatório descreve o estágio realizado na Câmara Municipal de Palmela, que decorreu entre fevereiro e julho de 2024, parte integrante da componente não letiva necessária para a conclusão do Mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora. Esta experiência foi um passo crucial na minha formação, permitindo-me aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura, enquanto os aplicava em real contexto profissional. A imersão no ambiente municipal possibilitou-me observar como a Arqueologia é integrada nas políticas culturais e na gestão do património, destacando a importância do trabalho colaborativo entre diferentes departamentos e a comunidade.

Durante o estágio, tive a oportunidade de contar com o apoio dos arqueólogos da Câmara Municipal, que disponibilizaram não apenas as instalações e materiais necessários, mas também as suas valiosas orientações. Tal permitiu envolver-me em diversas atividades que refletem o trabalho quotidiano de um arqueólogo em ambiente autárquico. Dentre as tarefas que realizei, o inventário de materiais arqueológicos recolhidos na escavação de 2003 na Rua de Nenhures foi a atividade principal e particularmente enriquecedora. Proporcionou-me uma visão detalhada da importância da documentação e organização dos achados, elementos essenciais para a preservação do património.

Outra tarefa relevante consistiu no estudo de pastas desses mesmos materiais, que envolveu a análise das pastas e a comparação entre os fragmentos para se perceber o período em que estas foram feitas e assim ajudar à interpretação dos dados recolhidos. Esta experiência não apenas aprimorou as minhas habilidades analíticas, mas também aprofundou a minha compreensão do contexto histórico da região de Palmela. Para além disso, foram realizadas fotografias e desenhos de alguns dos materiais recolhidos na escavação dos silos na Rua de Nenhures para a elaboração do relatório de escavação, para posteriormente ser entregue à entidade de tutela. Este trabalho foi fundamental, pois os materiais não serviram apenas para a elaboração de um relatório de escavação, mas também para o relatório aqui presente.

A experiência estendeu-se para além das atividades associadas ao inventário. Participei em apresentações e projetos em colaboração com outros departamentos,

focando na sensibilização para a Arqueologia em contextos escolares. Essas iniciativas, realizadas durante o período letivo e em atividades de férias, foram essenciais para promover a educação patrimonial, estimulando o interesse das novas gerações pela história e pela cultura local. A interação com alunos e professores ensinou-me a importância de comunicar a Arqueologia de forma acessível e envolvente, mostrando como o nosso trabalho pode impactar positivamente a sociedade.

O estágio foi orientado pelo Professor Doutor André Carneiro da Universidade de Évora e pelo doutor Miguel Correia da Câmara Municipal de Palmela. As orientações deles foram fundamentais para o meu desenvolvimento durante este período, oferecendo-me não apenas conhecimento técnico, mas também perspetivas sobre as responsabilidades éticas e sociais de um arqueólogo que exerça a sua profissão no contexto municipal.

Esta vivência não só enriqueceu a minha formação académica, mas também ampliou a minha visão sobre o papel da Arqueologia na preservação e valorização do património cultural. Estou agora mais consciente da importância de integrar a pesquisa arqueológica com as necessidades e interesses da comunidade, o que certamente influenciará a minha futura carreira na área.

1.1. Justificação da escolha do local e objetivos

A vila de Palmela possui um enorme potencial arqueológico, especialmente para os períodos islâmico e medieval, que foram os principais focos do meu estágio. A riqueza histórica da região, evidenciada pelos diversos vestígios materiais, permite um entendimento mais profundo das culturas que aqui habitaram ao longo dos séculos. Durante o estágio, os objetivos incluíram o inventário dos materiais recolhidos na escavação dos silos. Isto englobou a sua limpeza e marcação, fotografia, desenho e foi realizado um estudo sobre as pastas dos materiais cerâmicos. Em alguns casos, tive a oportunidade de inserir informações sobre peças de destaque na matriz de dados da Câmara Municipal de Palmela. Estas atividades não apenas me permitiram compreender a importância da documentação na Arqueologia, mas também proporcionaram uma experiência prática valiosa, essencial para a minha formação e para o contacto com as boas práticas de tratamento de espólio de materiais.

A escolha de Palmela como local de estágio foi influenciada por três razões principais: o rico e diversificado espólio arqueológico existente no concelho, que abrange diferentes épocas e culturas; a sua proximidade com o meu local de residência, e as recorrentes recomendações de profissionais da área da Arqueologia. A proximidade geográfica facilitou a logística do estágio, permitindo-me dedicar mais tempo à pesquisa e ao contacto com o espólio. Estes três fatores fizeram de Palmela um local evidente para a realização do meu desafio final de Mestrado.

A consciência da importância dos achados arqueológicos nesta região aumentou a minha motivação para explorar e aprofundar o conhecimento sobre as suas camadas históricas. Esta admiração pela arqueologia de Palmela, deveu-se muito ao fato de a sua Câmara Municipal estar numa constante procura de dar a conhecer o seu espólio arqueológico, primeiramente com a sua fantástica equipa do serviço de Arqueologia, que está sempre atenta às condições em que os sítios arqueológicos se encontram, prontos a agir, caso seja necessária alguma ação de conservação. O Gabinete de Estudos da Ordem de Santiago, para divulgar as mais recentes descobertas sobre a ordem de Santiago em Palmela, com o apoio da Câmara, prepara conferências com outras entidades, como outras Câmaras e Universidades e lança com alguma regularidade livros sobre os diferentes estudos arqueológicos já realizados sobre o período islâmico e cristão em Palmela. Uma dessas obras intitula-se *Entre Deus e o Rei. O Mundo das Ordens Militares*, publicada em 2018 por Isabel Fernandes.

Os objetivos do estágio foram cuidadosamente escolhidos para abranger não apenas tarefas rotineiras que qualquer arqueólogo deve executar durante e após uma escavação, mas também para proporcionar uma experiência abrangente e prática. Ao familiarizar-me com a realidade do trabalho arqueológico, pude aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da licenciatura e do mestrado. Cada atividade realizada — desde a limpeza de materiais até a inserção de dados em matrizes — reforçou a importância da organização e da sistematização na Arqueologia, aspetos fundamentais para garantir a preservação do património.

O espólio estudado durante o estágio provinha da escavação realizada em 2003 na Rua de Nenhures. Este sítio, ao longo dos anos, revelou cerca de 30 silos. Os materiais encontrados foram datados entre os períodos medieval islâmico, medieval cristão e moderno. A diversidade dos materiais encontrados, que incluíam cerâmicas de cozinha, faianças, vidrados, moedas, vidros e diversos metais, ofereceu uma oportunidade rica para

o estudo das práticas quotidianas das populações que habitaram esta região. A variedade de artefactos não só enriqueceu a minha experiência de pesquisa, mas também possibilitou uma análise mais ampla das dinâmicas sociais, económicas e culturais que caracterizavam a vida em Palmela ao longo dos séculos.

Este estágio foi fundamental para reforçar o meu conhecimento teórico e, simultaneamente, proporcionar uma compreensão mais profunda da gestão do património arqueológico. A experiência prática adquirida contribuiu significativamente para a minha formação enquanto futuro profissional na área da Arqueologia, equipando-me com as competências necessárias para enfrentar os desafios do campo e destacando a importância do trabalho em equipa e da comunicação com a comunidade.

1.2. Enquadramento do Local de estágio

O estágio curricular descrito neste relatório foi realizado na Câmara Municipal de Palmela, sob a orientação do Dr. Miguel Correia, cuja experiência e conhecimento foram fundamentais para o meu desenvolvimento ao longo deste período.

O estágio foi realizado no Castelo de Palmela, um edifício histórico de grande importância cultural e patrimonial, que se destaca não só pela sua arquitetura imponente, mas também pela riqueza da história que encerra. Aqui se encontra o local de trabalho do serviço de Arqueologia, pois é no castelo que adaptou uma das divisões para ser o laboratório de arqueologia.

Atualmente, o castelo abriga dois serviços operacionais: o Serviço de Arqueologia e o Serviço Educativo, ambos pertencentes ao Museu Municipal, afeto à Divisão de Bibliotecas e Património Cultural, e o Atendimento do Turismo, pertencente à Divisão de Desenvolvimento Económico e Turismo. O Museu ocupa várias galerias ao longo da Praça de Armas, que foram já alvo de escavação arqueológica e posteriormente musealizadas, oferecendo aos visitantes uma experiência imersiva e educativa. Nestes espaços, é possível observar os resultados das escavações arqueológicas realizadas nas galerias, bem como exposições de materiais provenientes de diferentes sítios arqueológicos do concelho. Esta configuração não só valoriza o património local, mas também promove o conhecimento da História da região, permitindo que a comunidade e os visitantes se conectem com as suas raízes.

O Serviço de Arqueologia é composto atualmente por 3 membros: Miguel Correia, que desempenhava funções de arqueólogo e gestor do castelo; Vítor Pereira, também arqueólogo e responsável pela reserva de etnologia em Aires (zona de Palmela); Cláudia Oliveira, assistente de arqueologia. Na Arqueologia ainda temos a Dr^a. Isabel Cristina Fernandes que é a coordenadora científica do Gabinete de Estudo da Ordem de Santiago, em Palmela, responsável por várias publicações e livros sobre a arqueologia medieval e islâmica no Castelo e na Rua de Nenhures em Palmela, como as obras: *O Castelo de Palmela* (2014), *Ordens Militares, identidade e mudanças* (2022) e *Palmela Arqueológica no contexto da região interesturiana Sado – Tejo* (2012), e é membro do CIDEHUS, na Universidade de Évora. Outrora a arqueóloga Michelle Santos, fez parte da equipa, porém atualmente encontra-se a prestar funções no Município de Setúbal como chefe de serviço municipal de museus.

O serviço Educativo conta com uma equipa de 3 pessoas, composta por Sandra Silva, responsável do serviço, Rute Regula e Helena Martins, ambas técnicas superiores. A colaboração entre os dois serviços foi crucial para a realização de atividades que promoviam a Arqueologia e a educação com atividades que promoviam o património local, para ensinar e sensibilizar as crianças, fortalecendo a ligação entre a História e as gerações atuais.

Durante o meu período de estágio, tive a oportunidade de participar em diversas atividades relacionadas com a Arqueologia em colaboração com a equipa do serviço educativo. Foram experiências enriquecedoras, permitindo-me observar como a Arqueologia pode ser trabalhada interdisciplinarmente com outras áreas, obtendo resultados que são importantes na valorização do património. As atividades nas quais estive envolvido incluíram eventos educativos, em escolas onde referíamos aos alunos a existência de sítios arqueológicos e explicávamos, de forma a que crianças do primeiro ciclo ficassem sensibilizadas para a relevância do património arqueológico, onde depois apresentávamos algumas réplicas de alguns materiais e no final realizávamos uma pequena atividade prática que envolvia o uso de plasticina para as crianças tentarem fazer um desenho de um veado, que estava presente numa taça de uma das réplicas, desta forma incentivando a valorização do Património e da História local e quem sabe despertar o interesse das crianças pela Arqueologia e pela História.

O mundo da Arqueologia começou em Palmela através das escavações arqueológicas nas Grutas Artificiais da Quinta do Anjo, nos finais do séc. XIX (Fernandes

& Santos, 2012,11). Devido a estas descobertas, iniciou-se uma sistematização de pesquisa arqueológica, e em 1985 deu-se o Levantamento do Património Arqueológico da Freguesia da Marateca, dirigido pelo arqueólogo Gustavo Marques (Fernandes & Santos, 2012, 11).

Mais tarde, a arqueologia ganha expressão em Palmela, pela realização das primeiras investigações arqueológicas sistemáticas, com as iniciativas do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), apoiadas pela Câmara Municipal de Palmela. Assim, em 1986 iniciam-se os trabalhos arqueológicos na Quinta da Cerca, seguido pelos trabalhos no Camarral, na Volta da Pedra, e mais tarde o Castro de Chibanes, na Serra do Louro, da exclusiva responsabilidade do MAEDS (Silva *et al.*, 2019, 216).

Porém, é só em 1989 que a Câmara Municipal de Palmela passa a contar com um serviço de Arqueologia, que atualmente faz parte da Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (Departamento de Cultura, Desporto e Juventude). Este serviço é responsável pelo levantamento, investigação e estudo sistemático do rico património arqueológico do concelho, que já na segunda metade do século XIX atraía o interesse de investigadores de diversas áreas e nacionalidades, como Vera Leisner e no século XX investigadores como Carlos Ribeiro, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, que se dedicaram ao estudo das Grutas Artificiais de Quinta do Anjo, do Castro de Chibanes e do Castelo de Palmela (Fernandes & Santos, 2012, 11).

Por sua vez os sítios arqueológicos da Rua de Nenhures, em Palmela datado do período islâmico até ao período moderno, do Zambujalinho datado dos sécs. I.d.C. a V d.C., na Marateca, do Castelo de Palmela, com datação entre os sécs. VIII d.C e a atualidade, e o do Alto da Queimada, datado do séc. VIII d.C. na Serra do Louro, são da iniciativa da Câmara de Palmela que financiou os projetos de escavação.

Nos últimos vinte anos, a investigação arqueológica em Palmela tem avançado significativamente em diversas frentes. As escavações, muitas vezes associadas a projetos de investigação ou a ações de salvamento e emergência, têm permitido a descoberta de novos vestígios que contribuem para um melhor entendimento da História local. A prospeção e os acompanhamentos, incluindo a Arqueologia preventiva, garantem que o património arqueológico seja protegido durante atividades de desenvolvimento urbano e infraestrutural.

Em 2012, as arqueólogas Michelle Santos e Isabel Cristina Fernandes publicaram a Carta Arqueológica de Palmela, que inclui o estudo e inventário sistemático de sítios e materiais, é um passo importante na preservação do património (Fernandes & Santos, 2012). Este trabalho também envolve o restauro e a conservação de artefactos, bem como a valorização e divulgação do património arqueológico, permitindo que a comunidade e os visitantes se conectem com a história da região. Atualmente, esses esforços refletem o enorme potencial arqueológico de Palmela, com um foco especial na Pré-História, Proto-História e Período Medieval, áreas que continuam a revelar-se ricas em descobertas e significados.



(Figura 1 – Espólio arqueológico exibido numa das vitrines do museu)

No âmbito da implementação do Programa de Recuperação e Animação do Castelo, planeado pela Câmara Municipal de Palmela, realizaram-se intervenções arqueológicas com o objetivo de se realizar novas leituras da vida dos habitantes do castelo e do próprio castelo. Resultante desta intervenção, resultou o Espaço Arqueológico ocupando 4 galerias na Praça de Armas do castelo. As salas 1 e 2 dedicam-se genericamente à arqueologia no concelho enquanto as salas 3 e 4 focam-se no espólio encontrado no castelo e na vila.

As Galerias Arqueológicas do Museu Municipal de Palmela são especialmente significativas, uma vez que testemunham a longa presença muçulmana na região até ao final do século XII. Nas exposições, destacam-se cerâmicas, utensílios de iluminação, objetos de lazer e artefactos relacionados com atividades artesanais. Além disso, são apresentados objetos em ferro, bronze e até mesmo artefactos confeccionados a partir de osso, que revelam práticas do quotidiano da época. Esses materiais, que contam histórias

de vidas passadas, proporcionam uma visão abrangente e rica sobre a cultura e os costumes das populações que habitavam a área, contribuindo para a valorização do património arqueológico e histórico.

Na Praça de Armas, onde se encontram as galerias do museu, existem também espaços educativos, como um pequeno anfiteatro interior destinado à exibição de vídeos e outra galeria equipada com mesas, cadeiras e jogos de tabuleiro, onde são realizadas atividades práticas para as crianças das escolas. “*A Praça de Armas terá sido palco de muitas vivências. Neste local, ora se reuniam as tropas para os exercícios militares, ora seria um movimentado local com crianças a brincar e pessoas a trabalhar.*” (<https://visitpalmela.pt/conhecer/castelo-de-palmela/visitar/praca-de-armas>). O castelo apesar de ser um local de trabalho de alguns serviços, é primeiramente um centro turístico e por esse motivo apresenta vários locais para esses fins. Para além do museu e das suas galerias, existe ainda a Igreja de Santiago, o hotel pousada do castelo, a taverna *Bobo da Corte*, a loja/café *The Selector Store*, e outros espaços comerciais.

O castelo é uma das principais atrações turísticas da região, recebendo diariamente visitantes de várias partes do mundo, de todas as idades, que ficam encantados com as paisagens deslumbrantes que se avistam de lá, incluindo Setúbal, Tróia e, do outro lado, a capital, Lisboa. O principal motivo para o constante fluxo de visitantes é a sua localização e também a sua inclusão em rotas turísticas, o que atrai ainda mais turistas a visitarem o castelo.



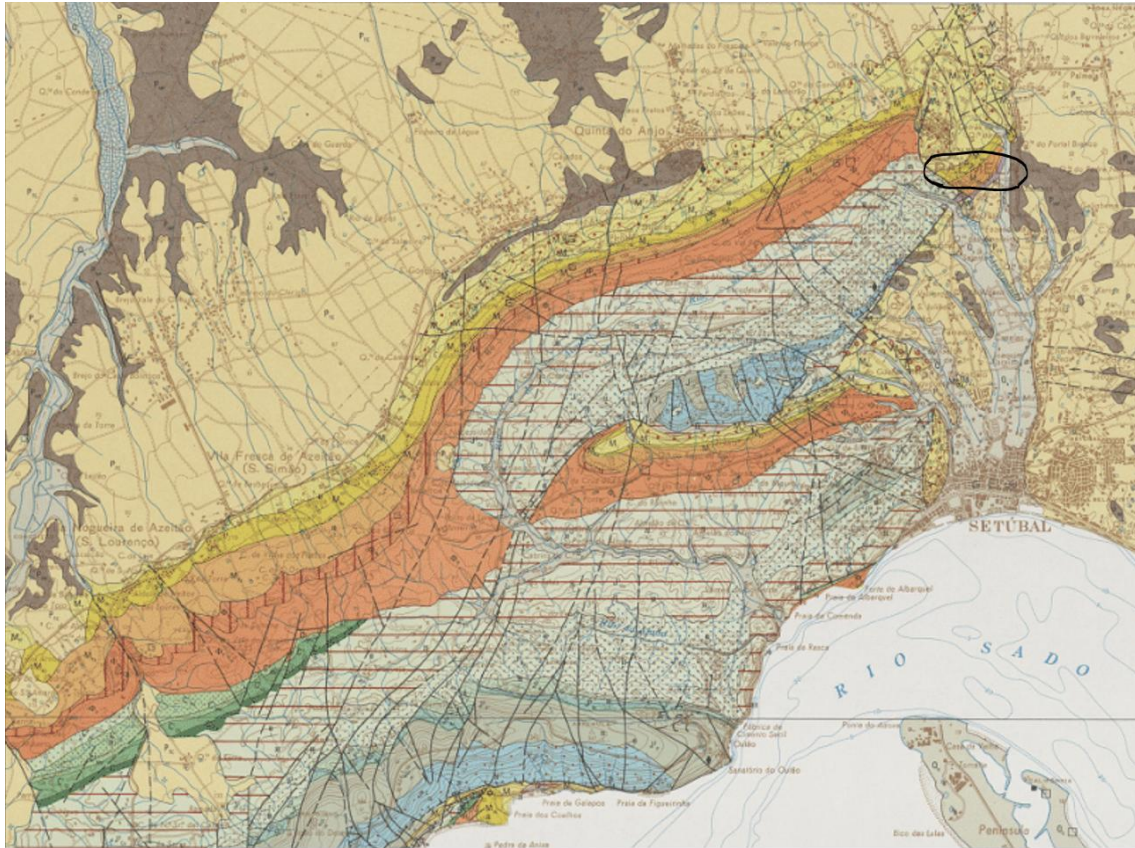
(Figura 2 – Locais turísticos no castelo e em seu redor)

2. Contexto Histórico do Concelho

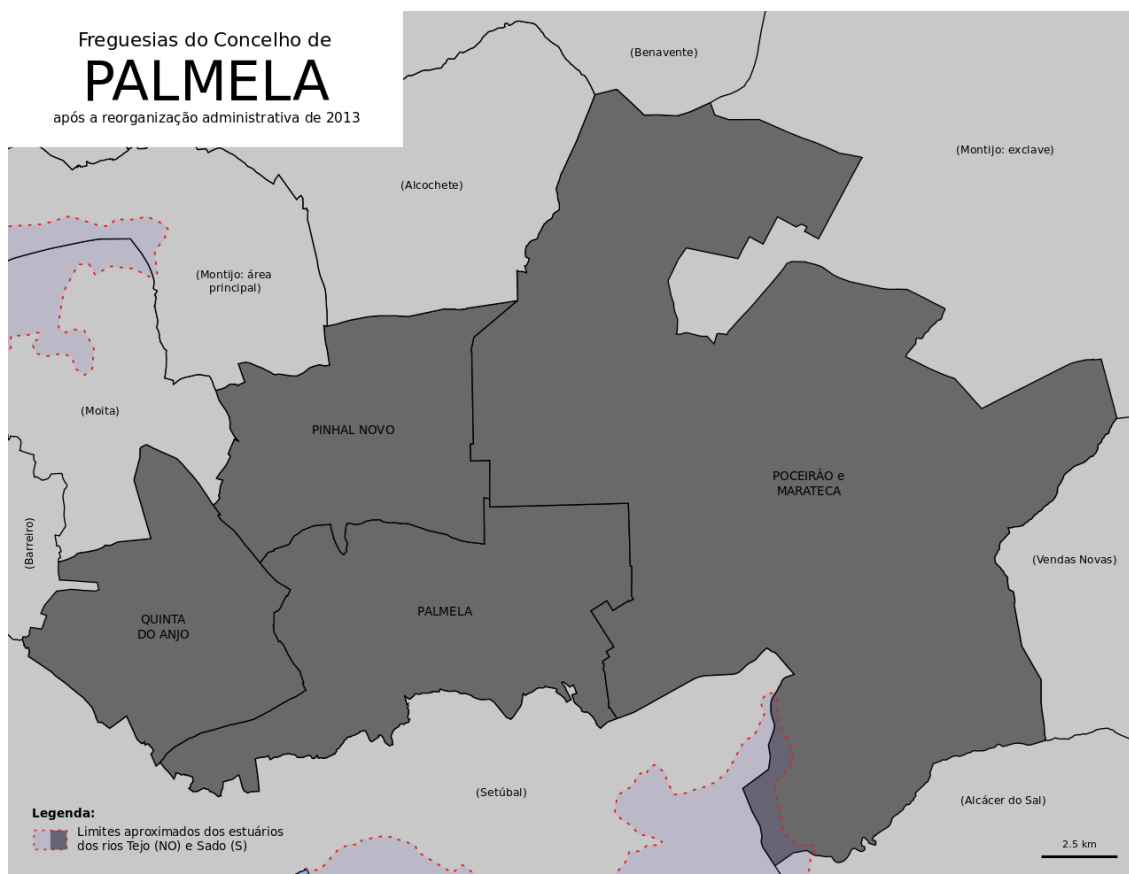
Palmela é uma vila portuguesa, que pertence à península de Setúbal, sendo sede do município que inclui as freguesias de Palmela, Quinta do Anjo, Pinhal Novo, Poceirão e Marateca, o que corresponde a uma extensão total de 465,12 km² de área. Os concelhos que fazem fronteira com Palmela são: Montijo, Setúbal, Moita, Alcochete, Vendas Novas, Alcácer do Sal e Barreiro. Segundo os censos de 2021, o concelho conta com 68856 habitantes.

O município de Palmela tem uma altitude máxima de 378 metros, sendo que na cota dos 240 metros está localizado o seu castelo, erguido durante o período islâmico e utilizado também na *reconquista* cristã nos sécs. XII e XIII. O solo e a paisagem presentes no território são caracterizados pela abundância de matos e pastagens, bem como os seus solos propícios à atividade agrícola correspondentes às capacidades A, B e C. É na freguesia do Poceirão e Marateca que Palmela tem a sua produção agrícola e bovina, pois este município é caracterizado pela sua paisagem semelhante à alentejana, com a existência de grandes herdades rurais, direcionadas para produção de vinho e vinha. Nas outras freguesias a atividade presente é industrial. Palmela encontra-se rodeada por duas bacias hidrográficas, a do Tejo e a do Sado (Fernandes & Santos, 2012,12).

A nível geológico o território é constituído por calcário, e por sua vez os solos individualizam-se por solos calcários e sílico-argilosos, com frequentes areias soltas, os grés e conglomerados compactos com a dominância do quartzo. Devido à sua localização na cordilheira da Arrábida, sofre de condições climáticas mais extremas, sendo bastante afetado por nevoeiros e humidade gerados pelo mar (Fernandes & Santos, 2012,13).



(Figura 3 – Excerto da Carta Geológica nº38; **Fonte:** Instituto Geológico e Mineiro)



(Figura 4 - Freguesias do Concelho de Palmela; **Fonte:** Wikipedia)

Palmela possui um passado histórico extremamente rico, que se estende desde o período pré-histórico até à atualidade, oferecendo assim uma diversidade de vestígios arqueológicos que o refletem.

Entre os vários sítios arqueológicos, alguns locais merecem destaque, encontram-se as grutas artificiais da Quinta do Anjo, do Neolítico final, com utilização até ao Calcolítico onde foram encontrados vários enterramentos, fragmentos de cerâmica, pontas de setas e mais materiais relacionados ao culto dos mortos, inicialmente escavado por António Mendes, e posteriormente por António Inácio Marques da Costa (Mendes, 2015, 90). O Castro de Chibanes, uma antiga fortificação do período Calcolítico que mais tarde teve reutilização romana republicana, escavado por António Inácio Marques da Costa (Silva *et al.*, 2021, 136), e por fim o imponente Castelo de Palmela, que se ergue sobre a vila, sendo este o maior símbolo da história local e um testemunho das civilizações árabe e cristã com a escavação iniciada por Isabel Cristina Fernandes.

Além desses, existem ainda outros sítios significativos, como o Zambujalinho, um local onde podemos entender como funcionava o processo de fabrico das ânforas romanas (Fabião, 2004, 392). Estes locais mencionados e os restantes são essenciais para a compreensão da evolução cultural e histórica de Palmela.

Palmela tem presença humana que remonta ao período Pré-Histórico, especificamente ao Neolítico Antigo. Esta continuidade habitacional é corroborada por diversas provas arqueológicas, sendo as grutas artificiais da Quinta do Anjo um dos principais testemunhos desse passado remoto.

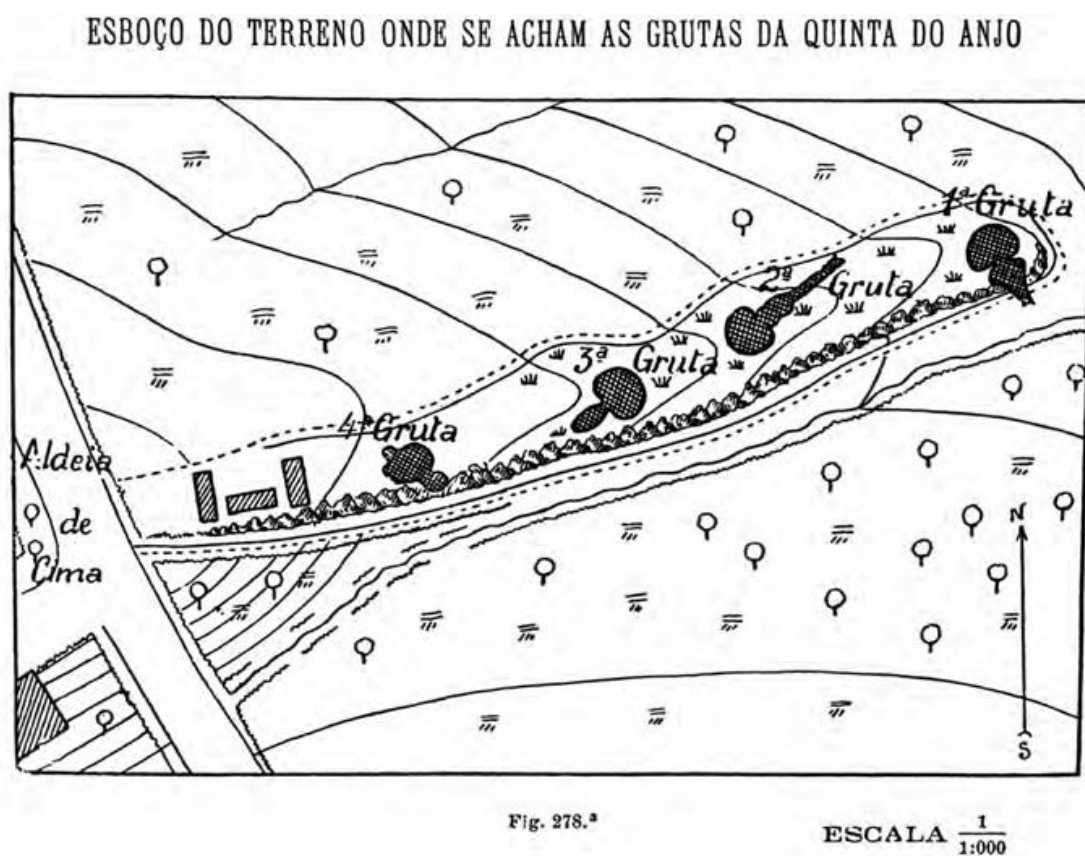
Período Neolítico/ Calcolítico e Romano

As grutas foram inicialmente escavadas por António Mendes em 1876. Posteriormente, em 1906, António I. Marques da Costa retomou as escavações neste sítio arqueológico, encontrando vários artefactos e vestígios osteológicos, posteriormente publicados em 1907, no *Archeologo Português* (Mendes, 2015, 91). Desde então, as grutas da Quinta do Anjo têm sido alvo de pesquisas a nível nacional e internacional, contribuindo para o conhecimento sobre as práticas e modos de vida das comunidades. A nível internacional, merece destaque a publicação do catálogo dos materiais da necrópole, realizada em 1965 por Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, discutindo e o significado destes materiais no fenómeno campaniforme (Cardoso, 2021, 571).

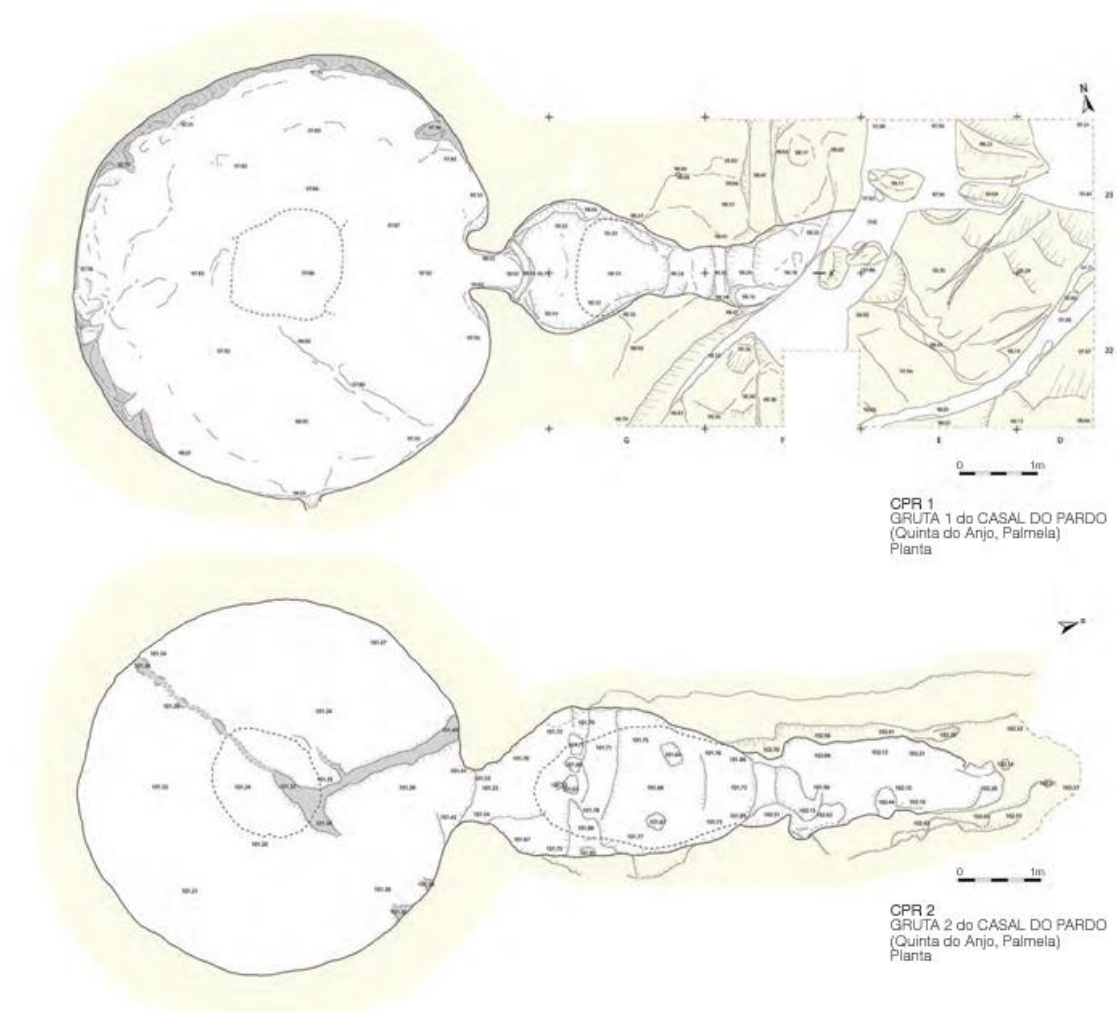
A necrópole da Quinta do Anjo, conhecida também como necrópole do Casal do Pardo, é constituída por quatro hipogeus escavados num afloramento rochoso de calcário do Miocénico (Soares, 2003, 34). Relativamente à sua arquitetura, todos os 4 hipogeus, aparentam a mesma tipologia, com uma câmara funerária de planta subcircular com um diâmetro que varia entre os 4,60 e os 5,50m. A claraboia central, que seria fechada por uma laje, apresenta uma abóboda. A antecâmara tem uma planta oval, com um corredor estreito, em rampa, no sentido da entrada da câmara (Soares, 2003, 36). As sepulturas 3 e 4 sofreram destruição devido à exploração de uma pedreira, durante o século XIX.

O registo dos restos humanos encontrados indicam que estas grutas estiveram em utilização durante aproximadamente 1.500 anos, com a sua fundação no Neolítico final e o seu término na Idade do Bronze, servindo a população pastora e agrícola que habitava a região. Este longo período de utilização revela a importância das grutas como locais de sepultura e rituais funerários, refletindo as práticas culturais e sociais das comunidades

que ali se sepultaram. A pesquisa e documentação destas necrópoles não apenas enriquecem o conhecimento histórico da área, mas também realçam a relevância de Palmela no contexto arqueológico nacional e internacional.



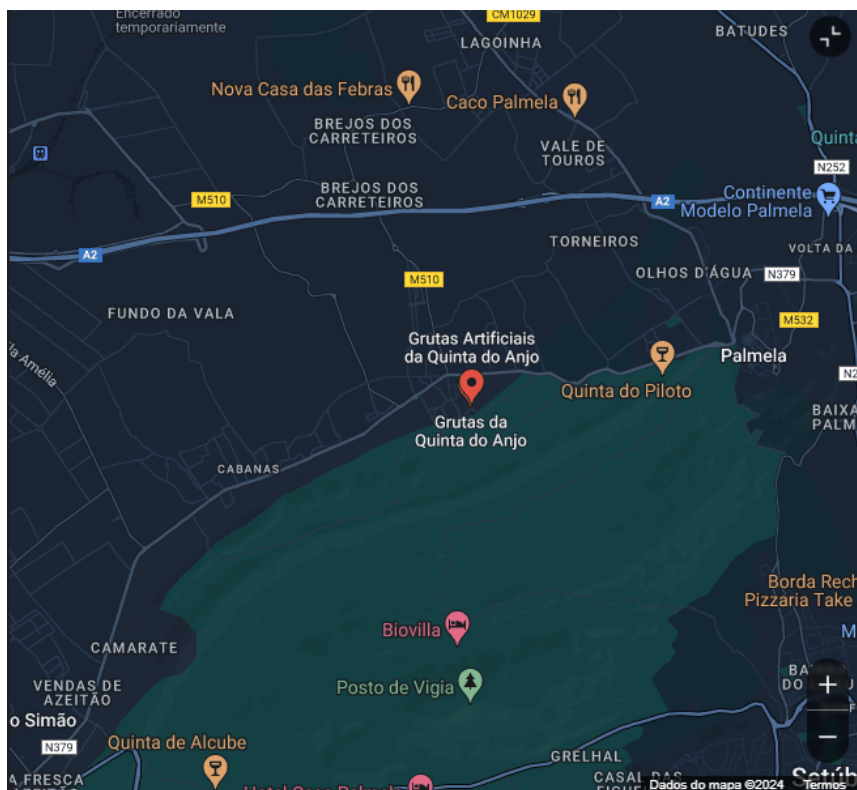
(Figura 5 – As grutas e a sua implantação no terreno; **Fonte:** A. I. Marques da Costa (*O Archeologo Português*, vol. XII, 1907, p. 211)



(Figura 6 – Planta das grutas 1 e 2 da Quinta do Anjo; Fonte: Gonçalves & *alii*, 2018, 17)



(Figura 7 - Gruta 2 da Quinta do Anjo; **Fonte:** Gonçalves *et al*, 2018, 14)



(Figura 8 - Localização das grutas artificiais da Quinta do Anjo; **Fonte:** Google Maps)

O espólio obtido das escavações é vasto e diversificado, incluindo uma ampla gama de artefactos que refletem a riqueza cultural da região. Entre os itens encontrados, destacam-se restos osteológicos, adornos como colares de contas e pendentos, bem como artefactos em pedra polida, como machados, e em pedra lascada, como lâminas. Além disso, foram descobertos elementos em ouro, como um anel, datado do 3º milénio.

Entre os achados mais significativos que colocam Palmela em destaque no contexto arqueológico estão as pontas de seta em cobre, de estilo Palmela. Estas são caracterizadas por apresentarem uma configuração foliácea e pedúnculo mais ou menos curto, ganhando grande notoriedade com a obra de Émile Cartailhac, *Les Âges préhistorique de l'Espagne et du Portugal* (Gonçalves, 2018, 50). Outro achado que também ganhou grande destaque foi a taça estilo Palmela:

reúnem a forma de uma calote esférica baixa, um bordo de lábio espesso decorado com motivos simples ou complexos: desde reticulados a faixas ziguezagueantes... Em certos casos, muito raros, esta decoração geométrica é complementada pela única figuração animal escolhida: veados e corças pertencem a um grupo simbólico que se associa à fertilidade sazonal cíclica, o que o torna especialmente atractivo... (Gonçalves & Santos, 2018, 36).

Para além das grutas artificiais da Quinta do Anjo, destaca-se o povoado fortificado conhecido como Castro de Chibanes. Este sítio arqueológico foi descoberto em 1906 por António I. Marques da Costa.

A análise do espólio e o estudo do sítio levou à conclusão de que o Castro de Chibanes foi construído no III milénio *a.C.*, sendo posteriormente abandonado, e durante o período romano foi reocupado novamente, refletindo a importância estratégica deste local ao longo dos séculos.



(Figura 9 - Localização do Castro de Chibanes; **Fonte:** Google Maps)

Em 1910, António I. Marques da Costa publicou um artigo onde partilhou as suas descobertas no Castro de Chibanes. No texto, escreveu que:

Ainda nestas escavações encontrei, sem disposição alguma estratigráfica ou ordem cronológica, grande número de objectos congéneres de outros, que já descrevi e que reputo neolíticos e da Idade do cobre, por serem muito semelhantes aos que encontrei na Rotura e nas grutas da Quinta do Anjo. (Marques, 1910, 55).

O artigo também apresentou teorias difusionistas, nas quais o autor propôs que certos objetos, como um alfinete em osso, poderiam ter origens comuns em culturas distantes. Marques da Costa estabeleceu paralelos com a cultura egípcia, micénica e outras, argumentando que as influências culturais poderiam ter circulado entre diferentes civilizações da Antiguidade.



(Figura 10 - Castro de Chibanes na atualidade; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)

A possibilidade de existir influência da cultura micénica em diversos objetos como o alfinete acima mencionado e de estes terem chegado à região de Setúbal é uma hipótese que, porventura sugere uma interligação cultural, mesmo numa época em que a região ainda se encontrava numa fase de desenvolvimento. Essa influência, segundo António I. Marques da Costa pode ser observada em diversos artefactos encontrados, como o alfinete em osso descoberto no castro de Chibanes, dando assim a entender e a teorizar que existiu um contacto entre os povos da Península Ibérica e o povo Micénico, e que estes desenvolveram uma rede de trocas ao longo do Mediterrâneo (Silva & Soares, 2012, 69).

Outros artefactos importantes identificados foram as contas de colar, fíbulas e anzóis de barbeta, que não apenas enriquecem o espólio encontrado, mas também oferecem pistas sobre a vida quotidiana das comunidades que habitavam o local. A presença de uma moeda do século I d.C. com a efígie do Imperador Cláudio é especialmente significativa, uma vez que não só atesta a influência do Império Romano na região, mas também sugere um nível de integração nas dinâmicas económicas e políticas da época.

Em 1959, o castro de Chibanes foi reanalisado pelo professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e também arqueólogo Fernando Bandeira Ferreira, que considerava Chibanes como a localização mais provável de *Cetóbriga*, pois este reunia as condições topográficas exigidas pelo sufixo *briga*, possuía ainda ocupações da Idade

do Ferro e da época Romana (Silva & Soares, 2012,70). O autor procede à revisão dos materiais, procurando encontrar espólio romano do Baixo Império e da Antiguidade Tardia. Localiza na coleção Marques da Costa, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia fragmentos de *sigillata* do séc. II d.C. e moedas dos séculos III e IV d.C. encontradas em Chibanes.

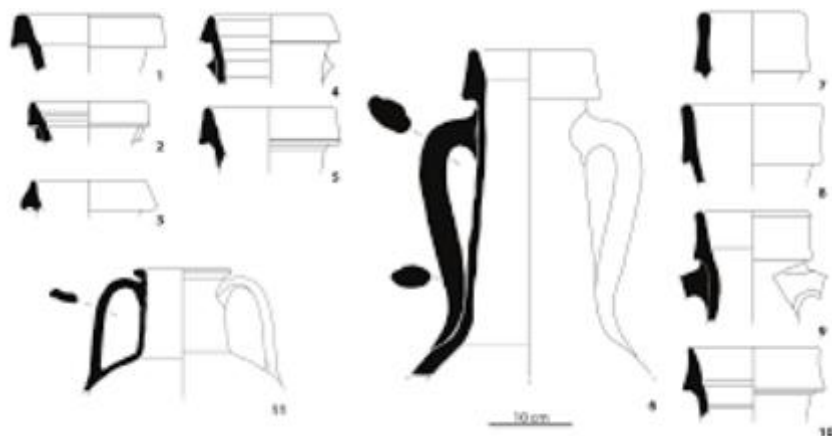
Esses achados não só ampliaram o espólio previamente conhecido, mas também proporcionaram novos dados que enriquecem o entendimento da cronologia e da dinâmica cultural do castro ao longo do tempo.

Este estudo foi imperativo para aprofundar o conhecimento sobre a ocupação e a cultura material do local, pois a cerâmica *terra sigillata*, muito apreciada pelos romanos é um indicativo das interações comerciais e laborais que se estabeleceram aqui na região, enquanto as moedas fornecem uma perspetiva sobre as relações económicas da época.

Seguindo a reanálise de Ferreira, em 1971, a Doutora Manuela Delgado ao preparar um artigo intitulado “*Cerâmica campaniense em Portugal*”, estudou os materiais cerâmicos do Castro de Chibanes. As cerâmicas de Chibanes são referenciadas neste artigo com proveniência genérica de “Setúbal”, sendo uma das cerâmicas da 1ª metade do século III *a.C* do tipo 21, 22 ou 26, duas cerâmicas campanienses A do século I *a.C* e século II *a.C* respetivamente, e uma cerâmica campaniense B da forma 3 dos séculos II-I *a.C*. (Delgado, 1971).

Em 1978, Manuel Maia realizou um estudo aprofundado sobre o espólio anfórico do castro de Chibanes, focando na identificação e classificação das ânforas encontradas. A sua análise revelou que três das ânforas eram de origem cartaginesa, pertencendo à forma *Maña C2b* e datadas dos séculos II e I *a.C*. Essas ânforas são particularmente significativas, pois atestam a presença de rotas de comércio e abastecimento cartaginesas na região, indicando as dinâmicas comerciais e culturais que se estabeleciam entre os povos ibéricos e as potências do Mediterrâneo (Maia, 1978).

As duas restantes ânforas, Maia considerou uma ânfora como sendo da forma *Dressel I*, forma específica de ânfora para o transporte de vinho. Contudo, em relação à última ânfora do espólio, Manuel Maia enfrentou dificuldades na sua análise detalhada, considerando esta de tipologia genérica ibero-púnica pois, a única referência disponível era uma fotografia feita por António Inácio Marques da Costa quando a ânfora foi descoberta (Pimenta, 2019, 49)



(Figura 11 – Exemplos de Ânforas de Chibanes; **Fonte:** Françoise Mayet.)

Em 1998, J. Roque Carreira publicou um abrangente estudo que compila um vasto conjunto de materiais arqueológicos datados do III milénio a.C., os quais foram atribuídos às escavações realizadas por António Inácio Marques da Costa no castro de Chibanes, embora esses materiais estejam desprovidos de um contexto estratigráfico claro.

Os materiais revelam, pela sua tipologia, que o povoado de Chibanes, foi ocupado durante um momento evolutivo do Calcolítico antigo do Horizonte da Cerâmica Canelada (2500 a 2300 a.C), notando a ausência de “copos” neste lote cerâmico. Além disso, identifica a presença do Horizonte da Cerâmica “Folha de Acácia”, um estilo cerâmico que se distingue por padrões decorativos únicos, e do Horizonte Campaniforme, que está especialmente bem representado neste conjunto.

Na verdade, segundo Júlio Roque Carreira, trata-se do “*mais numeroso conjunto deste tipo de olaria exumado até ao presente no território português*” (Carreira, 1998,123), o que ressalta a importância do castro de Chibanes como um local de referência para o estudo da cerâmica campaniforme.

Através das consecutivas escavações, percebeu-se que o Castro de Chibanes vai ser deixado ao abandono, com a consolidação da nova ordem social das chefaturas que emergiram durante a plena Idade do Bronze. Este processo de abandono pode ser entendido no contexto das profundas transformações sociais e económicas que caracterizaram esta época, onde novas formas de organização política começaram a surgir.

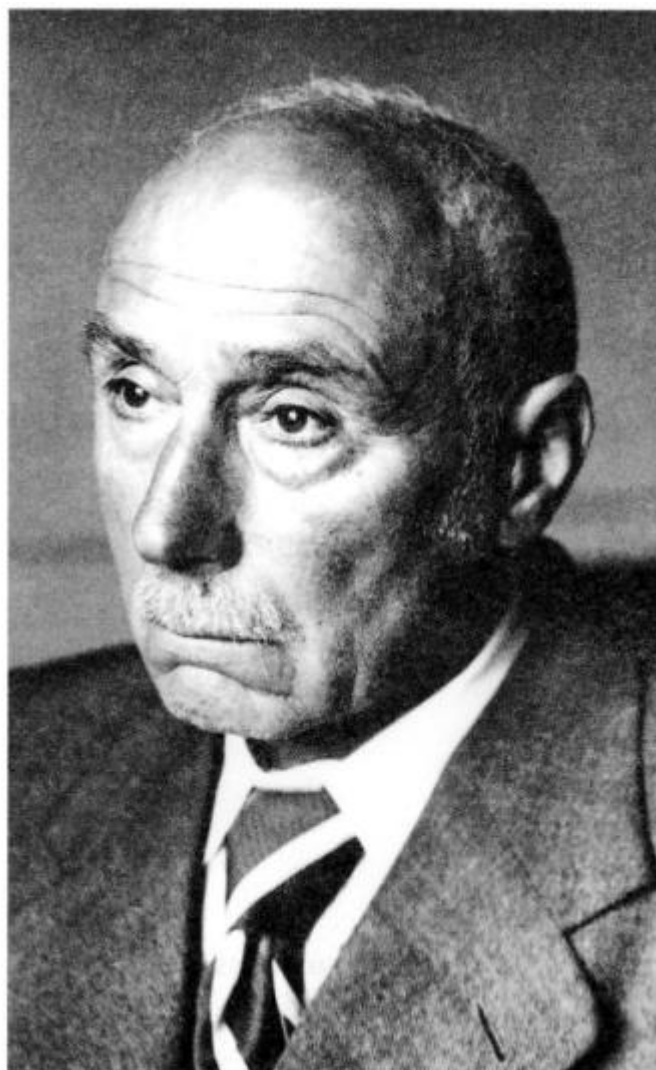
Com a ascensão das chefaturas, as comunidades passaram a ser organizadas em estruturas hierárquicas mais complexas, que favoreciam a centralização do poder e a especialização das atividades, procurando locais que fossem propícios a esta nova estrutura. Esta procura de novos locais para se tornarem futuros núcleos habitacionais levaram a que outros fossem abandonados, como pode ser o caso de Chibanes. As mudanças nas dinâmicas sociais, aliadas ao surgimento de novos centros de poder e à reorganização das redes comerciais, podem ter levado a um declínio na relevância do castro de Chibanes como um núcleo habitacional. O local volta a ser povoado, durante a Segunda Idade do Ferro, imediatamente antes da conquista romana republicana do sítio. (Soares & Silva, 2014, 109)

Entre os anos de 1996 e 2004 decorreram escavações, dirigidas por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, fundador do MAEDS (Museu Arqueológico e Etnográfico do Distrito de Setúbal). Os principais resultados obtidos são a proposta que o sítio arqueológico ocupava uma área com cerca de 300 m² de comprimento, tendo sido intensivamente urbanizado, mantendo uma dinâmica de ocupação bastante ativa, com várias fases de construção e de reorganização, desde o Calcolítico, até ao período romano republicano (Silva & Soares, 2019, 241). Com o estudo dos materiais percebeu-se que este povoado praticou uma economia aberta, assentada na agro-pastorícia, desenvolvendo a caça e o consumo abundante de recursos marinhos. (Detry & Silva, 2017, 126)

Em 2004, Amílcar Guerra procedeu a uma análise sobre a ocupação romano-republicana do castro de Chibanes, tentando enquadrar este no contexto da conquista romana do Ocidente hispânico. Este autor propõe que o sítio de Chibanes possa corresponder ao topónimo *Caepiana*, ou *Castra Caepiana*, mencionado na listagem de Ptolomeu, que catalogava os sítios célticos da Lusitânia. *Caepiana* na Península de Setúbal foi uma teoria primeiro proposta pelo investigador alemão e membro do Instituto de Arqueología y del el Historia de Patria de Módena, Adolf Schulten, especialista em História Antiga.

As fontes literárias constituem, naturalmente, o ponto de partida para este percurso de indagação. O nome, como se sabe, ocorre uma única vez na “literatura” clássica, no elenco geográfico de Ptolomeu, o que constitui uma forte limitação, com importantes repercussões nas duas vertentes do problema. (Guerra, 2004, 220)

Schulten, guiado pela tendência de associação de nomes de lugares com personalidades políticas, defende que *Castra Cecilia* está associada ao cônsul *Quintus Caecilius Metellus Pius*, criando este núcleo durante as guerras sertorianas (Schulten, 1926, pp 67 – 68). Amílcar Guerra, seguindo a mesma linha de raciocínio, defende a associação de *Caepiana* à figura militar de *Quinto Servílio Cepião*. Esta abordagem à história da investigação no sítio de Chibanes revela claramente a sua relevância e complexidade diacrónica (Guerra, 2004, 233).



(Figura 12 – Adolf Schulten; **Fonte:** Wikipedia)

Entre os anos de 2012 e 2017, novas escavações no castro de Chibanes foram dirigidas por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, com a participação de estudantes da Universidade Nova de Lisboa. Esta campanha de escavação trouxe à luz informações valiosas sobre a ocupação e a evolução do sítio ao longo do tempo. As principais conclusões indicaram que o castro passou por três grandes fases de construção,

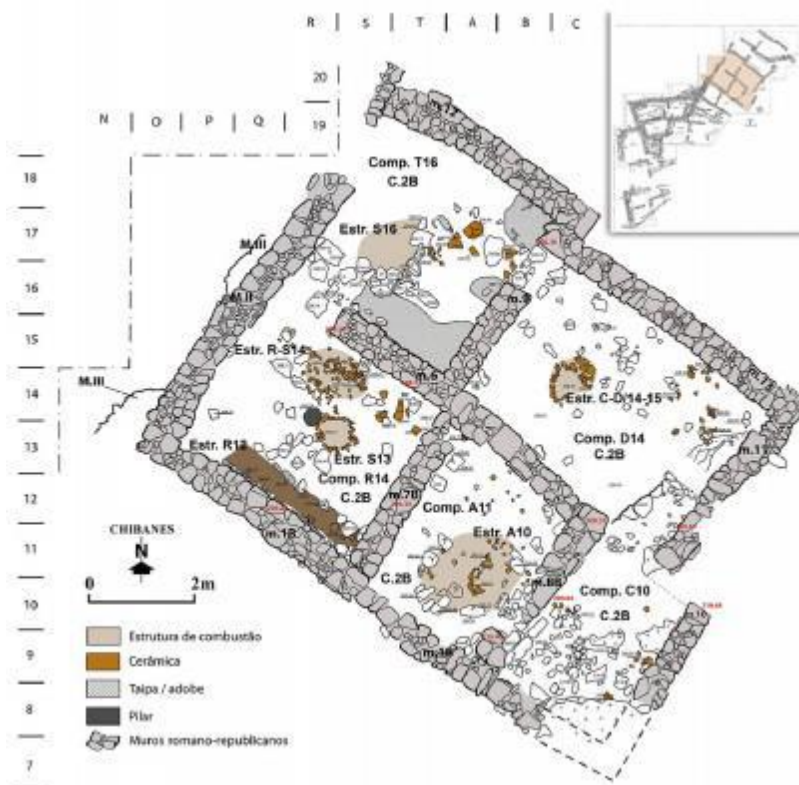
correspondendo aos períodos do Calcolítico, do Bronze Inicial, da II Idade do Ferro e, finalmente, do período Romano Republicano (Silva & Soares, 2019, 279).

Relativamente ao século III a.C., foi descoberto um troço de muralha que se ligava a um complexo defensivo situado na extremidade ocidental do povoado. No que diz respeito ao século II a.C., as escavações revelaram vários edifícios retangulares que acompanhavam a muralha, sugerindo uma evolução na arquitetura e no planeamento urbano. Por fim, do período romano, os arqueólogos foram capazes de identificar a tipologia urbanística, o que oferece uma visão sobre a assimilação e adaptação das técnicas de construção romanas nas estruturas locais, como os compartimentos quadrangulares contíguos, tal como a muralha que os delimitava. O período romano está dividido em duas subfases. A subfase mais antiga é a camada onde estão os compartimentos, provavelmente habitacionais, com plantas quadrangulares. A subfase mais recente está relacionada com o abandono da função militar do local do fortim ocidental, que é segmentado por compartimentos providos de lareiras e em alguns casos de poiais.

O espólio encontrado durante as escavações realizadas entre 2012 e 2017 foi bastante variado, refletindo a diversidade das atividades e da vida no castro de Chibanes. Entre os achados, destacam-se objetos de natureza militar. Existe também, a presença de utensílios ligados à agricultura e à pesca, indicando que a comunidade que habitava no castro dependia de uma economia mista, baseada tanto na produção agrícola como na exploração dos recursos hídricos. Alguns outros achados encontrados foram lucernas. Os achados mais significativos foram os fragmentos de cerâmica de verniz negro itálico, datados entre o final do século II e inícios do século I a.C. (Soares, 2019, 236).

Do período romano, o espólio encontrado no castro de Chibanes é maioritariamente ligado ao mundo militar, como um *pilum* ligeiro de ferro, apresentando uma lâmina em forma de folha de loureiro e uma secção lenticular e uma empunhadura de liga de cobre de um punhal de antenas do “tipo *Santa Trega*”. Este punhal foi considerado um achado de alto valor, pois os punhais de antenas estão meramente associados aos castros galaico-lusitanos, em contextos meridionais (Soares, 2019, 238). No atual território português as espadas e punhais de antenas estão associados a contextos de necrópoles, refletindo a presença e a influência das forças romanas na região.

As cerâmicas de importação, muito menos frequentes, abarcam principalmente as de mesa (de verniz negro itálico e paredes finas) e as de transporte (ânforas itálicas Dressel 1 e imitações produzidas no sul de Espanha, de onde também provieram, sobretudo na Subfase IIIB, a Ovoide 1, do Guadalquivir, e a Maña C2b, da baía de Cádiz). (Silva et al. 2019, 235)



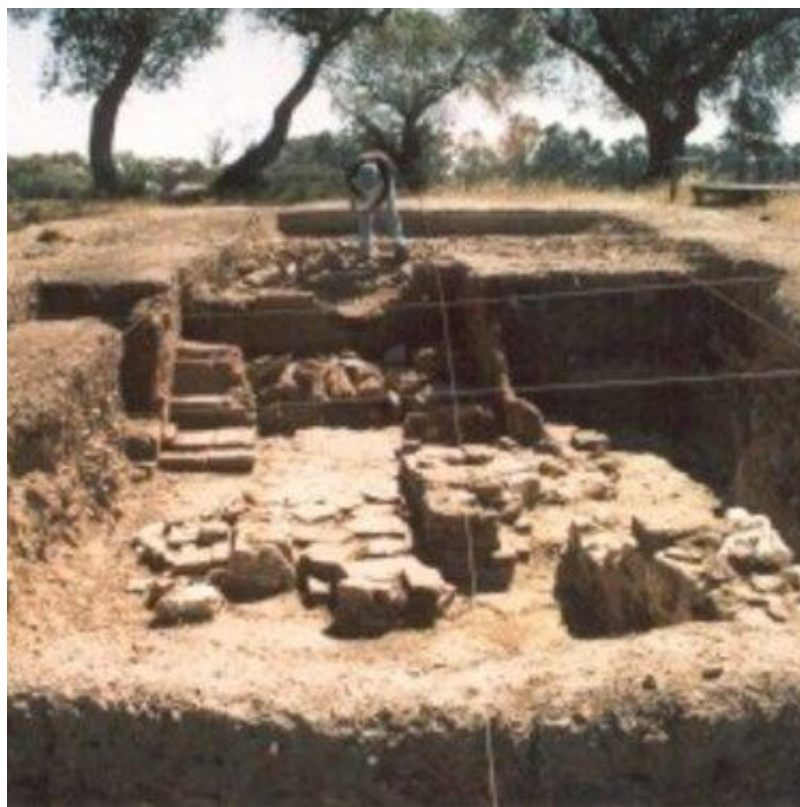
(Figura 13 - Planta de uma das áreas do Castro de Chibanes; Fonte: **MAEDS**)

Por fim relaciona-se a primeira fase de povoamento do Castro de Chibanes com a última fase de utilização das grutas artificiais da Quinta do Anjo, comprovadas como estando associadas uma à outra. Observamos que os elementos ali tumulados eram personalidades de assinalável poder político pois “*são inumados com suas preciosas vestes adornadas por botões de perfuração em V, de marfim, ou por imitações em osso, e acompanhadas por cerâmicas campaniformes de complexos padrões decorativos, por armas em cobre arsenical e adornos de ouro.*” (Soares, *et al.*, 2014, 167)

Do período romano temos ainda, o sítio do Zambujalinho. Este sítio está identificado como uma olaria e foi encontrada em 1989, resultante de várias prospeções e sondagens arqueológicas que decorreram em 1991, “*com particular destaque para o abundante material anfórico, mormente da forma Dressel 14 (uma das asas tem a marca*

VENVS)” (Encarnação, 1996, 222). Foi alvo de sistemáticas escavações, sendo a primeira em 1992, com posteriores intervenções em 1998, 1999, 2001 e 2005. “*Para além de três fornos e zonas de depósito de argilas, armazenamento da produção e despejo de materiais rejeitados, preservam -se no sítio estruturas de natureza residencial e parte de uma necrópole.*” (Raposo, 2012, 97).

Esta olaria produzia ânforas de tipologia Dressel 14 (Lusitana 2) e Almagro 51C, contudo também produzia cerâmica de vasilhame comum (Bombico, 2017, 135). Os estuários do Tejo e do Sado foram em período romano complexos portuários, com locais preparados para a transformação e salga de peixes em ambas as margens do estuário sadino. O Zambujalinho faz parte dessa rede de complexos, disponibilizando ânforas para transportar os preparados de peixe por via marítima. (Carneiro & Bombico., 2016, 24)



(Figura 14 - Sítio Arqueológico do Zambujalinho; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)



(Figura 15 - Localização do sítio arqueológico do Zambujalinho; **Fonte:** Google Maps)

As ânforas produzidas no Zambujalinho tinham como principal propósito o transporte do *garum*, uma pasta de peixe muito apreciada entre os romanos. Este condimento, amplamente utilizado na culinária da Antiguidade Clássica, era frequentemente elaborado a partir de vísceras de peixes e sal, que eram fermentados resultando num molho. O *garum* produzido em Tróia, após ser armazenado nas ânforas, era transportado para Roma e outros locais do Império.

Existe uma ligação significativa entre a olaria do Zambujalinho e o complexo industrial romano de salga de peixe de Tróia, que era um importante centro de fabrico e exportação de *garum* na região. A proximidade geográfica entre os dois locais e os artefactos arqueológicos, sugerem que as ânforas produzidas no Zambujalinho eram utilizadas em Tróia, onde o *garum* era posteriormente exportado. *“A produção anfórica do Zambujalinho, tal como a de outras olarias da região, seria em boa parte absorvida pelo complexo industrial que se localizava em Tróia (foz do Sado), especializado na produção destes preparados piscícolas.”* (Câmara Municipal de Palmela. (n.d.). *Zambujalinho: Património arqueológico*. <https://www.cm-palmela.pt/viver/museu-e-patrimonio/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/zambujalinho>).

Período Islâmico e Medieval

Com o fim do Império Romano do Ocidente, a região de Palmela passou a ser marcada pela presença muçulmana, que deixou um legado arqueológico muito significativo. Neste contexto, são destacados três sítios arqueológicos: o Alto da Queimada, o Castelo de Palmela e os silos encontrados na Rua de Nenhures.

Devido ao peso que o estudo dos materiais recolhidos nos silos na Rua de Nenhures, o seu inventário e o estudo das pastas empenharam no meu estágio, o contexto deste sítio arqueológico bem como as restantes atividades como a análise detalhada dos silos irão ser tratadas separadamente em outro capítulo. Assim sendo, este capítulo terminará com os sítios arqueológicos do Alto da Queimada e do Castelo de Palmela.

O Castelo de Palmela, com a sua imponente estrutura, não só servia como fortificação militar, mas também desempenhava um papel crucial na administração da região. Por outro lado, o Alto da Queimada, é um sítio que se destaca pela sua relevância arquitetónica, apresentando o que muitos acreditam como sendo a mesquita mais antiga da região de Palmela.

O Alto da Queimada foi identificado por António I. Marques da Costa, nos inícios do século XX, enquadrando-o como sendo do período Pré-Histórico (Machado *et al*, 2012, 135). Contudo na década de 90, foi realizada uma intervenção que reconheceu o local como sendo do período islâmico e não do período Pré-Histórico. Este local encontra-se na Serra do Louro, muito próximo do castro de Chibanes. Mais tarde em 1998, o potencial de escavação no Alto da Queimada foi justificado, com a inclusão deste no projeto de investigação “Muçulmanos e Cristãos na península da Arrábida: o castelo de Palmela e a ruralidade envolvente”, sendo alvo de escavação entre 1998 e 2005. Este projeto foi dirigido por Isabel Cristina Fernandes com a colaboração de António José Teixeira Colaço Rafael Carvalho.

“através de uma intervenção de emergência, desenvolvida pelos Serviços de Arqueologia da autarquia de Palmela se reconheceu concretamente a realidade cronocultural do sítio. Mais tarde, o potencial científico do arqueosítio justificou a sua inclusão no projecto de investigação...”. (Machado *et al*, 2012, 135)

Foi identificada como sendo uma alcaria e habitada por uma comunidade camponesa, desde a fase emiral até aos inícios do século XI *d.C.* No que toca à organização, a alcaria apresenta um conjunto de habitações, de aparelho em pedra grosseiro, especificamente calcário, associado a paredes com fundações talhadas no afloramento rochoso. Estão definidos espaços com funções ligadas ao quotidiano agropastoril, como áreas de armazenamento, e também com outro, de cariz religioso.

A alcaria desenvolve-se seguindo um alinhamento no sentido Este-Oeste, com as construções a serem levantadas de modo linear, marcadas pela orientação da parede a

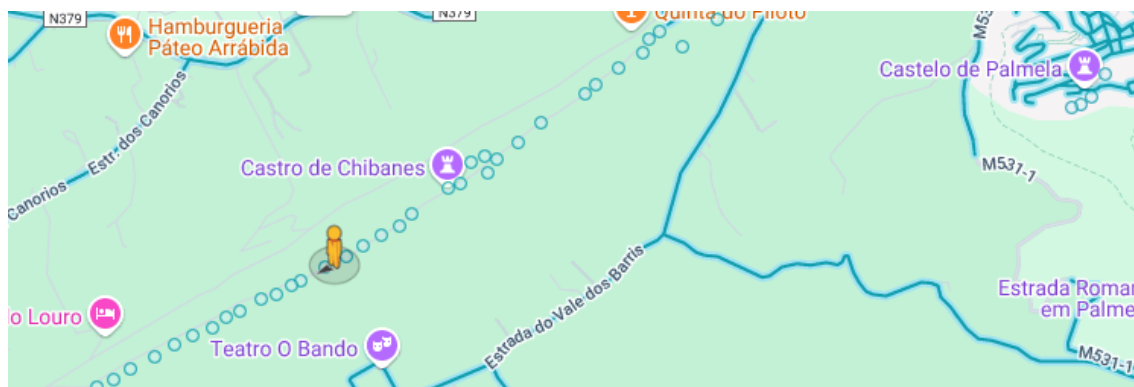
norte (Machado *et al* ,2012, 136). Por sua vez, talhada no afloramento de calcário, estão alinhadas as habitações e outras dependências com diversas funcionalidades. No que concerne às habitações, estas apresentam uma planta retangular, de aparelho construtivo simples, “(...) *constituído por blocos de pedra ligados por terra e pedra miúda ou os alinhamentos obtidos através de grandes blocos de calcário, associados a paredes obtidas através do talhe da rocha local.*” (Machado, *et al.* 2012, 136)

No interior do povoado é possível observar a existência de áreas de utilização variada, que refletem a vida quotidiana da população que aqui habitava. Entre os espaços identificados, destacam-se os destinados ao armazenamento de provisões, onde se guardavam alimentos como peixe e pão e outros alimentos que garantiam a segurança alimentar da comunidade.

Além dos compartimentos destinados a atividades produtivas, existem também as áreas que se destinam estritamente ao uso habitacional, onde as famílias residiam. Adicionalmente, o povoado inclui compartimentos relacionados com a prática religiosa, como a presença de uma sala de oração, onde os muçulmanos aprendiam a ler o Alcorão e a escrever o alfabeto árabe. Foram achados, dois fragmentos de omoplatas de bovívoro contendo a inscrição “*Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso*”, bem como dois rolinhos de chumbo com conexão religiosa. (Gonçalves, 2020, 119)

A economia predominante no Alto da Queimada era a agrícola e pastoril, e isto é evidenciado pelos instrumentos agrícolas recolhidos, contudo foram também recolhidos utensílios de outras atividades como pesca, que é justificada pela proximidade do sítio ao estuário do Sado. Segundo Isabel Fernandes na obra *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*, existe uma ligação fiscal e política e administrativa entre o castelo (*hisn*) de Palmela e a comunidade do Alto da Queimada (Fernandes, 2004, 278).

O Alto da Queimada, após o seu abandono e devido à sua localização e à altura em que se encontra é um dos sítios arqueológicos, que tal como Chibanes, enfrenta constantes problemas de conservação, restauro e de manutenção. Por esse mesmo motivo, já foi alvo em 2012 de um projeto de conservação e restauro.



(Figura 16 - Localização do sítio arqueológico do Alto da Queimada; **Fonte:** Google Maps)



(Figura 17 - Sítio Arqueológico do Alto da Queimada; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)

O próximo e último sítio arqueológico deste capítulo é o Castelo de Palmela, o principal ponto turístico da região. Este castelo tem as suas origens no período de ocupação muçulmana, refletindo a rica herança multicultural da Península Ibérica. A estrutura é marcada pela presença de duas linhas de muralhas distintas: a cerca medieval, que servia como primeira linha de defesa, e a muralha abaluartada, construída para reforçar a fortificação já em período moderno.

A Alcáçova, por sua vez, apresenta uma forma retangular, ainda que de contornos irregulares, adaptada à topografia do terreno. A noroeste da Alcáçova ergue-se a torre de

menagem, símbolo de poder e em caso de conflito o último ponto de defesa e encostada à torre encontram-se as ruínas da antiga igreja de Santa Maria.

Ao seu lado, encontramos a igreja de Santiago, de grande valor histórico e artístico, onde se preservam elementos tardo-góticos. Junto a esta estrutura localiza-se também a atual Pousada de Palmela, que ocupa o edifício que outrora foi o Convento de Santiago (Cardoso & Fernandes, 2012, 211).

Através das escavações arqueológicas, chegou-se à conclusão de que o castelo apresenta presença desde o período Omíada até ao período da reconquista. *“A previsível presença islâmica foi confirmada de forma absoluta, abundantemente testemunhada por materiais do quotidiano e por restos de edifícios, na maior parte das vezes registados em contexto e balizados entre os séculos VIII-IX e XII”*. (Cardoso & Fernandes, 2012, 212)

O castelo de Palmela, inicialmente dominado pelas forças islâmicas, foi tomado pelas forças portuguesas, durante o reinado de D. Afonso Henriques, após a conquista de Lisboa, em 1147. No entanto, a posse inicial do castelo por D. Afonso Henriques não garantiu de imediato a sua tomada permanente, uma vez que os muçulmanos que fugiram de Palmela, reorganizaram-se em Alcácer do Sal e retaliaram, conquistando novamente a margem sul do rio Tejo. O exército cristão reconquista novamente Palmela em 1158 e em 1165.

Em 1185, com a subida de D. Sancho I ao trono, o castelo de Palmela, bem como toda a zona de Palmela, foram entregues à ordem militar de Santiago, recebendo um foral, tal como Alcácer e Almada. Mesmo assim, Palmela volta a ser perdida, pelo califa Almançor, após este ter reconquistado o território do Algarve, e consequentemente ter conquistado as zonas de Palmela, Alcácer e Almada. A definitiva reconquista cristã em Palmela dá-se em 1205, e o castelo de Palmela torna-se na sede da ordem de Santiago. (Fernandes, 2012,1)

No séc. XVI, com D. Jorge, filho bastardo do Rei D. João II, e o último mestre da ordem de Santiago, o castelo e o seu convento beneficiam de alguns melhoramentos. A conclusão destas obras ocorreu nos inícios do séc. XVIII. A partir de 1841, o castelo de Palmela, tornou-se na residência do oficial da marinha e explorador do continente africano Hermenegildo de Capelo, pois o seu pai, Félix António de Brito Capelo, era o governador.

permaneceram *in situ*. Esta abordagem de conservação garante que os elementos arqueológicos sejam mantidos no seu contexto, respeitando a integridade histórica do espaço. A galeria 4 apresenta um conjunto de estruturas, cuja função ou origem não é detalhada, por baixo da muralha islâmica, porém com o espólio recolhido, apresenta datação para períodos tardo-romano/visigótico (Fernandes, 2004, 104). A galeria 5 destaca-se pela presença de uma descontinuidade nas suas estruturas, a qual foi interpretada como uma antiga porta (Fernandes, 2004, 100).

Na igreja de Santa Maria foram feitas descobertas significativas, incluindo várias estruturas circulares localizadas a uma profundidade entre 30 e 40 cm, construídas em pedra e unidas com uma argamassa de areia e cal. Estas estruturas são identificadas como um conjunto de colunas que sustentavam o telhado da igreja (Fernandes, 2004, 131).

No interior da igreja foi descoberta uma estrutura perfeitamente circular, construída com pedras irregulares, que parece indicar a presença de um poço (Fernandes, 2004, 133). Esta estrutura sugere que, no passado, a igreja poderia ter contado com um sistema de abastecimento de água. Além da estrutura do poço, foram encontradas várias sepulturas no espaço da igreja.

Relativamente à Torre de Menagem, foi observada uma acumulação de entulho que atingia cerca de 9 metros de altura, no interior da torre. Apesar da grande quantidade de materiais presentes, não foram recolhidos espólios arqueológicos significativos. Contudo, os estudos realizados permitiram identificar que a torre possuía um formato quadrangular.

Além disso, foi identificado um sistema de drenagem de águas, composto por três canais. Dois provinham da igreja de Santa Maria, evidenciando uma interligação entre os espaços, possivelmente para garantir a gestão das águas pluviais ou de outros líquidos que poderiam acumular-se. O terceiro canal estava localizado num muro adjacente e direcionava-se a partir das galerias, criando assim uma rede de drenagem que convergia no interior da sala da torre (Fernandes, 2004, 143). Acredita-se que a torre terá servido também como masmorra até à sua desativação aquando do terramoto de 1755.



(Figura 19 - Torre de Menagem do Castelo de Palmela; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)

Em 1998, retomaram-se os trabalhos arqueológicos no castelo, prolongando-se até 1999, dirigidos outra vez por Isabel Fernandes. As áreas de estudo desta intervenção foram na zona da alcáçova, na igreja de St^a. Maria. Os resultados obtidos na galeria 1, atualmente a sala 3 do núcleo de arqueologia do Museu Municipal, foram registadas três sepulturas, G1-6, G1-7 e G1-8.

Na sepultura G1-6, que se estendia para leste, por baixo da parede da sala, permitiu registar o crânio e parte da coluna vertebral de um indivíduo. As restantes sepulturas encontravam-se na camada seguinte, apresentando uma forma retangular, formada por enquadramentos de pedra irregular e cabeceira definida por uma pedra na vertical. A sepultura G1-7 é a que apresenta melhores condições de conservação, revelando um indivíduo de estrutura considerável. Por fim a sepultura G1-8 apresentava marcas de violação, pois os ossos estavam dispostos de forma anárquica (Fernandes, 2004, 84). Nenhuma das sepulturas apresentava espólio arqueológico.

A identificação de vestígios islâmicos no exterior da zona da alcáçova, junto à igreja de Santa Maria, permitiu reconhecer dinâmicas de ocupação posteriores à Reconquista, nomeadamente durante os séculos XIII e XIV. Estes indícios apontam para uma progressiva afirmação da presença cristã naquela área, onde o templo de Santa Maria terá sido erguido nesse período ou resultará da reestruturação de um edifício religioso

preexistente.

(<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=2591771>).

Atualmente, está instalado nas ruínas da antiga sacristia o Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago. O principal objetivo é a promoção da investigação historiográfica na área das Ordens Militares, divulgando o património histórico, edificado e documental e estabelecer um apoio na edição e publicação de trabalhos de investigação nesta área. Todos os anos é realizado um Encontro/Curso sobre as Ordens Militares. Em 2024, realizou-se o 19º curso que decorreu entre os dias 3, 4 e 5 de maio, com o subtema de *“Arte e Arquitetura das Ordens do Templo – Cristo e do Hospital – Malta”*.



(Figura 20 - Ruínas da Igreja de St^a. Maria e Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)



(Figura 21 - Aspeto do exterior da Igreja de Stª. Maria antes da sua reabilitação como Gabinete de Estudos da Ordem de Santiago; **Fonte:** DGPC)

Em 1999, as escavações, novamente dirigidas por Isabel Fernandes, foram focadas na galeria 1, concentrando-se, desta vez, na zona sul. Durante estas escavações, foram atingidos cerca de 130 cm de profundidade, ultrapassando as sepulturas que haviam sido escavadas no ano anterior. Este trabalho resultou na recolha de algumas cerâmicas datadas entre os séculos XIII e XVI, mas também foram recolhidos fragmentos provenientes da última fase de ocupação islâmica no castelo.

O sedimento encontrado apresentava uma coloração castanho claro e continha uma quantidade significativa de pedras de dimensões médias e pequenas. Esta composição sedimentar pode fornecer pistas sobre as condições ambientais e as atividades humanas no local durante os períodos de ocupação.

O objetivo principal da campanha de escavações de 1999 visava obter um entendimento mais profundo da sequência dos níveis islâmicos presentes na galeria, bem como a integração cultural do muro de tendência hexagonal que foi registrado na camada mais recente.

Atualmente, em algumas das galerias do castelo, encontra-se em funcionamento o Museu Municipal. Enquanto se visitam as galerias os visitantes têm a oportunidade de observar não só o resultado das escavações arqueológicas que foram realizadas no próprio castelo, como também artefactos de outros sítios arqueológicos, expostos em vitrinas.



(Figura 22 - As Galerias da praça de armas do castelo; **Fonte:** DGPC)

Entre os anos de 2001 e 2004, realizaram-se novas campanhas de escavações arqueológicas no castelo, que se concentraram exclusivamente na área da praça de armas, também conhecida como alcáçova. Estas intervenções arqueológicas foram novamente lideradas por Isabel Fernandes.

Em 2001, um dos resultados mais significativos foi a descoberta da linha de muralha interna, que fazia parte da muralha norte e se estendia até à torre de ângulo. Outro achado importante registado durante estas escavações foi a identificação de uma lixeira datada da segunda metade do século XII até ao início do século XIII. Esta lixeira revelou sinais evidentes de um incêndio, sugerindo a ocorrência de um evento catastrófico ou de destruição no local. O material encontrado na área da lixeira consistiu em fragmentos de fauna e de cerâmica, tanto islâmica como cristã.

Em 2002 os resultados permitiram um melhor entendimento da lixeira, que abrange a segunda metade do século XII e o início do século XIII. Esta análise revelou elementos que ajudam a enquadrar as últimas presenças islâmicas na área, bem como a identificar duas fases distintas de ocupação cristã. A primeira fase ocorreu entre 1165 e 1191, enquanto a segunda fase se estendeu de 1194 até às primeiras décadas do século XIII. Junto à muralha nascente, foi possível observar uma realidade semelhante em termos de ocupação e uso do espaço, embora prolongada até ao século XIV.

No ano de 2003 foi feita uma escavação junto à torre a nordeste, e segundo os dados obtidos pela estratigrafia, estamos perante níveis da 2ª metade do séc. XII, com 8 níveis, seguindo-se um estrato com espólio islâmico dos sécs. XI e XII, bem como uma estrutura que permitiram entender que aquele local teria sido uma forja. Por fim, em 2004 foi realizada uma última escavação que incidiu na forja descoberta no ano anterior, e definir o limite de um fosso e do seu enchimento.

O enchimento do fosso, isto é, os sedimentos e materiais que se acumularam dentro dele ao longo do tempo, revelou uma sequência ocupacional clara, que ajudou os arqueólogos a definir as diferentes fases de utilização e transformação do castelo. Além disso, a escavação trouxe à luz um conjunto significativo de cerâmicas islâmicas e cristãs, cujas características revelam a elevada qualidade das importações que chegaram ao castelo ao longo da sua história. Este achado reforça o que já havia sido identificado em escavações anteriores na área urbana adjacente ao castelo, sugerindo que tanto o castelo como a sua envolvente partilhavam um papel importante no comércio regional e internacional.

A escavação do fosso-poente permitiu reconhecer essa estrutura, que limitava e defendia o castelo pelo lado norte e que se encontrava atestada numa planta de finais do séc. XVIII. O enchimento do fosso permitiu revelar a sequência ocupacional do castelo e a qualidade das importações cerâmicas, já anteriormente identificada também para a área urbana.

(<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=2593198>)

Com os materiais aqui recolhidos, pensa-se que provavelmente esta estrutura defensiva foi construída nos finais do séc. XI, ou mesmo já durante o séc. XII. Relativamente à forja, esta foi datada entre os finais do séc. X e XI.

Creemos estar perante uma área oficial de laboração do ferro, na fase processual pós-redução do metal, recorrendo à martelagem a quente do metal, ao reaquecimento e tempero do metal. Esta atividade metalúrgica é concordante, para o séc. XII, com os contextos de guerra e a recolha de vários elementos de armamento em ferro são disso também testemunho.

(<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos&subsid=2593198>)

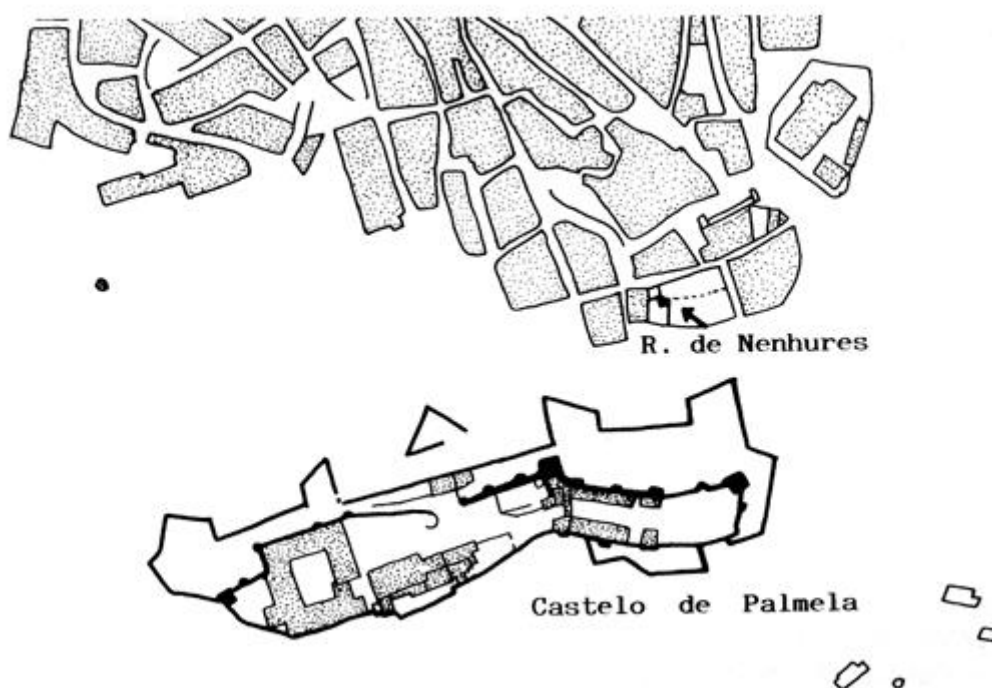


(Figura 23 – Castelo de Palmela, escavação na alcáçova; **Fonte:** DGPC)

2.1. Contextualização dos Silos da rua de Nenhures

Como referido anteriormente, o objetivo central deste estágio foi o estudo do espólio recolhido nos silos da rua de Nenhures, sítio arqueológico próximo do castelo e estudado desde 1988. Neste sítio existia um quintal, onde a autarquia planeava implantar um depósito de água. Iniciaram -se as obras, tal como a remoção de terras e só após a recolha de alguns materiais à superfície é que se iniciou uma intervenção de emergência no local, de acordo com os Serviços Regionais de Arqueologia do Sul e com o apoio financeiro e logístico da Câmara Municipal de Palmela (Fernandes & Carvalho, 1997, 279).

As escavações arqueológicas na rua de Nenhures ocorreram em diferentes fases, iniciando-se em 1988, para a construção de um depósito de água, e continuando em 2003 e 2009. Durante a primeira fase, na zona denominada como Plataforma I, foram descobertos cerca de 30 silos, que revelaram uma rica evidência da ocupação humana na área, assim como um forno moderno do séc. XVII destinado à produção de cerâmica vidrada, indicando a continuidade das atividades artesanais ao longo do tempo. Na segunda fase das escavações, em 2003, as investigações concentraram-se num complexo industrial com várias fases de ocupação entre os séc. XIII e o séc. XVIII (Fernandes & Santos, 2008, 69). Estudou-se também uma cave abobadada, da qual restaram apenas os arranques dos arcos e uma escadaria em pedra. O trabalho arqueológico desenvolvido em Palmela desde de 1988 é muito focado no espaço urbano, e inclui além dos programas de salvamento urgente, os acompanhamentos de obras públicas e particulares e ainda recolhas dispersas na superfície.

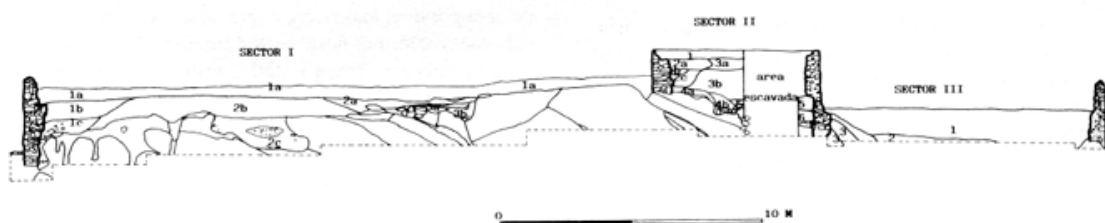


(Figura 24 - Localização da Rua de Nenhures; **Fonte:** Setúbal Arqueológica, Vols.11 – 12, 1997, 280)

A intervenção arqueológica de 1988 teve início com um estudo de um corte de 42 metros, que foram revelados quando as máquinas começaram a preparar o sítio para a construção do depósito de água. Para a leitura estratigráfica do sítio, dividiu-se a área em três setores (Fernandes & Carvalho, 1997, 279).

No que foi denominado de setor I, os arqueólogos conseguiram identificar vários níveis de entulhos de cerâmica, que datam dos séculos XVIII e XIX, encontrados na camada 2. A presença destes artefactos sugere que a área tinha uma atividade intensa e contínua durante estes períodos, refletindo as práticas de consumo e a vida quotidiana das comunidades que ali habitavam. *“Da leitura estratigráfica dos três sectores em que foi dividido o corte, obtivemos, no sector I, níveis de deposição de entulhos, com vestígios de cerâmica dos sécs. XVIII-XIX na camada 2.”* (Fernandes & Carvalho, 1997, 279).

O setor I apresenta ainda duas grandes bolsas escavadas nas camadas geológicas, constituídas por argila. *Um conjunto de pedras e cimento sugere a existência de um muro.”* (Fernandes & Carvalho, 1997, 279). No setor II, os níveis de entulho continuam a ser dominantes até à camada 5, sendo esta já formada por sedimentos finos de deposição sem apresentar quase nenhuma cerâmica. A camada 6, apesar de possuir espólio, remontando ao séc. XV, apresenta-se como sendo uma camada muito complexa e de pouca leitura, devido aos sucessivos derrubes dos estratos superiores, muito devido às chuvas. *Quase que na base desta camada registou-se um conjunto de pedras que sugeriram uma construção.”* (Fernandes & Carvalho. 1997, 279).



(Figura 25 - Perfil dos setores I, II e III; **Fonte:** Setúbal Arqueológica, Vols.11 – 12, 1997, 280)

Com base nos dados obtidos durante as escavações, foi possível concluir que uma grande parte do corte, especialmente no setor I, tinha sido previamente utilizada como um depósito para uma vasta quantidade de entulhos, provenientes, em grande parte, de construções habitacionais que ali se ergueram. O setor II, como reuniu os melhores indicadores para a melhor compreensão da ocupação humana do sítio arqueológico, foi o setor que mais foi intervencionado. A área total escavada era de 19 m² e alcançou uma potência estratigráfica de 3,4 metros, permitindo assim o registo de sete camadas arqueológicas, com alguns subníveis.

A camada 1A apresentava uma espessura de entre os 50 a 70 cm e uma terra humosa de cor cinzenta clara, revolvida pela atividade agrícola, com espólio de finais do

séc. XVII até ao séc. XX, apresentando também alguns vestígios de fauna. A camada 2, por sua vez apresenta uma espessura entre os 20 a 60 cm e apresenta-se dividida em dois subníveis: 2A com espessura entre os 20 a 50 cm, sendo esta um nível de deposição, de terra arenosa, riquíssima em matéria orgânica, e espólio semelhante à camada 1.

A camada 2B, é uma pequena bolsa de deposição, entre os 0 a 50cm, define-se em relação à camada 2A por apresentar uma cor mais clara.

A camada 3, formada por areia enriquecida por matéria orgânica, apresenta uma espessura entre os 30 a 75 cm. É a camada com o maior conjunto de fragmentos de cerâmica recolhidos, e foram recolhidos também 2 ceitis de D.Manuel I, 2 ceitis de D. João III, 1 ceitel de D. Afonso V e um possível real de D. Sebastião (Fernandes & Carvalho, 1997, 280). Interpreta-se esta camada como tendo sido uma lixeira.

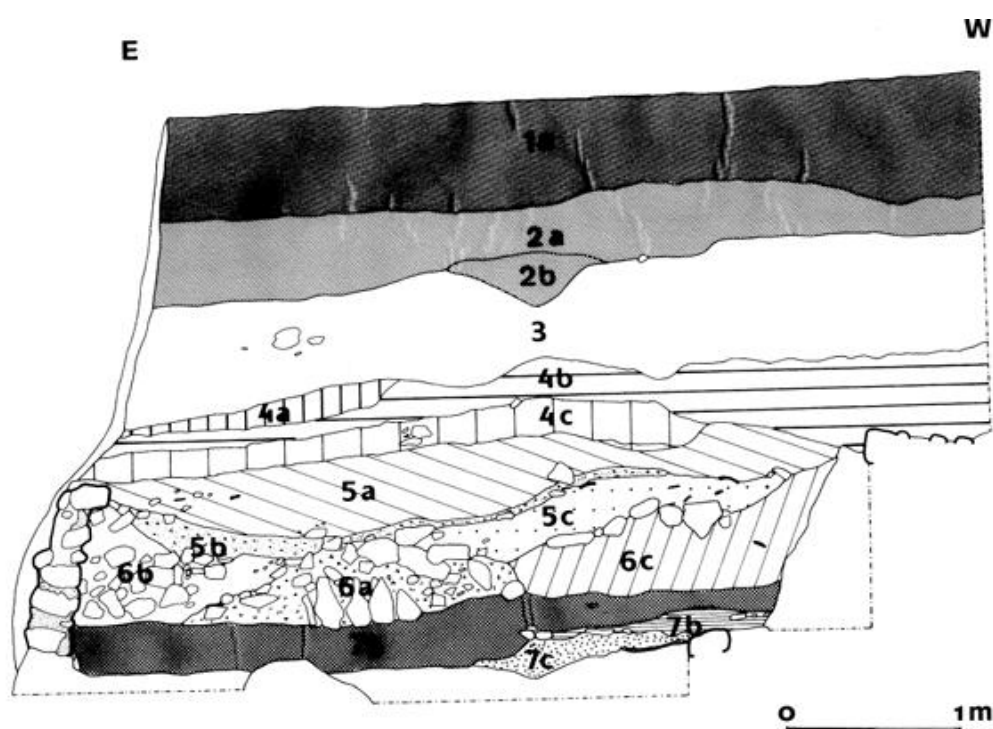
A camada 4, com espessura de 30 a 55 cm encontra-se dividida em 3 subníveis: 4A, com espessura entre os 6 a 18 cm, é um nível de deposição, que resultou no depósito de sedimento arenoso levemente argiloso, de cor amarela, o espólio apresentava características diferentes das restantes pois apresentava a particularidade de ser rolado. Característica que não se repete nas restantes camadas (Fernandes & Carvalho, 1997, 280). A camada 4B, de espessura de 10 a 55 cm é um sedimento de cor amarela e levemente argiloso, possui também pouco espólio.

Por fim a camada 4C com espessura de 0 a 30 m é uma camada de sedimento arenoso também levemente argiloso, de cor amarela escura, e o espólio traduz-se a algumas telhas e a uma pequena camada de cinzas, onde se recolheram três moedas: 1 ceitel de D. Afonso V, 1 ceitel de D. João II e uma moeda de cobre ilegível.

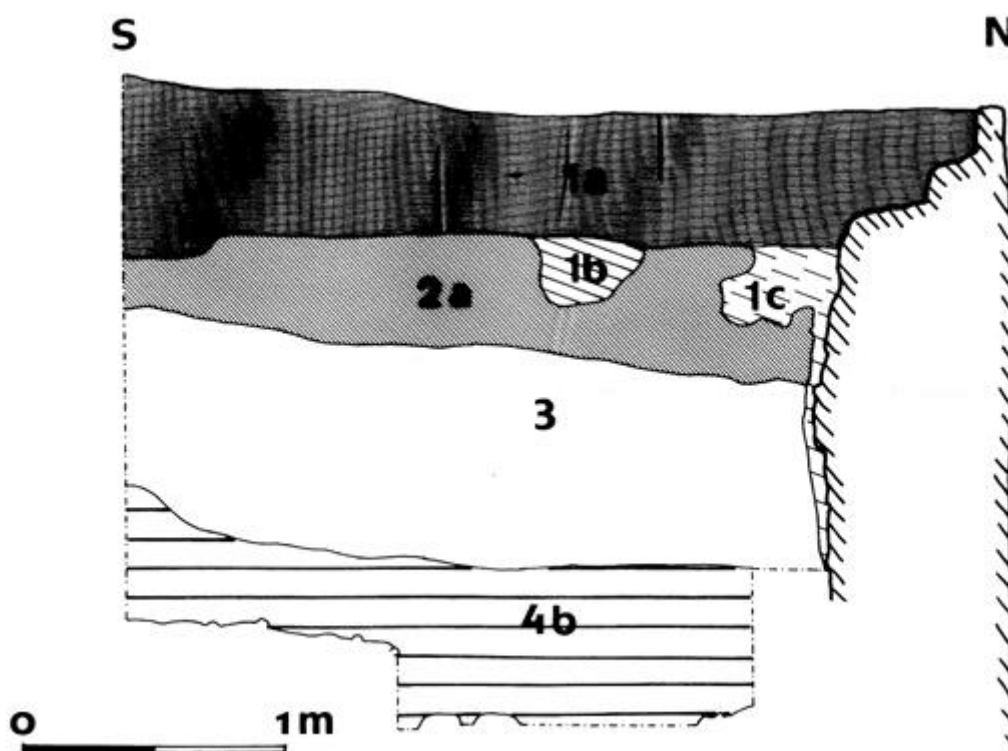
A camada 5, apresenta uma espessura até os 70 cm, e inclui três níveis. Representam os diferentes episódios após os derrube das paredes da habitação, que se encontra envolvida em diferentes estratos da camada 6 (Fernandes & Carvalho, 1997, 283). A camada 5A com espessura de até 40 cm apresenta um vasto nível de deposição, composto por areia de granulagem fina, misturada com o produto de desagregação do estuque, o que confere a este nível uma cor cinzenta clara. *“Apresenta um estrangulamento a Oeste, confinando com uma camada estéril de argila avermelhada; no canto Este o nível apresenta uma ténue película com 2 a 3 cm de espessura, sobre o topo do muro I.”* (Fernandes & Carvalho, 1997, 280).

A camada 5B com espessura até aos 18cm é definida como sendo um longo nível de deposição de sedimento arenoso de cor amarela, resultante da deposição de argilas desfeitas em cotas superiores. A nível arqueológico apresentou-se como uma camada estéril. O nível 5C caracteriza-se como sendo a primeira fase da deposição das argilas e dos materiais de construção da casa, após a deposição da maior parte dos materiais de desmantelamento das paredes, na sequência de um incêndio que terá destruído a casa do séc. XV.

Nesta camada surgiram algumas telhas, porém muito pouco espólio de cerâmicas, contudo foram recolhidos 7 alfinetes de cabelo, uma fivela e um anel em bronze, alguns pregos, uma chave em ferro e uma moeda de bronze ilegível. De seguida, temos a camada 6, com espessura entre os 35 a 65 cm, sendo a camada correspondente às diversas fases do derrube das paredes da casa. Esta camada foi dividida em 3 níveis (Fernandes & Carvalho, 1997, 281).



(Figura 26 - Perfil da Plataforma I vista de E-W; **Fonte:** Setúbal Arqueológica, Vols.11 – 12, 1997, 280)



(Figura 27 - Perfil da Plataforma I vista de S-N; **Fonte:** Setúbal Arqueológica, Vols.11 – 12, 1997, 280)

O nível 6A, com uma espessura até aos 70 cm, apresenta ser um nível de derrube formado por pedras amontoadas, envolvidas por um sedimento arenoso solto, de cor esbranquiçada. O 6B com espessura até os 50 cm, é um nível constituído por pedras de grandes dimensões, ligadas por um sedimento de argila e estuque. O nível 6C com espessura até 65cm, apresenta um sedimento de cor avermelhada escura, resultante do desmantelamento da camada de argila, localizada no canto Oeste do nível, tendo-se misturado com sedimentos arenosos ricos em estuque e em matéria orgânica (Fernandes & Carvalho, 1997, 283).

Na camada 6 foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica comum e alguns pregos em ferro, havendo a salientar que na camada 6b foram descobertas 25 moedas de D. Duarte e de D. Afonso V, que estavam junto ao muro I.

Por fim temos a camada 7, com espessura entre os 20 a 50 cm, apresentando-se com sedimento arenoso, com tons escuros, abundante em fragmentos de carvões, possivelmente resultantes do incêndio que destruiu a casa. Nesta camada surgiram numerosos fragmentos de telha, algumas das quais completas (Fernandes & Carvalho, 1997, 283).

A camada 7 apresenta 3 subníveis, a 7A, a 7B e a 7C. O nível 7A, com uma espessura entre os 20 e os 40 cm, correspondente ao derrube do telhado da casa e forneceu alguns fragmentos completos de telhas, alguma cerâmica e 18 pregos de ferro, 8 dos quais estavam completos. O nível 7B com uma espessura até os 15 cm, e apresenta-se de cor avermelhada e arqueologicamente estéril. O nível 7C com espessura de 0 a 23 cm é um nível repleto de telhas de canudo, estando estas ligadas por um sedimento arenoso de tom escuro, rico em fragmentos de carvão e com rara presença de cerâmica.

Na camada 7 foram definidos por completo, os vestígios dos muros 1, 2 e 3, que são formados por pedras de médias dimensões, de arenito amarelo, típico da zona de Palmela. O muro 3 apresenta pedras de maior dimensão nas zonas periféricas, sendo o interior preenchido por uma argamassa de terra e pedra miúda. Por sua vez, os muros 1 e 2 foram construídos através da rocha natural, trabalhada em socalco (Fernandes & Carvalho, 1997, 283). Por aproveitarem a rocha local, a espessura dos muros 1 e 2 é menor, sendo que as pedras de maiores dimensões nestes muros, encontram-se apenas na face externa dos mesmos.

Os materiais encontrados nas camadas 1 e 2, são datados entre os sécs. XVII e XVIII. A nível cerâmico destacam-se as vasilhas de tipo comum, alisadas, as faianças, as cerâmicas vidradas e moldadas. Por sua vez, na camada 3 destacam-se as faianças, as taças meladas, os pratos esmaltados e as moedas dos sécs. XV e XVI.

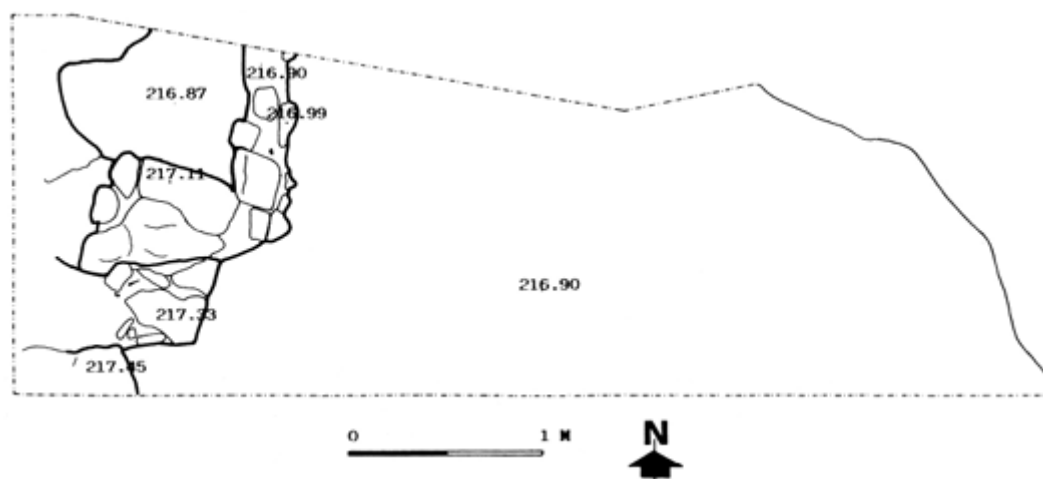
Foram registados numerosos fragmentos de cerâmica comum, alisadas, com formas e técnicas de fabrico, que sugerem uma cronologia entre os sécs. XV e XVI. Estas não foram confirmadas com segurança, devido às contaminações presentes no estrato. A camada 4, apresenta alguns materiais de transporte do subnível 4A, contudo a mesma realidade não se encontra nos subníveis 4B e 4C.

Estes, bem definidos estratigraficamente, forneceram ainda algumas taças e pratos melados, que passariam a escassear nas camadas seguintes. Da mesma forma, a presença de fragmentos de alguidares vidrados ou esmaltados a verde, não tornará a repetir-se a partir desta camada. (Fernandes & Carvalho, 1997, 284). A nível arqueológico, na camada 4 destaca-se uma peça única, escudela esmaltada a verde.

Na camada 5 as peças vidradas e esmaltadas começaram a tornar-se menos presentes, e começaram a predominar as cerâmicas do tipo comum alisadas e espatuladas. Destaca-se também a presença de um fragmento decorado com corda seca. *A presença de*

um fragmento decorado com corda seca confirma a permanência desta técnica decorativa até ao final do período medievo (Fernandes & Carvalho, 1997, 284).

De seguida, a camada 6 mostrou níveis percentuais iguais, no que toca a formas e técnicas aplicadas na camada anterior, demarcando-se uma dominância de painéis e de caçarolas de asa lateral. Algumas destas caçarolas apresentam uma sobrelevação da parede interna, acima do bordo, para o ajuste da tampa. No subnível 6B, junto ao muro, foram registadas 25 numismas do séc. XV. Por fim a camada 7 foi recolhido um conjunto cerâmico semelhante ao da camada anterior, porém em menor quantidade. Recolheram-se 2 fragmentos de cerâmicas importadas, que segundo R. e M. Varela Gomes, têm origem na região de Valência. Para além das cerâmicas, foram encontrados vários metais como pregos em ferro, alfinetes de cabelo em bronze, fivelas e moedas.



(Figura 28 - Estruturas definidas ao nível da camada 7; **Fonte:** António Rafael Carvalho)

O setor III das escavações arqueológicas apresentou-se como uma unidade estratigráfica distinta, constituída quase exclusivamente por uma única camada, cujos espólios remontam a períodos anteriores ao século XIX. A análise dos materiais recuperados deste setor indicou que, embora o espólio fosse mais antigo, a camada 2 era predominantemente composta por entulhos.

Este trabalho arqueológico apesar de limitado pela área de estudo, permitiu o registo de uma sequência estratigráfica bastante interessante, dos sécs. XIV e XV.

“Da grande quantidade de espólio exumado houve que proceder a uma selecção das peças que considerámos mais características na forma, na decoração ou na técnica

de fabrico. A persistência, ao longo de décadas, de algumas das formas estudadas, é um dos aspectos que podemos constatar.”. (Fernandes & Carvalho, 1997, 285)

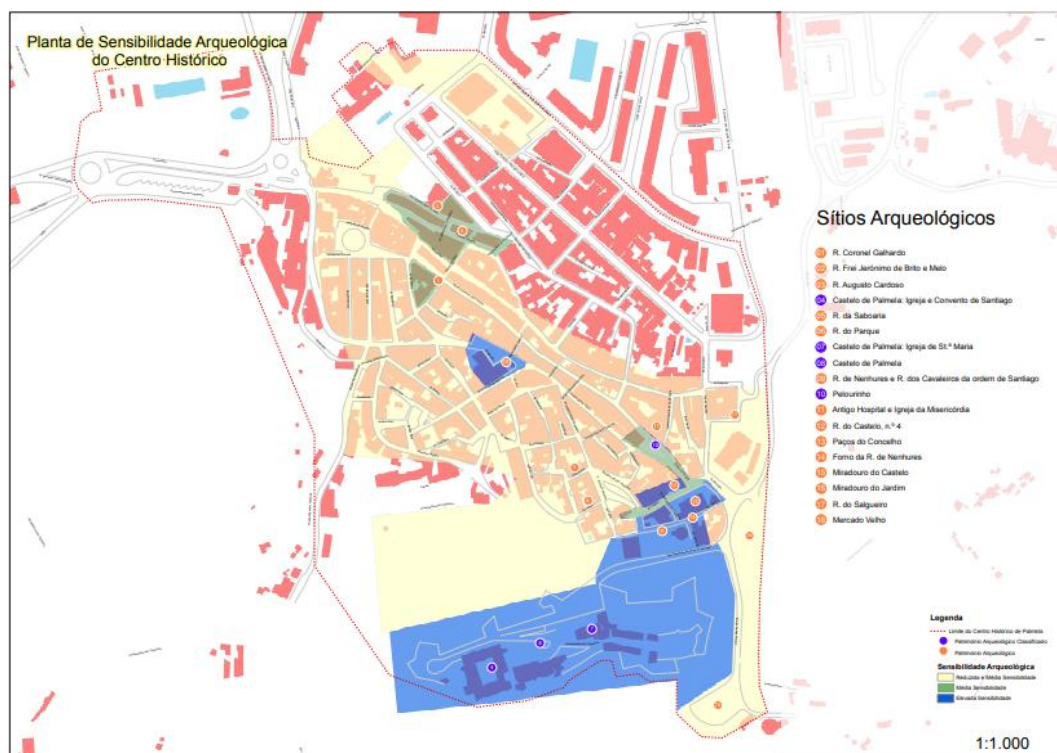
Existe a grande possibilidade que esta persistência de algumas formas se deva à permanência e continuidade das tradições locais de fabrico, já que os centros oleiros das cerâmicas do tipo comum estavam localizados próximos dos centros urbanos. O facto de existirem cerâmicas importadas, apesar de raras, em Palmela muito provavelmente deve-se à sua proximidade ao mar, pois favorece a chegada de cerâmicas importadas, principalmente através dos portos de Setúbal, Lisboa e Sesimbra (Fernandes & Carvalho, 1997, 285).

Na zona sudoeste foi encontrada uma cave de uma casa abobadada, de que apenas restam os seus arranques dos arcos, e uma escadaria feita em pedra. No lado oeste da escavação, onde o afloramento rochoso é visível à superfície, foram registados cerca de 21 silos, de origem muçulmana. “*São estruturas de armazenamento de origem muçulmana com sucessivos atributos funcionais (lixeiras, fossas).*”.(Fernandes & Santos, 2008, 123)

Foram encontradas cerâmicas islâmicas do período almóada e almorávida, e foram recolhidos, em alguns silos, fragmentos de recipientes de cerâmica e algumas moedas do período da *Reconquista*. Estes dados confirmam-nos de que, a partir de meia encosta a baixo do castelo, desenvolveu-se o povoado islâmico.

Outras formas de Palmela que durante o século XIII apresentam diferenças de pormenor com os seus referentes islâmicos são os cântaros ou os alguidares, muito embora seja mais rara a pintura a branco nestes recipientes, face a períodos anteriores. Novamente, são as jarras que apresentam semelhanças irrepreensíveis com as suas congéneres anteriores. (Liberato et al. 2021, 16)

Relativamente à escavação realizada em 2003, a área estudada foi um complexo habitacional com várias fases de construção e de ocupação, datada entre os sécs. XIII e XVIII, identificado na zona norte. “*A Rua de Nenhures é hoje reconhecida como o legado cultural mais importante, do período muçulmano e da reconquista, escavado fora muralhas, em plena área urbana.*” (Prata et al. 2010, 21)



(Figura 29 – Sítios arqueológicos no centro Histórico de Palmela **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)

3. Tarefas realizadas

Como referido, as tarefas realizadas no estágio consistiram, sobretudo, no preenchimento do inventário relativo à escavação de 2003 no sítio arqueológico localizado na rua de Nenhures. Esta tarefa envolveu a organização e catalogação dos achados, garantindo que todos os elementos relevantes fossem devidamente registados e classificados. Além disso, dediquei-me ao estudo detalhado das pastas de documentação arqueológica, desenhando bordos, asas e fundos de fragmentos cerâmicos e de outros materiais. Outra parte significativa do trabalho incluiu a captura fotográfica das peças, tanto para o relatório como, em alguns casos, para integrar o programa da matriz.

Para a realização do inventário, foi utilizada uma base de dados em Microsoft Excel, previamente criada e já em algumas ocasiões preenchidas que permitiu uma gestão eficiente das informações relacionadas com cada peça. Esta base de dados foi essencial para garantir a precisão e acessibilidade da informação, facilitando a consulta e a organização dos dados recolhidos durante as escavações. Para além destas atividades

diretamente relacionadas com o inventário, participei noutras tarefas relevantes, que serão detalhadas mais à frente neste relatório, complementando assim a minha experiência prática e o conhecimento adquirido ao longo do estágio.

3.1. Base de dados

Alguns museus e Câmaras Municipais optam por desenvolver as suas próprias bases de dados, enquanto outras preferem recorrer a sistemas já formatados, fornecidos por empresas especializadas. A escolha entre um sistema interno ou externo depende de vários fatores, como os recursos disponíveis, às necessidades específicas da instituição e a complexidade da gestão do acervo. Quando as bases de dados são desenvolvidas internamente, os programas mais utilizados incluem o Microsoft Excel, o Microsoft Access ou, em alguns casos, o FileMaker, que oferecem flexibilidade e a capacidade de personalizar o sistema às necessidades do projeto. Estes programas permitem um controlo direto sobre a organização da informação e são especialmente úteis em projetos mais pequenos.

Por outro lado, quando se opta por sistemas externos, desenvolvidos por empresas, a aquisição e implementação do *software* fica a cargo da própria instituição, seja um museu ou uma Câmara. Estes sistemas costumam ser mais robustos e preparados para lidar com grandes volumes de dados, além de oferecerem funcionalidades específicas para o setor cultural, como a gestão de coleções e exposições. Em caso de se optar pela utilização de um sistema disponibilizado por uma empresa externa, a sua compra recai sobre a própria instituição (Museu ou Câmara).

No caso da Câmara de Palmela, esta optou pela utilização mista, isto é, no caso da Arqueologia, primeiramente é construída uma base de dados, geralmente em Excel, para o inventário do material recolhido durante a escavação e o pós escavação, quando existe uma maior disponibilidade para o devido estudo do material. Durante o pós escavação, enquanto se realiza o inventário e o estudo do materiais, quando se expõem as peças de maior valor, ou de uma qualidade superior ou que apresentem melhor estado, estas para além de serem inventariadas na base de dados relativa à escavação, são também na base de dados da Câmara, *software* conhecido como Matriz net. Através da Matriz, é possível aceder a uma relação de bens inventariados. Pode consultar-se ainda o registro de

Entidades, Documentos e ainda toda a documentação em formato multimédia associada a cada grupo.

No caso da Arqueologia, podemos aceder a informações sobre materiais de destaque das escavações, bem como toda a bibliografia associada a este, fotos e os materiais que estão em exposições temporárias ou permanentes. Esta base de dados é acessível apenas a funcionários, pois o seu acesso é pessoal.

Para além desta base de dados de uso interno, Matriz net, a Câmara disponibilizou para o cidadão comum uma base de dados em SIG para informações sobre o concelho.

O Sistema de Informação Geográfica do Município de Palmela possibilita a consulta, de forma simples e intuitiva, de um conjunto variado de informação referente ao território do concelho. Esta informação encontra-se agregada em diversos mapas interativos temáticos que estão em permanente crescimento e atualização. (Câmara Municipal de Palmela. (n.d.). *SIG Palmela*. <https://www.cm-palmela.pt/balcao-unico/sig-palmela>).

Atualmente, na página da Câmara, existem cinco Bases de Dados em SIG. A primeira é denominada por *Mapas*, onde é possível ver a evolução da paisagem desde 1998 até à atualidade. Na segunda, *Ordenamento do território*, estão disponibilizados os Planos Municipais de Ordenamento do Território em vigor no concelho de Palmela. A terceira, com o nome de *Plantas de Localização*, permite a emissão, de forma gratuita, de plantas de localização para a instrução de projetos na autarquia ou para outros fins. A quarta, denominada de *Património Edificado e Arqueológico*, permite aceder a todos os sítios arqueológicos no concelho de Palmela. Por fim a quinta base de dados por SIG, é denominada por *Higiene Urbana*, que permite consultar a informação referente à recolha de resíduos.

A aplicação por parte da Câmara, de Bases de Dados via SIG, para o uso privado e público é uma mais valia, pois permite, por exemplo no caso da Arqueologia, que o interessado aceda à Base de dados, e consiga de uma forma mais rápida saber que espólio existe registado.

Para a realização do inventário da escavação de 2003 da rua de Nenhures, foi me facultado uma base de dados em formato Excel, com o nome de “InventarioRNENH03”, que apresentava informações previamente inseridas pelos arqueólogos que já tinham conseguido inventariar alguns materiais. A base de dados estava dividida em 15 categorias, sendo estas pela seguinte ordem: N° de Inv, Plataforma, Quadrícula, U.E, Descrição, Matéria-Prima, Cor, Comp(mm), Larg(mm), Esp(mm), Ø (mm), Altura, Peso(g), Observações, Tipo de Pasta. Relativamente ao número de peças, no Excel este ia desde do “R.NENH.03.01” até à “R.NENH.03.11383”.

1	N° Inv	Plataforma	Quadrícula	U.E	Descrição	Matéria-Prima	Cor	Comp (mm)	Larg (mm)	Esp (mm)	Ø (mm)	Altura	Peso (g)	Observações	
1493	R.NENH.03.1492	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede e fundo	Cerâmica	Laranja	12	24	8		25			F1
1494	R.NENH.03.1493	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada			5					F2
1495	R.NENH.03.1494	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			3				2 fragmentos; sf colagem: 1491, 1494.	F1
1496	R.NENH.03.1495	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		28	4		26		sf colagem: 1477, 1478, 1495; Apresenta decoração	F1
1497	R.NENH.03.1496	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada			4					F2
1498	R.NENH.03.1497	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Avermelhada			4				sf colagem: 1493, 1497; Apresenta marcas de fogo	F1
1499	R.NENH.03.1498	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1461 a 1465, 1474, 1475, 1497, 1498, 1528	F1
1500	R.NENH.03.1499	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			3				Apresenta Aguada	F1
1501	R.NENH.03.1500	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1500 a 1502, 1504, 1591 a 1593; Apresenta marcas de fogo	F1
1502	R.NENH.03.1501	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1500 a 1502, 1504, 1591 a 1593; Apresenta marcas de fogo	F1
1503	R.NENH.03.1502	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			5				sf colagem: 1500 a 1502, 1504, 1591 a 1593	F1
1504	R.NENH.03.1503	1	Silo 6	U.E.2E	Ficha de jogo	Cerâmica	Laranja			7	46			sf colagem: 1503, 1528 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo e alisamento	F1
1505	R.NENH.03.1504	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1500 a 1502, 1504, 1591 a 1593; Apresenta marcas de fogo e 2 caneluras horizontais	F1
1506	R.NENH.03.1505	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		91	7		144		sf colagem: 1505 a 1507; Colagem de 2 fragmentos e brunhida e marcas de	F1
1507	R.NENH.03.1506	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		83	7		75		sf colagem: 1505 a 1507; Colagem de 2 fragmentos e brunhida	F1
1508	R.NENH.03.1507	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		97	6		80		sf colagem: 1505 a 1507; Colagem de 2 fragmentos e brunhida	F1
1509	R.NENH.03.1508	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		36	7		77		2 fragmentos. Apresenta marcas de fogo	F4
1510	R.NENH.03.1509	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1508, 1510; Apresenta marcas de fogo e aguada	F1
1511	R.NENH.03.1510	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1508, 1510; Apresenta marcas de fogo	F1
1512	R.NENH.03.1511	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			4				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1513	R.NENH.03.1512	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			4				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1514	R.NENH.03.1513	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		22	7		38		sf colagem: 1513, 1514, 1563; Apresenta decoração	F1
1515	R.NENH.03.1514	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		41	6		40		sf colagem: 1513, 1514, 1563; Apresenta decoração	F1
1516	R.NENH.03.1515	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			4				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1517	R.NENH.03.1516	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			3				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1518	R.NENH.03.1517	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			4				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1519	R.NENH.03.1518	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			3				sf colagem: 1511 e 1512, 1515 a 1518; Apresenta marcas de fogo	F1
1520	R.NENH.03.1519	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			12				Apresenta marcas de fogo	F5
1521	R.NENH.03.1520	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			5					F2
1522	R.NENH.03.1521	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6					F1
1523	R.NENH.03.1522	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		24	6		40		Apresenta alisamento	F1
1524	R.NENH.03.1523	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		21	6		27		Apresenta alisamento	F1
1525	R.NENH.03.1524	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		80	15		56		Apresenta decoração	F1
1526	R.NENH.03.1525	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		35	5		36		Apresenta marcas de fogo	F1
1527	R.NENH.03.1526	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja		73	6		50		Apresenta decoração	F1
1528	R.NENH.03.1527	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada			5					F5
1529	R.NENH.03.1528	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1461 a 1465, 1474, 1475, 1497, 1498, 1528; Apresenta decoração	F1
1530	R.NENH.03.1529	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de um fundo	Cerâmica	Laranja		45	35		6		sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1531	R.NENH.03.1530	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1532	R.NENH.03.1531	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1533	R.NENH.03.1532	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1534	R.NENH.03.1533	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1535	R.NENH.03.1534	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1536	R.NENH.03.1535	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1537	R.NENH.03.1536	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			8				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1538	R.NENH.03.1537	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1539	R.NENH.03.1538	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1540	R.NENH.03.1539	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1541	R.NENH.03.1540	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1542	R.NENH.03.1541	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1543	R.NENH.03.1542	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de um fundo	Cerâmica	Acastanhada		27	68		6		2 fragmentos. Apresenta marcas de fogo	F4
1544	R.NENH.03.1543	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			8				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1545	R.NENH.03.1544	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1546	R.NENH.03.1545	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1547	R.NENH.03.1546	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			7				Apresenta alisamento	F1
1548	R.NENH.03.1547	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				sf colagem: 1503, 1529 a 1541, 1543 a 1547; Apresenta marcas de fogo	F1
1549	R.NENH.03.1548	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			6				Apresenta alisamento e decoração	F5
1550	R.NENH.03.1549	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			5				Apresenta alisamento	F2
1551	R.NENH.03.1550	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			4				Apresenta alisamento e aguada	F1
1552	R.NENH.03.1551	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Beje			7				Apresenta marcas de fogo	F5
1553	R.NENH.03.1552	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada			3				Apresenta marcas de fogo e 2 caneluras horizontais	F5
1554	R.NENH.03.1553	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			3					F2
1555	R.NENH.03.1554	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			5				Apresenta marcas de fogo	F5
1556	R.NENH.03.1555	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada			8				Apresenta marcas de fogo	F5
1557	R.NENH.03.1556	1	Silo 6	U.E.2E	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja			5				Apresenta marcas de fogo	F4

(Figura 30 – Parte do InventárioRNENH03; Fonte: Rafael Matos)

No que toca à categoria da Plataforma, a única opção era Plataforma 1, isto porque todos os materiais foram descobertos na Plataforma 1. Na categoria Quadrícula é a categoria relacionada com a quadrícula onde o material foi encontrado. Esta categoria transcreve-se do silo 1 ao silo 20, porém existiam também presentes outras camadas mais específicas como por exemplo “C-7 Silo 15” ou “Silo 4 A-10”. A categoria seguinte era U.E, designada à Unidade estratigráfica em que a peça foi encontrada. Em Descrição, o objetivo era descrever brevemente o fragmento, por exemplo “Fragmento de Asa em fita”.

Nas categorias seguintes, Comp, Larg, Esp, consistem nas medidas de comprimento, largura e espessura do fragmento. A categoria diâmetro, é relativa ao diâmetro do fragmento. Esta categoria só era preenchida e registada na Base de dados, caso o fragmento em questão apresentasse as condições necessárias, regra geral, fragmentos de bordo ou fundo.

A categoria Peso, não aplicável ao universo de estudo, tinha o propósito de registar o peso do fragmento. Esta categoria foi apenas preenchida em raras ocasiões e estas incidiam sobre serem moedas. A categoria Observações, tinha o propósito na descrição de algum detalhe relacionado ao fragmento analisado sobre a peça, como a presença de decoração, marcas de fogo, vidrado e se apresentava colagem com outro fragmento. Por fim, a última categoria Pastas, criada por mim e pelo arqueólogo Vitor Pereira enquanto fazíamos o estudo das pastas, consistia em descrever a pasta do fragmento. Esta informação vai ser explicada detalhadamente mais à frente no relatório.

O inventário aplicado para a escavação de 2003 na Rua de Nenhures, teve como principais objetivos o conhecimento interno dos materiais recolhidos na escavação e deter a informação disponível para a redação do relatório da escavação. Devido à grande quantidade de fragmentos para o estudo, era impossível estudar todas as peças, caso todas as categorias fossem preenchidas. Por esse motivo, foi decidido que não seria necessário o preenchimento da categoria Peso, permitindo assim um maior avanço no estudo do inventário e das pastas.

Aquando do início do estágio, o projeto de inventário já tinha sido começado pelos arqueólogos e por esse mesmo motivo, alguns passos já tinham sido dados, como separar os materiais por formas como bordos, asas, paredes e fundos. Cada forma era colocada em sacos diferentes para uma melhor organização. Por fim eram todos guardados num saco maior devidamente identificado com o número do silo, a unidade estratigráfica e com o intervalo números correspondente no inventário, por exemplo RNENH03 1211-1256.

A maioria dos fragmentos possuía já um número de inventário devidamente registado. Contudo, dada a vastidão da colecção, verificou-se que alguns fragmentos ainda não estavam identificados, tendo sido posteriormente sujeitos ao processo de marcação. Paralelamente, todos os materiais arqueológicos encontravam-se acondicionados em contentores devidamente identificados, indicando a que escavação

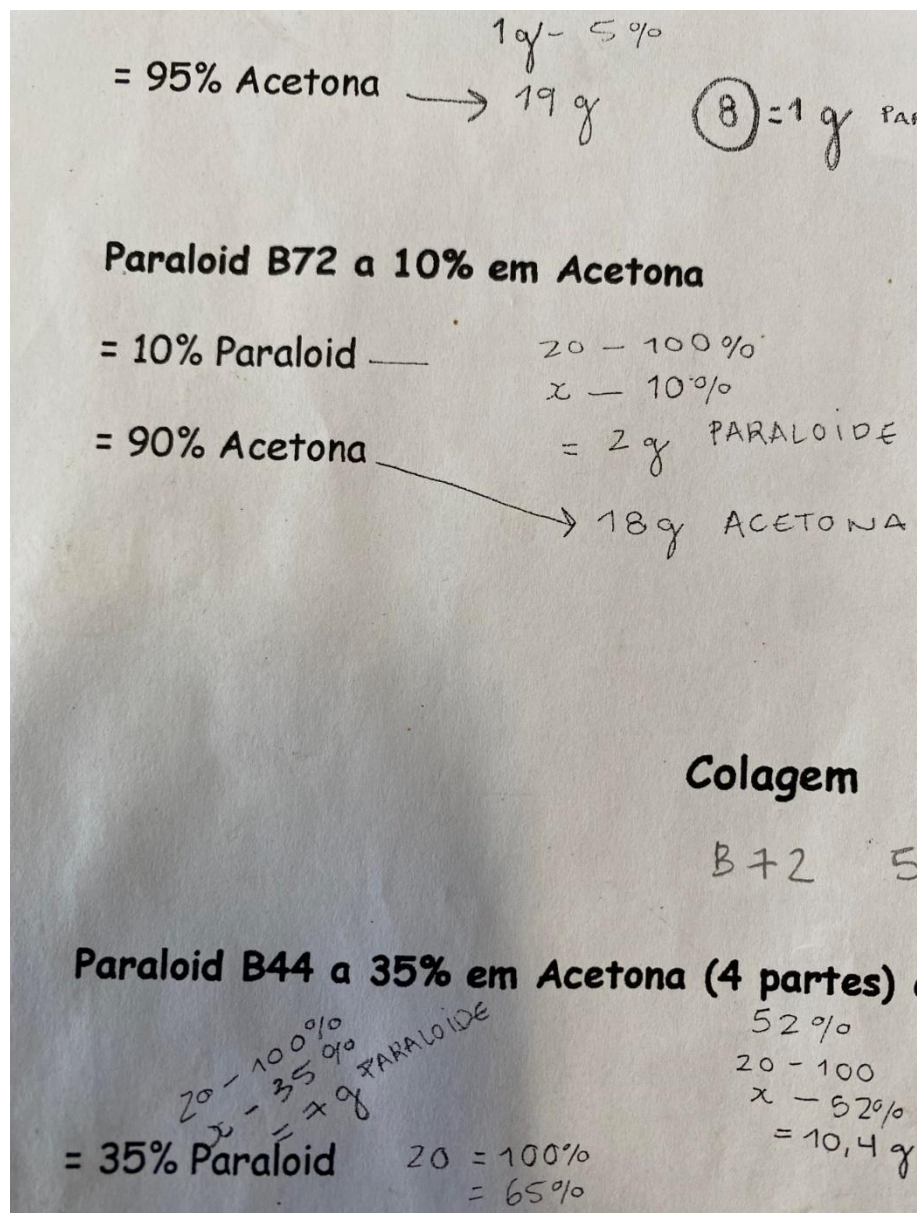
pertenciam, bem como os silos e as unidades estratigráficas correspondentes. Para um maior controlo e registo do meu desenvolvimento no inventário, foi pedido por parte do meu orientador que todos os fragmentos que eu registasse fossem marcados com uma cor amarela.

3.2. Inventário

Considera-se que uma colecção está inventariada quando está arrumada segundo critérios que permitem a sua fácil localização e a relação com as respectivas informações. Colecções em reserva são aquelas que, para além de estarem inventariadas, têm protecção contra danos físicos e ambientais. (Amaral, 2011, 30)

Para se iniciar uma tarefa de inventário são requeridos alguns processos prévios, como a limpeza dos materiais, a sua marcação e em alguns casos a devida separação por tipologia da cerâmica em sacos diferentes. A responsável pela marcação das peças, a doutora Cláudia Oliveira, para as peças que não estavam marcadas, como referido anteriormente devido à grande quantidade de materiais, marcou-as com os números que sobravam do saco, onde o respetivo fragmento pertencia. Isto é, cada saco tinha a informação sobre a qual silo pertencia, qual a U.E a que pertencia e o número de peças presentes no saco, por exemplo “R.NENH.03.3494 a 3534”, e para os fragmentos que não estavam identificados, seriam atribuídos os números que ainda estavam disponíveis dentro desse intervalo. Foram-me prestadas informações sobre os devidos procedimentos a serem tomados para a marcação e também a função dos diferentes tipos de Paraloid.

Inicialmente uma parte do fragmento, geralmente um canto, é revestido com Paraloid 5%, ou seja, uma solução com 1g (5%) de paraloid e 19g (95%) de acetona, que tem como objetivo a proteção da peça antes da colagem dos papéis identificativos ou com outros fragmentos, contra fraturas e para fixar as peças com esmalte impedindo que esta estale. De seguida, é aplicado o Paraloid B-72, solução constituída por 2g (10%) de paraloid e 18g (90%) de acetona, para a colagem dos papéis identificativos, e caso a peça não apresente colagem com outra, a peça está pronta para ser inventariada. Caso a peça apresente colagem com outra, estas são revestidas com Paraloid B-44 nas fraturas onde apresenta colagem. Esta solução de Paraloid é composta por 7g (35%) de paraloid com 13g (65%) de acetona. Foi-me facultada a informação de que todos os fragmentos, exceto os metais são marcados.



(Figura 31 - Folha com as instruções de como se prepara o Paraloid; Fonte: Rafael Matos)

Quando o registo artefactual se refere a conjuntos de fragmentos que podem ser reunidos e que, por sua vez, permitam a reconstituição de peças, então estes devem ser restaurados. Referimo-nos fundamentalmente às cerâmicas e aos vidros, bem como a alguns objectos de metal. O restauro, quando necessário, é uma operação delicada, que obedece a critérios e a técnicas bastante específicas, pelo que deve ser confiada a técnicos especializados. (Ribeiro, 2001, 35)

O revestimento de Paraloid apresenta uma segurança duradoura para a peça e um excelente método de colagem para a identificação da mesma. “No que toca à marcação das peças, aliás, é imperativo encontrar um equilíbrio entre a legibilidade e a

durabilidade, tendo em atenção a forma como se marca. Aqui entende-se que o bom senso é importante.” (Correia *et al.* 2000, 35). Após a marcação da peça, começa o processo de inventário na base de dados, no qual é realizada uma descrição da tipologia do fragmento, descrevendo se é um fragmento de parede, um fragmento de bordo, uma parede com fundo, ou fragmento de asa. Neste inventário a tipologia das asas não passava de duas opções, sendo estas a asa em rolo ou asa em fita.

Em seguida, é feito o registo métrico do fragmento. A largura, o comprimento e a espessura eram dados indispensáveis para o registo da peça. Caso fosse possível, é obtido o diâmetro do fragmento. Inicialmente eram tiradas as medidas do comprimento, da largura e da espessura das peças, contudo com o decorrer do processo de inventário decidiu-se que seria só necessário tirar as três medidas caso os fragmentos apresentassem informações. Caso contrário, se o fragmento não apresentasse leitura, seria só necessário o registo da espessura. Esta medida foi adotada praticamente pelos fragmentos de parede de pequenas dimensões.

Dos 20 silos escavados em 2003, foram analisados, estudados e inventariados todos os materiais que existiam no laboratório. Isto porque paralelamente ao inventário que eu estava a fazer, a Dra. Isabel Fernandes e a sua equipa estavam a estudar também os materiais descobertos nos silos.

Dos materiais estudados, os silos que apresentavam um maior número de materiais eram o silo 6 e o silo 15, sendo o silo 6 o que apresentava um maior número de fragmentos. Dos materiais presentes no laboratório do silo 6, eram cerca de 1647 materiais que foram inventariados. As três morfologias mais comuns são os fragmentos de parede, os fragmentos de bordo e os fragmentos de fundos.



(Figura 32 – Gráfico de inventário do silo 6 **Fonte:** Elaboração própria)

Dos 1647 materiais inventariados do silo 6, a maioria é constituída, por fragmentos de parede. Foram inventariados 1201 fragmentos de parede que correspondem a 73% de todos os fragmentos inventariados. Seguem-se os fragmentos de bordo, com 135 bordos inventariados, correspondendo a 8%. Os fragmentos de fundos com 68 fragmentos inventariados, correspondente a 4%. Foram estudados 54 fragmentos de asa em fita, 53 fragmentos de parede e fundo e 39 fragmentos de bordo e parede. Para

além destes há que se destacar alguns menos frequentes como as malhas de jogo que foram registadas seis vezes, um percutor e uma lasca de sílex.



(Figura 33 – Gráfico de inventário do silo 15; **Fonte:** Elaboração Própria)

Em comparação com o silo 6, o silo 15 apresenta muito menos materiais. Foram inventariados e estudados 307 fragmentos. Como no silo 6, a categoria mais presente no silo 15 é constituída por fragmentos de parede com 209 fragmentos (68%). De seguida temos os bordos com 27 fragmentos inventariados (9%) e os fundos também com 27 fragmentos e apresentando a mesma percentagem que os bordos. Temos novamente alguns materiais de construção, alguns arranques de asa, alguns fragmentos de fundo e parede, algumas paredes de peças de pequenas dimensões, bem como um bordo de uma peça de grandes dimensões.

Em relação ao silo 15, no presente caso tivemos sete ocorrências de fragmentos de asa em rolo. Neste silo, inventariamos também um fundo de uma caçarola, alguns

testos praticamente inteiros, alguns fragmentos de testo e inventariamos também um testo feito de calcário.

Estes mesmos silos, aquando da sua descoberta estavam selados, enquanto os restantes apresentavam uma utilização mais prolongada. Por esse motivo, partia-se do princípio de que os materiais encontrados nos silos 6 e 15 seriam apenas islâmicos, dado que provou estar incorreto pois encontrámos várias peças já do período cristão, confirmando assim a sua utilização durante o período cristão.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
	Id. Inv.	Plataforma	Osculatória	U.E.	Descrição	Material/Prima	Q. or	Coma (mm)	Long (mm)	Ext (mm)	Ø (mm)	Altura	Furo(s)	Observador	U. V.
9581	RLNENH.03.3644	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	26	4	18				Apresenta marcas de fogo	F1
9582	RLNENH.03.3645	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	17	5	20					F1
9583	RLNENH.03.3642	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	13	2	24					F2
9584	RLNENH.03.3643	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	35	4	35				Apresenta marcas de fogo	F1
9585	RLNENH.03.3644	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	20	4	20					F4
9586	RLNENH.03.3645	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	24	3	23				Apresenta marcas de fogo e alisamento	F1
9587	RLNENH.03.3644	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	32	4	38				Apresenta marcas de fogo	F1
9588	RLNENH.03.3647	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	25	3	18					F2
9589	RLNENH.03.3644	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27	4	17					F1
9590	RLNENH.03.3644	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	25	3	22					F1
9591	RLNENH.03.3676	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	33	5	17					F2
9592	RLNENH.03.3671	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	34	3	27				Apresenta marcas de fogo e alisamento	F2
9593	RLNENH.03.3672	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	42	5	27				Apresenta marcas de fogo	F1
9594	RLNENH.03.3672	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	6	23				Apresenta marcas de fogo	F5
9595	RLNENH.03.3674	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	21	4	16					F2
9596	RLNENH.03.3675	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	16	5	23				Apresenta marcas de fogo	F5
9597	RLNENH.03.3676	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	33	6	14				Apresenta marcas de fogo	F4
9598	RLNENH.03.3677	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	33	5	22					F1
9599	RLNENH.03.3671	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27	4	22				Apresenta agulha	F1
9600	RLNENH.03.3674	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	20	5	17					F1
9601	RLNENH.03.3650	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	29	7	20				Apresenta marcas de fogo	F2
9602	RLNENH.03.3651	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	19	5	27				Apresenta marcas de fogo	F2
9603	RLNENH.03.3652	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	24	4	13					F1
9604	RLNENH.03.3653	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	31	5	27				Apresenta marcas de fogo	F5
9605	RLNENH.03.3654	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	3	16					F1
9606	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	3	25					F1
9607	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	21	3	19					F1
9608	RLNENH.03.3647	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	16	4	30					F1
9609	RLNENH.03.3650	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	26	4	16				Apresenta marcas de fogo	F5
9610	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	17	4	22					F1
9611	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	24	7	8					F1
9612	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27	5	20				Apresenta alisamento	F2
9613	RLNENH.03.3642	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	5	23				Apresenta marcas de fogo	F5
9614	RLNENH.03.3642	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	16	5	25				Apresenta marcas de fogo	F2
9615	RLNENH.03.3646	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	5	15				Apresenta marcas de fogo	F1
9616	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	22	3	23				Apresenta marcas de fogo	F1
9617	RLNENH.03.3646	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	6	16					F1
9618	RLNENH.03.3647	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	5	45				Apresenta marcas de fogo	F1
9619	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27	7	25				Apresenta marcas de fogo e lançadura horizontal	F1
9620	RLNENH.03.3649	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	7	16					F1
9621	RLNENH.03.3709	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	22	3	17					F1
9622	RLNENH.03.3701	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	35	4	28				Apresenta alisamento	F1
9623	RLNENH.03.3702	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	22	5	15				Apresenta marcas de fogo	F5
9624	RLNENH.03.3702	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	35	5	29					F5
9625	RLNENH.03.3704	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	19	5	27				Apresenta marcas de fogo	F2
9626	RLNENH.03.3709	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	14	3	22				Apresenta alisamento	F5
9627	RLNENH.03.3704	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	25	4	18					F1
9628	RLNENH.03.3707	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	37	5	21				Apresenta marcas de fogo	F2
9629	RLNENH.03.3706	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	21	3	21					F2
9630	RLNENH.03.3709	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	35	5	33					F1
9631	RLNENH.03.3706	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	34	7	35				Apresenta marcas de fogo	F1
9632	RLNENH.03.3701	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	21	5	17					F4
9633	RLNENH.03.3702	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	18	3	27				Apresenta marcas de fogo	F5
9634	RLNENH.03.3704	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	22	3	32				Apresenta marcas de fogo	F5
9635	RLNENH.03.3706	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	16	3	25				Apresenta marcas de fogo	F5
9636	RLNENH.03.3704	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	17	5	13				Apresenta marcas de fogo	F2
9637	RLNENH.03.3711	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	19	5	13				Apresenta marcas de fogo	F5
9638	RLNENH.03.3712	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	24	7	17				Apresenta marcas de fogo	F1
9639	RLNENH.03.3709	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	28	5	32				Apresenta marcas de fogo	F5
9640	RLNENH.03.3729	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	20	7	25				Apresenta marcas de fogo	F1
9641	RLNENH.03.3723	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	30	3	15					F1
9642	RLNENH.03.3722	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	38	5	11				Apresenta marcas de fogo	F1
9643	RLNENH.03.3722	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	25	3	20					F1
9644	RLNENH.03.3724	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	16	3	23					F1
9645	RLNENH.03.3725	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	24	5	30				Apresenta alisamento	F1
9646	RLNENH.03.3726	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27	4	25				Apresenta marcas de fogo	F4
9647	RLNENH.03.3727	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	35	4	16					F1
9648	RLNENH.03.3723	1	Silo 6	U.E. 26	Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	32	5	18				Apresenta marcas de fogo	F1

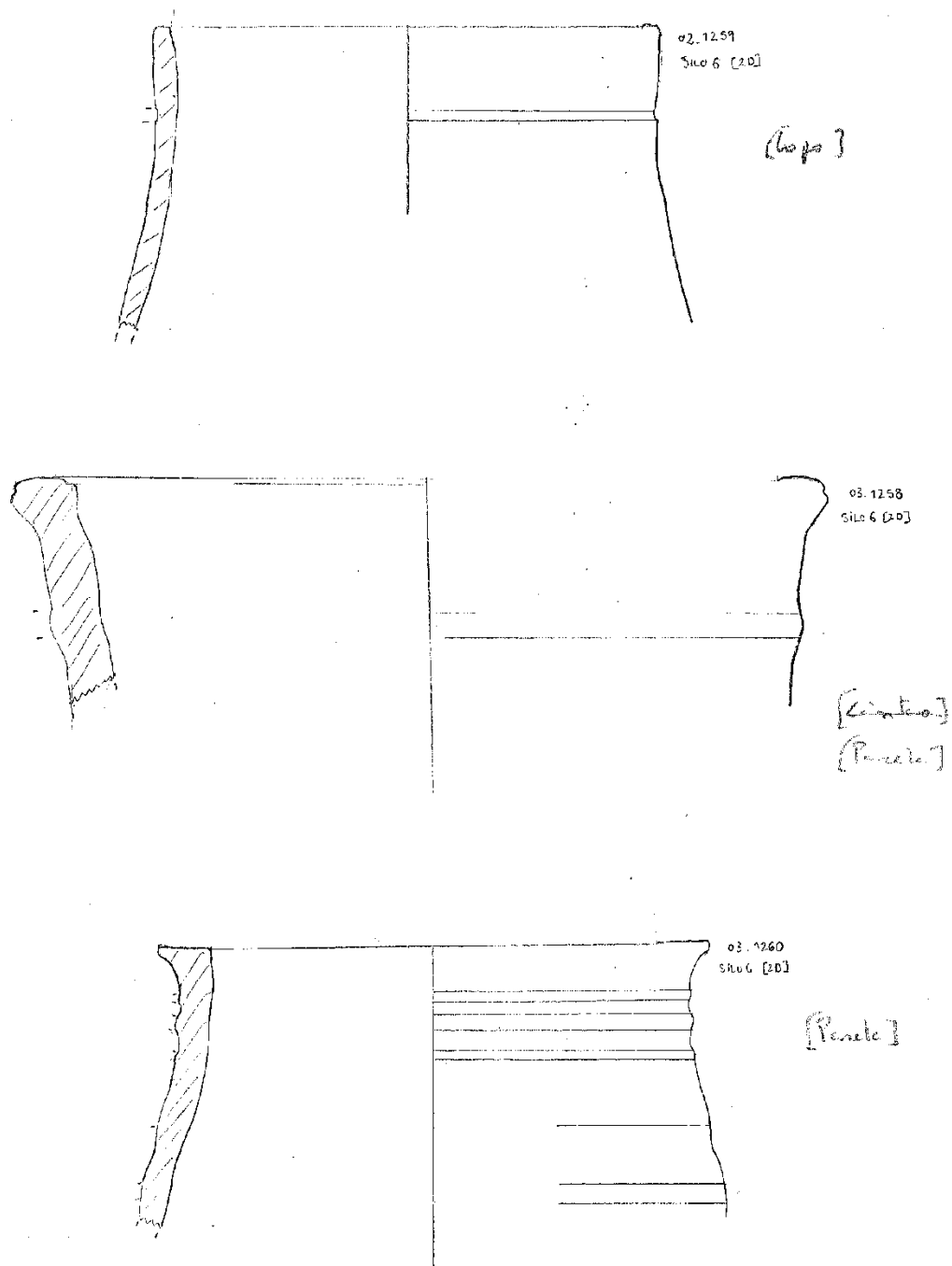
(Figura 34 - Base de Dados da escavação de 2003 da rua de Nenhures; **Fonte:** Rafael Matos)

O inventário deve ser o mais desenvolvido possível. No entanto esta tarefa pode tornar-se excessiva, tendo em conta que desenhar e fotografar todos os artefactos de um sítio arqueológico é irrealizável, vistos os encargos financeiros e o grande volume de material que se produziria. Assim sendo, deve-se fazer uma selecção de peças ou fragmentos importantes a nível museológico, ou que sejam tipologicamente, tecnicamente ou decorativamente significativas, suscitando o seu tratamento e a recolha de informação gráfica. (Cruz & Correia, 2007, 19)

Concluída esta tarefa seguiu-se o desenho. Como seria impossível desenhar os fragmentos todos, fez -se uma selecção para quais deveriam ser desenhadas, através de

alguns critérios. Os critérios foram: ser bordos, fundos, bordos com fragmentos de asa, fragmentos de asa, fragmentos bordo e fragmentos de fundo e em alguns casos ambos, no caso de o fragmento ser só parede teria de apresentar algum tipo de decoração. Enquanto se fazia esta seleção, era feita uma segunda seleção das peças, para averiguar quais apresentavam condições para irem para a base de dados da Câmara, a Matriz.

Para esta segunda seleção, os critérios utilizados foram: apresentar um bom estado de conservação, podendo apresentar ou não peculiaridades como apresentar verniz, vidrado ou branhimento por exemplo, e por fim uma fácil leitura do fragmento. Em geral, todos os sacos apresentavam, umas ou duas peças que apresentavam os critérios.



(Figura 35 - Desenho de alguns fragmentos; Fonte: Rafael Matos)

Na ficha de inventário é importante reter o registo visual, ou seja, o registo de imagem, que tem como fim identificar o objecto e relacioná-lo à sua localização. Esta imagem deve fazer referência ao número de inventário e à data também referida na ficha de inventário, de modo a associar à base de dados da origem fotográfica. No caso de ausência de fotografia, deve incorporar-se o seu desenho. (Correia et al. 2000, 61)

Eram tiradas entre duas a três fotografias. As duas primeiras fotografias eram tiradas com escala e com o papel identificativo do saco, a qual o fragmento era pertencente, e com a frente e o verso do fragmento. Estas duas fotografias seriam para o registo no inventário. Caso apresentasse as condições para serem inseridas na Matriz, era tirada uma terceira fotografia, mas desta vez sem escala e sem papel identificativo. Não era necessário o uso do papel identificativo, pois essas informações estariam disponíveis na página da peça na Matriz.

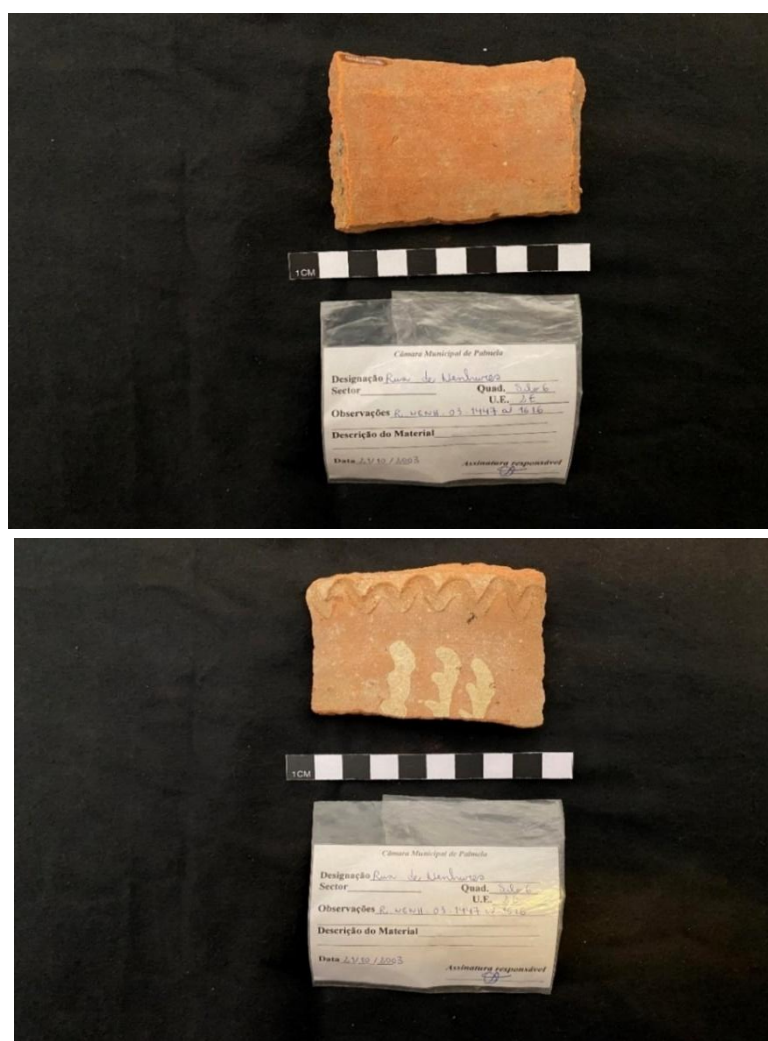


(Figura 36 – Fotografia de peça para ir para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)

Deve fazer-se referência à forma e aos elementos decorativos, devendo as peças ser fotografadas ou desenhadas. Também se deve referenciar a sua produção, centro de fabrico, datação e o seu estado de conservação. Em certos casos também se pode aqui incluir o historial da peça e todo o percurso até estar integrada no acervo, acrescentando, se necessário, uma bibliografia (Correia et al. 2000, 59-60)

Para a elaboração da ficha de inventário do fragmento na Matriz, era essencial registar a sua tipologia, a escavação a que pertencia, a data de recolha em contexto arqueológico, bem como as dimensões de largura, comprimento e espessura. Adicionalmente, caso existisse bibliografia relevante associada à peça, esta deveria ser mencionada (Correia, 2000, 55). Por fim, seria igualmente necessário indicar se o fragmento tinha sido incluído em alguma exposição, com o objetivo de assegurar um controlo mais rigoroso.

No inventário deve haver um campo para referenciar as exposições em que a peça esteve presente. Estas devem estar identificadas com a sua data e título. Neste seguimento, para além da bibliografia, deve-se incluir fontes, relatórios de escavação ou documentos que fizeram acompanhar o depósito da peça. (Correia et al. 2000, 63)



(Figuras 37 e 38 – Exemplos de fotografias para o inventário; **Fonte:** Rafael Matos)

Após as fotografias serem obtidas, seguia-se o desenho dos fragmentos. O desenho, sendo uma parte fulcral para o registo e inventário arqueológico, deve ser simples, porém rigoroso. Para eu desenvolver ainda melhor esta habilidade, já trabalhada em contexto de aula, tive o apoio do arqueólogo Vítor Pereira, que ajudou-me a desenhar alguns fragmentos até eu o conseguir fazer sozinho. Após estar pronto era digitalizado para depois ser retocado e ficar pronto para ser feito o estudo das pastas.

“Durante muito tempo, a Arqueologia tentou isoladamente responder com base em critérios tipológicos e estilísticos mas teve de constatar a ambiguidade e falibilidade dos resultados, interiorizando a necessidade e promovendo relações de colaboração com outras ciências, pertinentemente com a Geologia e com a Química.” (Homem, 2014, 260).

Este estudo das pastas, é um estudo inicial para uma melhor compreensão das origens dos fragmentos, isto é através este estudo permite distinguir cerâmicas produzidas localmente de materiais importados. Através da identificação da origem das cerâmicas, podemos reconstituir rotas e relações comerciais e podemos atribuir uma datação relativa, pois ajuda a estabelecer sequências cronológicas dos sítios arqueológicos. É possível fazer-se um segundo estudo mais metuculoso sobre as pastas quando aplicada outras áreas das ciências como a arqueometria, onde podemos fazer estudos de petrigrafia, de forma a estudarmos melhor as inclusões presentes na pasta, e uma análise de raio-x de forma a identificar os materiais presentes na pasta.

Para o melhor estudo e entendimento das pastas, os fragmentos inicialmente eram divididos pela cor das pastas, sendo estas:

- Avermelhada
- Acastanhada
- Bege
- Laranja

Estando os fragmentos divididos por cores era feita uma segunda divisão, agora esta sobre a sua qualidade no caso das avermelhadas e das laranjas:

- Avermelhada de boa qualidade
- Avermelhada de má qualidade

- Laranja de boa qualidade

-Laranja de má qualidade

A textura das pastas cerâmicas, ainda que influenciada pela porosidade e tamanho dos grãos da fracção argilosa, é-o, no entanto e em primeiro lugar, pelas inclusões não-plásticas; quer pela sua quantidade quer pelas dimensões dos grãos, distribuição e forma. A variabilidade dessa textura será limitada pelos requisitos de uma boa peça, pelos níveis de exigência do ceramista e, ainda, pelas características de certos materiais usados como têmperas. (Homem, 2014, 260).

No caso das pastas acastanhadas e beges, analisa-se se esta era uma faiança ou não, e para as pastas avermelhadas analisa-se se esta era um vidrado e, se caso fosse, qual era a cor deste, esverdeado ou melado, ou se era uma cerâmica de pasta avermelhada normal. De acordo com o relatório da escavação anterior e os materiais já analisados, os silos apresentavam evidências de utilização contínua desde o período medieval até ao período moderno. Para evitar a mistura de cronologias, foi implementado um sistema de codificação que atribuía códigos específicos a cada tipo de pasta cerâmica e às diferentes fases cronológicas identificadas.

Período medieval (séculos XII/XIII):

F1 – Pasta de coloração laranja, bem depurada; alguns exemplares com pintura branca; apresenta escassas inclusões, incluindo micas; superfície exterior com aguada bege; pasta compacta;

F2 – Pasta de coloração castanha, bem depurada, com paredes alisadas; apresenta escassas inclusões (quartzo) de pequenas dimensões; superfície exterior com alisamento; geralmente de cozedura oxidante;

F3 – pasta rosada, com escassas inclusões, de pequenas dimensões, superfícies com tratamento, geralmente alisadas e alguns exemplares com aguada;

F4 – Pasta de coloração laranja, porosa, com superfícies sem tratamento; alguns exemplares com pintura a branco; escassas inclusões, mais grosseiro que o F1;

F5 – Pasta de coloração castanha, porosa, de mediana qualidade, com paredes rugosas, escassas inclusões; pouco compacta;

F6 – Pasta de coloração bege, de boa qualidade, com escassas inclusões; medianamente compacta;

F7 – Pasta caulinica, de superfícies macias, sem inclusões visíveis, porosa;

F8 – pasta de coloração vermelha, com escassas inclusões, superfícies alisadas, geralmente com cozedura redutora e pós-cozedura redutora; alguns exemplares apresentam pintura branca;

F9 - pasta de coloração vermelha, com escassas inclusões, superfícies rugosas, geralmente com cozedura redutora e pós-cozedura redutora; compacta;

Século XV/XVI:

F10 – Pasta de coloração bege/castanho claro; compacta, com superfícies cuidadas, com escassas inclusões e de pequena dimensão, geralmente oxidantes; alguns exemplares com aguada;

F11 – Pasta de coloração laranja, compacta, com diversas inclusões de pequena dimensão, geralmente de cozedura redutora e pós cozedura oxidante, tratamento cuidado das superfícies, alguns exemplares com aguada;

F12 – Pasta de coloração laranja, alguns exemplares de coloração avermelhado, compacta, com fabrico de média qualidade, com superfícies rugosas, com diversas inclusões e micas; alguns apresentam engobe;

B1 – Pasta de coloração laranja, compacta, com escassas inclusões, de pequena dimensão. Superfícies cuidadas, exibindo geralmente superfície interior brunida; boa qualidade;

B2 – Pasta de coloração laranja / avermelhada, compacta, com diversas inclusões, de pequena dimensão, geralmente cozedura redutora e pós-cozedura oxidante; mais grosseiro que o anterior;

Fa1 – Pasta de coloração bege esbranquiçado, com escassas inclusões;

V1 – Pasta de coloração vermelho claro, compacta, com várias inclusões de pequena dimensão, de cozedura redutora e pós-cozedura oxidante; vidrado verde brilhante na superfície exterior, verde opaco no interior ;

V2 - Vidrado melado, pasta vermelha, diversas inclusões;

V3 – Pasta bege, escassas inclusões, vidrado melado;

Século XVII

F20 – Pasta laranja, boa qualidade;

F21 – Pasta laranja, má qualidade;

F22 – Pasta bege;

F23 – Pasta avermelhada, boa qualidade e escassas inclusões;

F24 – Pasta de coloração castanha, boa qualidade;

O estudo das pastas começou a ser realizado a meio do estágio, após muitos silos já terem sido inventariados, e por esse motivo e pela realização de outras atividades praticadas em período de estágio, o seu estudo não ficou completo, ficando várias pastas de diferentes materiais de diferentes silos por serem estudados.

Terminado o estudo das pastas e antes de se dar como terminado o saco, era tirada uma última foto, neste caso uma foto de conjunto, com a ficha identificativa do saco e com todos os fragmentos que estavam neste. Após a foto tirada começa-se o processo de acondicionamento. Isto trata-se da “*colocação das peças em embalagens quimicamente inertes, as quais devem proporcionar proteção física, química e biológica.*” (Comerlato, 2020, 9).



(Figura 39 – foto de conjunto do silo 6 das peças nº 1447 a 1616; **Fonte:** Rafael Matos)

Um dos grandes problemas que enfrentámos durante o período de estágio, é que o espaço para o armazenamento dos materiais é escasso, no atual laboratório de Arqueologia, pois neste estão armazenados vários materiais de várias escavações do concelho de Palmela, e em alguns casos já dificultava a deslocação dentro do laboratório.

Como resposta temporária a este problema, resolveu-se realizar uma nova arrumação do espaço, para analisar onde seria possível armazenar os materiais que já tinham sido estudados e inventariados. A procura trouxe bons resultados, tendo sido localizado esse espaço e conseguiu-se maior controlo sobre os materiais que já tinham sido estudados e inventariados e os que estavam para o ser.

Como resposta definitiva, o objetivo era encontrar um local de grandes dimensões, que funcionasse como reserva arqueológica e como laboratório, permitindo o fácil arrumo dos materiais, e o estudo de novos materiais. Foi realizada uma procura, porém não se encontrou nenhum local candidato. Apesar de já existir uma reserva arqueológica em Palmela e de esta já estar em funcionamento, é demasiado pequena para abrigar os materiais todos - os estudados e os não estudados -, e para um melhor fluxo de trabalho é necessário um local que permita a armazenagem do material e a fácil deslocação dos investigadores.

“A armazenagem do espólio deve ter em conta a especificidade do mesmo, mas também a sua acessibilidade aos investigadores para a realização dos necessários estudos.” (Flós, 1992, como citado em Ribeiro, 2001, 35).



(Figura 40 – Um dos corredores do laboratório de arqueologia; **Fonte:** Rafael Matos)

4. Outras Tarefas realizadas

4.1. Lavagem de material arqueológico

A minha primeira tarefa no laboratório de Arqueologia foi a lavagem de materiais de uma escavação dirigida sob a orientação do meu responsável de estágio na autarquia. Para a lavagem dos materiais arqueológicos foram usadas escovas, baldes de água, e cestas e papéis de jornal para a secagem. Para a lavagem, inicialmente procedeu-se ao enchimento de um balde com água, depois era escolhido um saco com materiais para a lavagem. O processo de lavagem consiste na remoção de sedimentos que estavam alojados nos fragmentos com uma escova.

Após a sua limpeza era usada uma cesta, coberta com papéis de jornal para o processo de secagem das peças. Cada cesta, regra geral, continha só os materiais de um só saco, salvo o caso de o saco conter pouco material, e nesse caso a cesta era partilhada entre materiais de dois sacos. Cada cesta tinha a ficha informativa de cada saco, para desta forma permitir saber que material pertence a qual saco. Foram identificados em alguns

sacos a presença de restos osteológicos, apesar de não saber se são de origem humana ou animal.

4.2. Desmatção e limpeza do sítio arqueológico do Alto da Queimada

No dia 18 de março, estava programada para o período da manhã a desmatção e limpeza do sítio arqueológico do Alto da Queimada. Para esta atividade os membros integrantes foram eu, o doutor Miguel, o doutor Vítor, a doutora Cláudia e o chefe operacional Jaime David.

Como referido anteriormente, este sítio apresenta-se situado num local de constante passagem turística e pela altura topográfica em que se encontra, é muito propício à infestação de ervas invasoras. Para combater este problema é necessária uma limpeza e desmatção regular do sítio, para conservar o local. Durante o meu período de estágio, foram dedicados dois dias para esta ação. No primeiro dia, 18 de março, foi realizada a limpeza e a desmatção do sítio, e no segundo dia foi colocado um biocida, para impedir o reaparecimento de ervas daninhas.

A área de intervenção incidiu sobre o sítio arqueológico por completo. As estruturas intervencionadas apresentavam uma grande infestação de musgos, líquens, arbustos e plantas, com raízes que podiam danificar as estruturas, pois estavam nas fissuras e nas fraturas destas. Para solucionar, procedeu-se a uma desmatção do sítio, arrancando as raízes das plantas das fissuras e removendo a erva. Enquanto eu e o resto da equipa do departamento de arqueologia arrancávamos as raízes, o Jaime David procedia à desmatção das plantas e arbustos com um aparador de relva. Após a nossa intervenção, o sítio ficou propício ao seu melhor entendimento e visualização. No segundo dia de intervenção no local, no dia 25 de março, deslocaram-se apenas o Dr. Miguel e o Dr. Jaime para colocar o biocida.



(Figura 41 - Desmatção no Alto da Queimada; **Fonte:** Rafael Matos)

4.3. Acompanhamento arqueológico na obra de uma residência

No dia 23 de fevereiro foi solicitado o acompanhamento arqueológico na obra de uma residência. Esta estava abandonada, contudo tinha sido adquirida por um particular e, por estar localizada no centro histórico de Palmela e abrangida pela área de proteção do Castelo, em toda e qualquer obra é necessária a presença de um arqueólogo para fazer o seu acompanhamento. A casa apresentava um primeiro andar onde a entrada se processava pela porta principal e um segundo andar, em que a entrada se fazia no lado de trás da casa. Para este trabalho, os membros integrantes foram eu, o doutor Vítor e o doutor Miguel.

Durante o acompanhamento, o meu orientador de estágio ensinou-me que em Palmela, a Arqueologia para além de se fazer da forma tradicional, aplica outro método de estudo, pelo menos na zona histórica. Tal sucede porque a zona histórica está numa serra, e por esse motivo quando se escava rapidamente se chega ao afloramento rochoso. O método reside no estudo de Arqueologia da Arquitetura, através dos elementos arquitetónicos das casas, pois com a retirada do reboco e estando o miolo da construção à vista, aproveita-se para se fazer um estudo parietal da estrutura, analisando as possíveis fraturas e elementos que estivessem cobertos pela argamassa.

No final do acompanhamento, chegou-se à conclusão que deveriam ser salvos pelo menos alguns elementos arquitetónicos, mais em específico um arco que correspondia a entrada/saída de uma divisão.



(Figura 42 - Arco no interior da casa; **Fonte:** Rafael Matos)

4.4. Fiscalização de obras

Houve diversas ocasiões em que o doutor Vítor realizava fiscalizações de obra em curso, com o objetivo de garantir o cumprimento das normas e regulamentações, pelo que eu o acompanhei nessas tarefas. Esta fiscalização era necessária, pois estavam a decorrer várias obras no centro histórico, que está abrangido pela zona especial de proteção (ZEP) do castelo, e são necessárias a aprovação do serviço de Arqueologia e o seu acompanhamento durante a obra para posterior aprovação da tutela.

4.5. Acompanhamento arqueológico na desmontagem de uma chaminé

No dia 6 de março foi realizado um novo acompanhamento arqueológico, mas desta vez para a desmontagem de uma chaminé, que já constituía um perigo para a via pública, estando em grande estado de degradação, podia a qualquer momento ruir e causar danos em pessoas, viaturas e na via pública. Para este trabalho, a equipa integrante foi o doutor Miguel, o doutor Vítor e eu. Foi utilizado um desenho arqueológico para registar as alterações feitas na chaminé.



(Figura 43 - Abate da chaminé; Fonte: Rafael Matos)

4.6. Acompanhamento na Igreja Matriz de São Pedro

Em duas ocasiões distintas, a primeira a 28 de março de 2024 e a segunda a 4 de abril de 2024, foi realizado um acompanhamento e um estudo parietal às obras de conservação da Igreja Matriz de São Pedro. Em ambas ocasiões, verificámos o lado oeste, que na altura estava a ser alvo de restauro. No lado oeste, verificou-se que anteriormente tinha existido um janelão, que por algum motivo foi tapado, contudo ainda era possível ver algumas reminiscências deste, através da moldura que ainda estava visível e as pedras que estavam encostadas ao janelão. No lado sudoeste da Igreja, era possível observar algumas fissuras, que em discussão com o doutor Miguel ponderou-se que estas podem

estar associadas ao terramoto de 1755, visto que afetou Palmela, derrubando inclusive a Igreja de Santa Maria.

4.7. Aulas de sensibilização sobre a Arqueologia em Escolas

Uma atividade que o serviço de Arqueologia realizou foi a apresentação de alguns sítios arqueológicos no concelho de Palmela em escolas. As escolas que participaram nesta atividade foram a Escola Básica de Cabanas, em Palmela, no dia 7 de março de 2024, o Colégio Corte Real, na Moita, no dia 6 de março de 2024, e a escola do Poceirão no dia 4 de março de 2024. A atividade era dividida em 2 partes: teórica e prática. Estas atividades decorrem com alguma recorrência durante o estágio.

A parte teórica consistia na visualização de uma apresentação *powerpoint* de vários sítios arqueológicos em Palmela, cada sítio de um período diferente. A apresentação iniciava-se com as grutas artificiais da Quinta do Anjo, com uma descrição do que era o sítio e quais eram as suas funções e exemplificando alguns dos achados encontrados nas grutas. Um dos fragmentos com maior destaque era a ponta de seta tipo de Palmela, indicando o motivo do porquê deste nome. Era explicado que as setas tinham este nome porque foi o primeiro sítio a nível mundial que se encontrou pontas de setas com aquele formato. De seguida, era apresentado o Zambujalinho, onde se seguiu a mesma linha condutora, enunciando o seu propósito e o que se tinha descoberto.

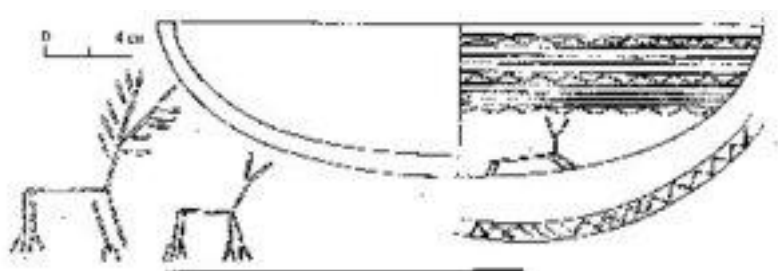
Após a apresentação em *powerpoint*, procedeu-se à demonstração de algumas réplicas dos materiais dos sítios para os alunos observarem. Das grutas, as réplicas eram a ponta de seta, alguns colares e um vaso com desenho de animais, mais especificamente de veado. Do Zambujalinho, a réplica era uma ânfora em miniatura.

Terminada a demonstração das réplicas, vinha a parte favorita das crianças, a parte prática. Esta consistia no uso de plasticina de cor laranja, para se assemelhar à cor da cerâmica, para os alunos fazerem um veado igual ao da peça, para depois da atividade levarem para casa.

Contudo outro projeto, muito semelhante a este, também em parceria com o serviço educativo, sobre o período romano. Neste projeto era demonstrado um vídeo do projeto “Lisboa Romana” e uma apresentação com vários sítios do período romano em Palmela. As escolas que participaram nesta atividade foram o Colégio Corte Real na Moita, no dia 20 de março de 2024, e a Escola Básica de Cabanas, no dia 12 de março de

2024. A parte prática deste projeto, à semelhança do anterior, envolvia também o uso de plasticina. Desta vez com a criação de uma ânfora, onde à semelhança da atividade anterior era entregue às crianças um papel com uma ânfora para eles recortarem, para depois colocarem em cima da plasticina e criarem uma mini-ânfora.

O principal objetivo desta atividade era dar a conhecer o património através de uma apresentação didática e convertida para um público infantil em que a mentalidade e valores sobre o património ainda não estão evoluídos e dessa forma começar a promover essa atenção pelo património.



(Figura 44 - Desenho da taça com a representação do veado; **Fonte:** Câmara Municipal de Palmela)

4.8. Reserva de etnografia Aires

Para além da sua função de arqueólogo municipal, o Dr. Vítor é também o responsável pela reserva das coleções de etnografia de Aires. A atividade na reserva de Aires consistiu em inventariar o material armazenado na reserva, devidamente organizado, com empresas contratadas para a limpeza e restauro do material.

Adicionalmente, procedeu-se à análise dos itens identificados, dado que alguns materiais apresentavam apenas o número de inventário registado na Matriz, sem qualquer descrição ou informação complementar. Durante este processo, foi possível fotografar alguns dos materiais disponíveis e atualizar as respectivas informações na Matriz.

4.9. Projeto Férias a Crescer “Pintar Abril em Palmela”

O projeto “Férias a Crescer”, desenvolvido pelo Serviço Educativo, tem como principal objetivo desafiar as crianças a aprenderem sobre um tema durante o período da

atividade. Esta atividade decorre durante as férias escolares e o seu público-alvo são as crianças entre os 6 e os 11 anos. Durante o período de estágio, participei em duas edições deste projeto.

O primeiro projeto decorreu no dia 25 de março, das 9:00h às 17:00h. E o tema foi “Pintar Abril em Palmela”. A atividade era constituída por 2 partes, decorrendo uma durante o período da manhã e outra durante o período da tarde.

A primeira atividade consistiu num *peddy paper* pelo centro histórico de Palmela. Enquanto esta atividade desenvolvia-se, começou-se a preparar a atividade do período da tarde.

Após o *peddy paper* ter terminado, iniciou-se a segunda atividade, que consistia em realizar um desenho sobre o 25 de Abril. Para esta atividade dividimos as crianças em grupos e cada grupo tinha que conseguir relacionar o desenho com a liberdade e com o 25 de Abril. Para esta atividade tivemos a colaboração do artista de arte Contemporânea Urbana SAMINA, que com a ajuda das crianças grafitou nos desenhos. Os resultados foram expostos na biblioteca municipal de Palmela.



(Figura 45 - Artista SAMINA a ensinar as crianças a grafitar; **Fonte:** Museu Municipal de Palmela)



(Figura 46 - Participantes da atividade a preparar a arte; **Fonte:** Museu Municipal de Palmela)



(Figura 47 - Fotografia com alguns membros do Staff do projeto; **Fonte:** Museu Municipal de Palmela)

4.10. Projeto Férias a Crescer “No Tempo dos Romanos – Uma aventura arqueológica”

A edição de verão do projeto “Férias a Crescer”, decorreu nos dias 3, 4 e 5 de julho. Esta edição teve como tema o período romano e a Arqueologia. Cada dia tinha 3 atividades planeadas. No primeiro dia as atividades tiveram lugar no período da manhã com um *peddy paper* pelo centro histórico. No período da tarde a atividade planeada foi sobre o período romano com a apresentação do vídeo “Lisboa Romana” e com a parte prática com plasticina para as crianças fazerem a forma de um peixe, em vez de uma ânfora. A escolha do peixe deveu-se por este ser o ingrediente principal do *Garum*.

O *Garum* é uma pasta obtida através do sangue e das vísceras de peixes esmagados, e por o este ser um dos temas principais desta atividade, pois estava relacionada com o sítio arqueológico do Zambujalinho, pois as ânforas aí criadas serviam para transportar o *garum* para o resto do império.

A última atividade foi ensinar as crianças a fazer um desenho arqueológico, e foi usada a arca tumular de D. Jorge de Lencastre como objeto de desenho.



(Figura 48 - Crianças a aprenderem a fazer desenho arqueológico; **Fonte:** Rafael Matos)

No segundo dia a atividade do período da manhã foi em Setúbal, mais em específico no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal (MAEDS), onde fomos ter uma visita. Visitamos a sala de Arqueologia que apresentava materiais arqueológicos de várias escavações pelo MAEDS e visitou-se a área relacionada com a Etnografia repleta de artefactos relacionados com a vida naval, vida muito presente em Setúbal. No período da tarde deslocamo-nos para a Quinta pedagógica de São Paulo, no parque natural da serra da Arrábida, onde fizemos várias atividades e onde almoçamos. Após o almoço dividimos as crianças em 2 grupos, enquanto um grupo fazia uma atividade, o outro fazia outra.



(Figura 49 - Jogos de água; **Fonte:** Rafael Matos)

Concluídos os jogos, seguimos para a segunda atividade que foi fazer pão. Após terminarmos de fazer os pães fomos fazer uma atividade de “escape room”, nos conventos edificadas. A atividade começou no convento de São Paulo, edificado por frades paulistas em 1385, e através de pistas encontramos a chave para sairmos do convento e irmos para um outro convento, onde Estevão da Gama, filho de Vasco da Gama e dono do terreno onde a quinta se encontra, deixou um tesouro. O convento dos Capuchos está localizado a 300 metros do convento de São Paulo, e é um convento em ruínas, local propício para

escavações arqueológicas, inclusive nas suas imediações encontram-se grutas artificiais datadas do período do Calcolítico.

No último dia, a 5, começámos a atividade em Tróia com uma visita guiada pelas ruínas. Vimos as termas romanas, que estranhamente estavam bastante próximas das cetárias, onde os romanos produziam vários condimentos, mas mais em específico, o *garum*. Onde estavam as fábricas, estavam presentes muitos locais de enterramento, dando a entender que após o abandono das fábricas, aquele local se havia tornado num cemitério.

Vimos as ruínas da área residencial, onde os donos das fábricas viviam, e onde a primeira escavação arqueológica em Tróia se deu, no século XVIII, patrocinadas pela rainha D^a. Maria I. Após a visita guiada, começámos uma nova atividade, com as crianças, que foi a limpeza de materiais encontrados numa escavação nas ruínas. Dos materiais lavados, encontrou-se alguma sigillata gálica, alguma africana, alguns fragmentos de ânforas, e cerâmica comum.

Após o almoço deu-se a última atividade que foi uma ida à praia em Tróia.



(Figura 50 - Materiais lavados pelas crianças durante a atividade; Fonte: Rafael Matos)

4.11. Caminhada na Serra do Louro com a Escola Secundária de Palmela

Uma das atividades que realizámos também foi com duas turmas de ensino secundário, que consistiu numa caminhada pela serra do Louro, serra onde estão os sítios arqueológicos de Chibanes e do Alto da Queimada, com destino até às grutas artificiais da Quinta do Anjo. Na caminhada parámos nos sítios arqueológicos para explicar o que eram os sítios, sendo esse o objetivo principal da caminhada, e por fim após chegarmos às grutas e o Dr. Miguel explicar o que estas eram, tal como fizemos com os alunos da primária, mostrámos as réplicas de algumas peças que foram encontradas nas grutas.

5. Considerações finais

O “envelhecimento” e a degradação dos materiais arqueológicos é um processo inevitável, devido aos fatores do meio ambiente que os rodeiam. Contudo, através da conservação e do seu estudo, é possível minimizar a perda de informação dos materiais arqueológicos. É neste momento que o inventário assume o papel de guardião para impedir que informação dos materiais seja perdida pelo passar do tempo.

O laboratório de Arqueologia de Palmela tem em sua posse várias coleções de materiais dos mais variados sítios arqueológicos presentes no seu concelho, e um dos mais importante, senão o mais importante de toda a região, é o conjunto de silos na Rua de Nenhures. A quantidade de materiais para estudo é enorme, e a vontade de se voltar lá a escavar também o é. Contudo, para a realização de novas escavações, é necessário primeiro estudar-se e inventariar-se o material que já foi encontrado até à data, coisa que se apresentava quase impossível, pois a equipa tinha outros afazeres não menos importantes, que roubam tempo precioso para a evolução do estudo, algo que com o meu estágio conseguiu-se mudar e adiantou-se o estudo dos materiais para a utilização própria e para o relatório de escavação.

O interesse deste estágio foi experienciar a vida e o trabalho que um arqueólogo municipal tem no seu dia a dia, os projetos que o Serviço de Arqueologia tem com outros Serviços, de forma a conseguir explorar a arqueologia e de fazer esta chegar a vários ramos da sociedade, como por exemplo as escolas. Além deste propósito, temos os objectivos internos mais virados para o mundo da arqueologia, como o estudo de materiais, o estudo das pastas, o inventário, o desenho, as fotografias, etc...

Este relatório poderá ser uma base para uma outra pessoa que queira entrar no mundo da Arqueologia de Palmela poder consultar, e dessa forma conhecer o que já foi estudado e por onde poderá continuar. Este relatório, bem como o estágio associado, contribuíram para o desenvolvimento das minhas capacidades apreendidas durante a licenciatura e no mestrado de Arqueologia, sendo que a parte prática foi fulcral para o avanço do meu desenvolvimento na área. Foi um desenvolver constante, não só a nível académico mas também a nível profissional, em que muitos dos conhecimentos aprendidos na teoria foram postos em prática. É de salientar que o objetivos principais deste estágio foram cumpridos: a realização do inventário de todas as peças disponíveis relacionadas com os silos da rua de Nenhures, no qual as peças contendo mais informação

foram fotografadas e desenhadas, foram analisadas as suas pastas e o pôr em prática o conhecimento aprendido em aula. Foram realizadas outras atividades que inicialmente não estavam planeadas, porém também, graças a estas, aprendi que nem sempre os arqueólogos municipais estão só a fazer o trabalho de arqueologia, mas também a dirigir museus e a preparar atividades relacionadas com arqueologia com outros departamentos, como o serviço educativo.

Para finalizar, há que salientar que todo este processo de aprendizagem só foi possível graças à equipa de Arqueologia estar sempre pronta e disposta a ajudar na realização do estágio.

6. Bibliografia e Webgrafia

AMARAL, J. (2011). *Gestão de acervos: proposta de abordagem para a organização de reservas* (Tese de mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

BOMBICO, S. (2017). *Economia marítima da Lusitânia Romana: exportação e circulação de bens alimentares* (Vol. I, Tese de Doutoramento). Universidade de Évora. DSPACE – Repositório da Universidade de Évora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/21051>

CARDOSO, J. (2021). Uma colaboração de afectos: Vera Leisner (1885-1972) e O. da Veiga Ferreira (1917-1997). Em A. C. Sousa, F. Bragança, F. Torquato, & M. Kunst (Orgs.), *Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo no Ocidente da Península Ibérica: Contributos para a história da investigação arqueológica luso-alemã através do arquivo Leisner (1909-1972)* (pp. 561–581). Universidade de Lisboa, UNIARQ. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/3229>

CARDOSO, J. & FERNANDES, I. (2012). *A economia alimentar dos muçulmanos e dos cristãos do Castelo de Palmela: um contributo*. *Arqueologia Medieval*, 12, 211-233. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/5898>

CARNEIRO, A., & BOMBICO, S. (2016). Do Mar ao Montado: Evidências da utilização e exploração de cortiça na Lusitânia Romana.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/21051>

CARREIRA, J. (1998). *A ocupação da Pré-história Recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal*. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3-4, 123-213. Lisboa.

COMERLATO, F. (2020). *Apostila. Módulo 1: Introdução sobre Arqueologia, Conservação e Museologia*.

CORREIA, V., MARTINS, A., & RAPOSO, L. (2000). Normas de Inventário: normas gerais – arqueologia. Em *Museu Nacional de Arqueologia, Museu Monográfico de Conímbriga, Direcção de Serviços de Inventário/Instituto Português de Museus* (coord.), *Normas de Inventário* (pp. 1-25). Lisboa: Instituto Português dos Museus.

COSTA, A. (1908). *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. O Archeologo Português*, 13(7-12), 270-283. Lisboa.

COSTA, A. I. Marques da (1910) – *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. O Arqueólogo Português*, 15, p. 55-83.

CRUZ, M., & CORREIA, V. (2007). *Normas gerais de inventário de arqueologia – Cerâmica utilitária*. Em *Institutos dos Museus e da Conservação* (coord.), *Normas de Inventário* (pp. 35-52). Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

DELGADO, M. (1971). *Cerâmica campaniense em Portugal*. Em *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (pp. 403-420). Ministério da Educação Nacional, Coimbra.

DETRY, C., SILVA, C. T., & SOARES, J. (2017). Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20(1), 113-127.

ENCARNAÇÃO, J. (1996). *Recensão a “Arqueologia em Palmela (1988-1992)”*. *Conimbriga*, 35(1ª), 222-223. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/89248>

FABIÃO, C. (2004). *Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação*. Em D. Bernal Casasola & L. Lagóstena Barrios (Orgs.), *Figlinae Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (s. II a.C. - VII d.C.)* (pp. 379-410). Oxford: Universidad de Cádiz: Archaeopress.

FERNANDES, I., & CARVALHO, A. (1997). *Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (Palmela)*. Em *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski* (pp. 112-130). Setúbal Arqueológica.

FERNANDES, I., & CARVALHO, A. (1998). *Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela*. Em *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (pp. 102-116). Lisboa.

FERNANDES, I. (1999). *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela*. *Arqueologia Medieval*, 6, 103-110.

FERNANDES, I. (2004). *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Edições Colibri.

FERNANDES, I., & SANTOS, M. (2008). *Arqueologia no Centro Histórico de Palmela: Rua de Nenhures e Paços do Concelho*. Em *Roteiro da Exposição: “Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes”* (pp. 14-30). Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, I. C. (2012). O último convento da Ordem de Santiago em Palmela: Dados arqueológicos da intervenção no pátio fronteiro à igreja.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/11709>

FERNANDES, I. (2018). *Entre Deus e o Rei. O Mundo das Ordens Militares*. Coleção Ordens Militares, 8, Vol. 1. Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago.

GONÇALVES, V., SOUSA, A., & SANTOS, M. (2018). *A Necrópole de Grutas Artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela). 3200-2000 anos antes da nossa era. A Necrópole de Grutas Artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela). 3200-2000 anos antes da nossa era. Um guia curto e alguns comentários.*

GONÇALVEZ, L., DE ABREU, M., & Pereira, C. (2020). *Arrábida, Território da espiritualidade: Geologia, Arqueologia e Arte*. *Revista Mosaico - Revista de História*, 13, 45-59.

GUERRA, A. (2004). *Caepiana: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(2), 125-142. Lisboa.

HOMEM, P. (2014). *As cerâmicas arqueológicas e os estudos de proveniência de matérias-primas e transformações tecnológicas: o contributo do estudo textural da fracção não-plástica e respectiva distribuição nas pastas*. Em *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias* (pp. 455-474). Vol. 2.

LIBERATO, M., INÁCIO, I., LOPES, G., SANTOS, C., BUGALHÃO, J., CATARINO, H., & GONÇALVES, M. (2021). *Cerâmica de tradição islâmica em contexto português. Séculos XII-XIV. Medievalista*. Online. Disponível em: <https://www.medievalista-online.pt>

MACHADO, A., SANTOS, M., SERRA, M., & PORFÍRIO, E. (2012). *Restauro e valorização de estruturas arqueológicas em Palmela: a alcaria do Alto da Queimada*.

MAIA, M. (1978). *Ânforas neopúnicas do Sul de Portugal*. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: 199-207.

MENDES, P. (2015). *Os Hipogeus 3 e 4 da Quinta do Anjo (Palmela) – Uma abordagem geoarqueológica*. Em G. Branco, L. Rocha, C. Duarte, J. D. Oliveira, & P. Bueno-

Ramírez (Orgs.), *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário* (pp. 90–105). Évora: CHAIA.

PIMENTA, J., SILVA, C., SOARES, J., & PEREIRA, T. (2019). *Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos*. PHIUSSA. *Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*, 3, 45-79. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/40745>

PRATA, C., FERNANDES, I., SANTOS, M., SAMPAIO, T., SOUSA, Z., & ROSENDO, M. (Coord.). (2010). *Roteiros Exposição Patrimónios, Centro Histórico da Vila de Palmela*. Câmara Municipal de Palmela.

RANGEL, J., FAÍSCA, C., BOMBICO, S., & MOURISCO, P. (Coord.). (2016). *Do Mar ao Montado: evidências da utilização e exploração de cortiça na Lusitânia Romana*. Em *El alcornocal y el negocio corchero: una perspectiva histórica e interdisciplinar* (pp. 47–63). Badajoz: Diputación de Badajoz.

RAPOSO, J. (2012). *Olarias Romanas da Região do Tejo e do Sado*.

RIBEIRO, M (2001). *A arqueologia e as tecnologias de informação: uma proposta para o tratamento normalizado do registo arqueológico*. Universidade do Minho. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/8603>

SADO-TEJO, I. N. T. E. R. E. S. T. U. A. R. I. N. A. *Olarias romanas da região do Tejo e do Sado*.

SCHULTEN, A. (1937). *Fontes Hispaniae antiquae, IV - Las guerras de 154-72 a. de J.C. Edición y Comentario*. Barcelona: Librería Bosch.

SERRA, M. (2016). *A Alcaria do Alto da Queimada (Palmela). Valorização e divulgação do património arqueológico*. *Arqueologia Medieval*, 13, 51-64.

SILVA, C. & SOARES, J. (1997). *Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavação de 1996*. Em *Estudos Orientais*.

SILVA, C., SOARES, J., DUARTE, S., PEREIRA, T. R., COELHO-SOARES, A., & SORIA, V. (2019). *Castro de Chibanes (Palmela) Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017*. *Setúbal Arqueológica*, 18: *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano*. *Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*.

SILVA, C., SOARES, J., PIMENTA, J., DUARTE, S., COELHO-SOARES, A., & PEREIRA, T. (2021). *Ocupação do período romano Republicano dos setores ocidentais do Castro de Chibanes (Palmela): um balanço*. Em G. Cardoso & C. Nozes (Orgs.), *Lisboa romana, Felicitas Iulia Olisipo: O ager olisiponensis e as estruturas de povoamento* (pp. 134-149). Casal de Cambra / Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/52038>

SOARES, J. (2003). *Os hipogeus da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/39407>

SOARES, J., & TAVARES DA SILVA, C. (2014). *O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura*. *Setúbal Arqueológica*, 15, 65-84.

Sites consultados:

Alto da Queimada - CM Palmela (cm-palmela.pt), consultado no dia 15/7/2024;

História. CM Palmela (cm-palmela.pt), consultado no dia 19/8/2024;

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=56292>, consultado no dia 27/7/2024;

<https://visitpalmela.pt/conhecer/castelo-de-palmela/visitar/praca-de-armas>, consultado no dia 26/7/2024;

<https://www.cm-palmela.pt/viver/museu-e-patrimonio/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/zambujalinho>, visitado no dia 26/7/2024;

Portal do Arqueólogo (patrimoniocultural.pt), consultado no dia 28/7/2024;

Portal do Arqueólogo (patrimoniocultural.pt), consultado no dia 28/7/2024;

Portal do Arqueólogo (patrimoniocultural.pt), consultado no dia 30/7/2024;

Portal do Arqueólogo (patrimoniocultural.pt), consultado no dia 5/8/2024;

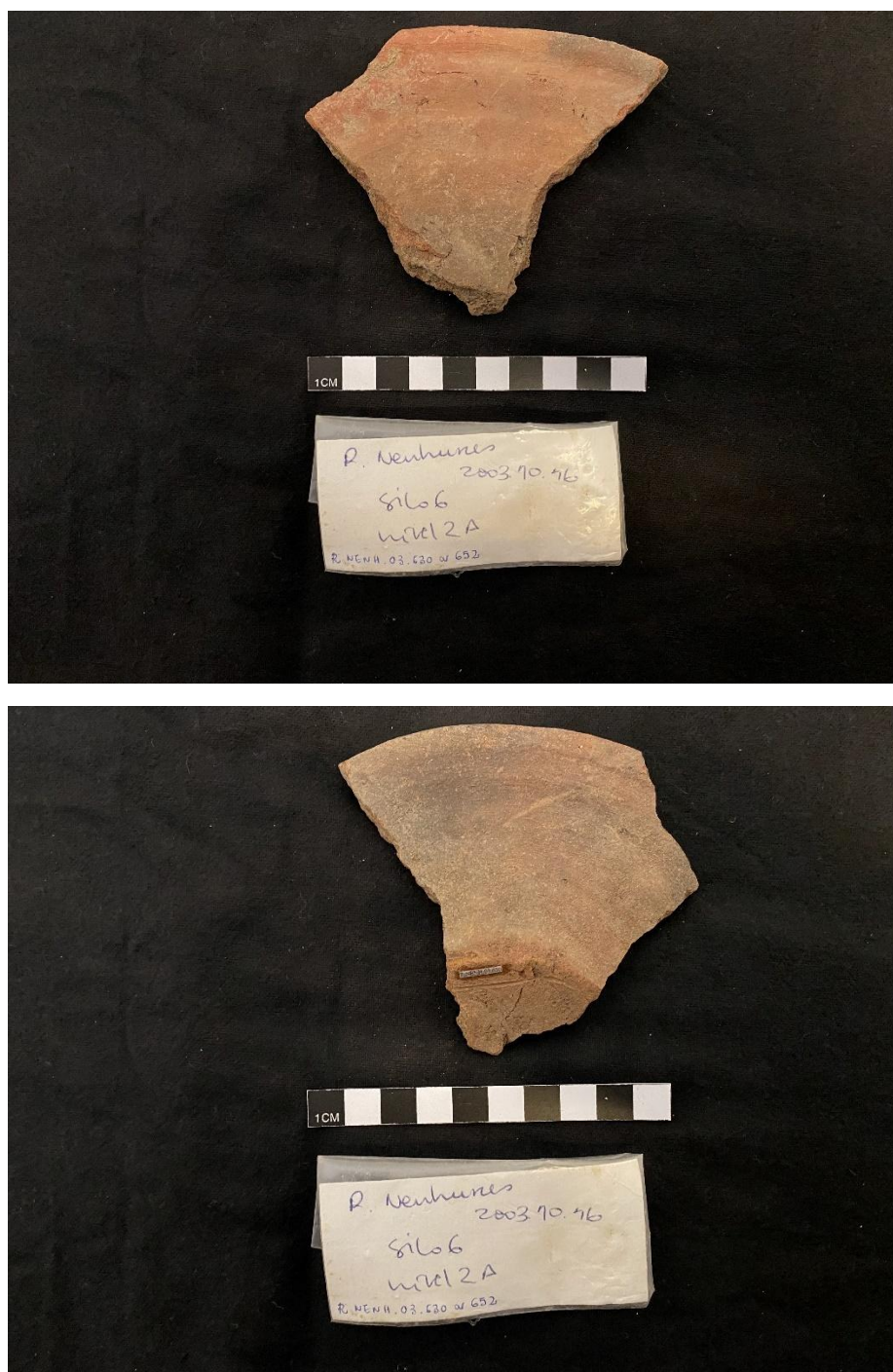
Praça de Armas | Turismo de Palmela - Palmela Conquista (visitpalmela.pt), consultado no dia 7/6/2024;

SIG Palmela - CM Palmela (cm-palmela.pt), consultado no dia 2/9/2024;

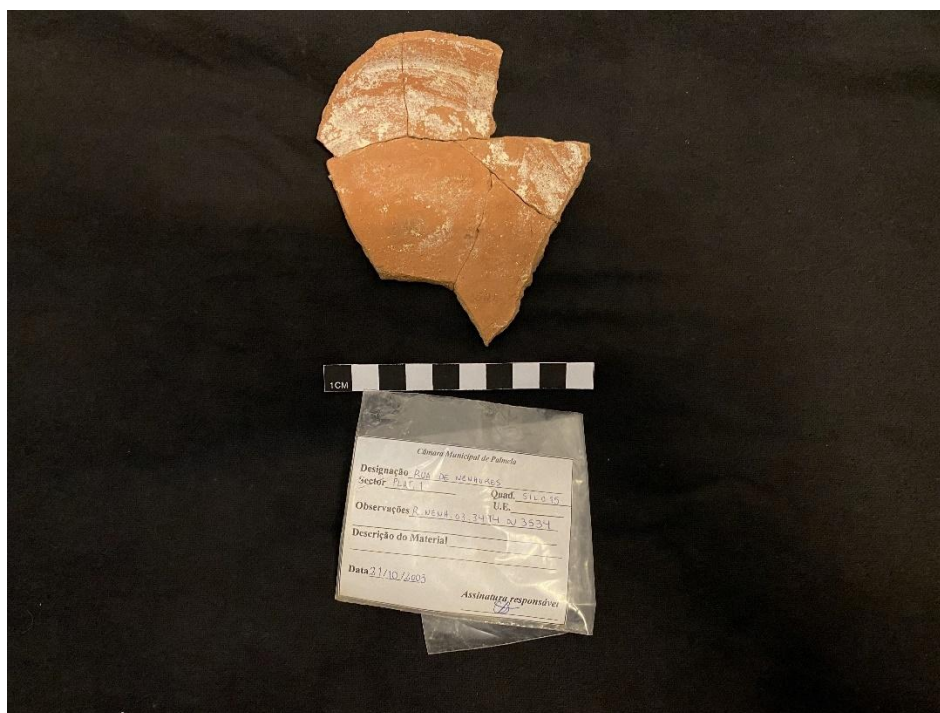
Zambujalinho - CM Palmela (cm-palmela.pt), consultado no dia 19/8/2024;

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=19825, consultado
no dia 19/11/2025

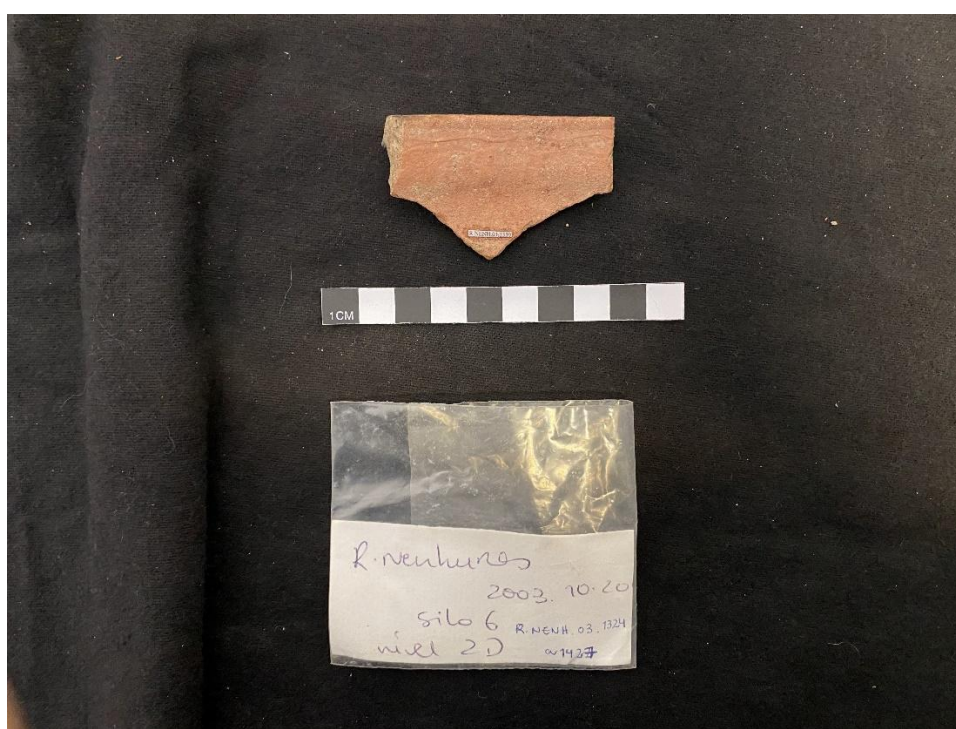
7.0 Anexos



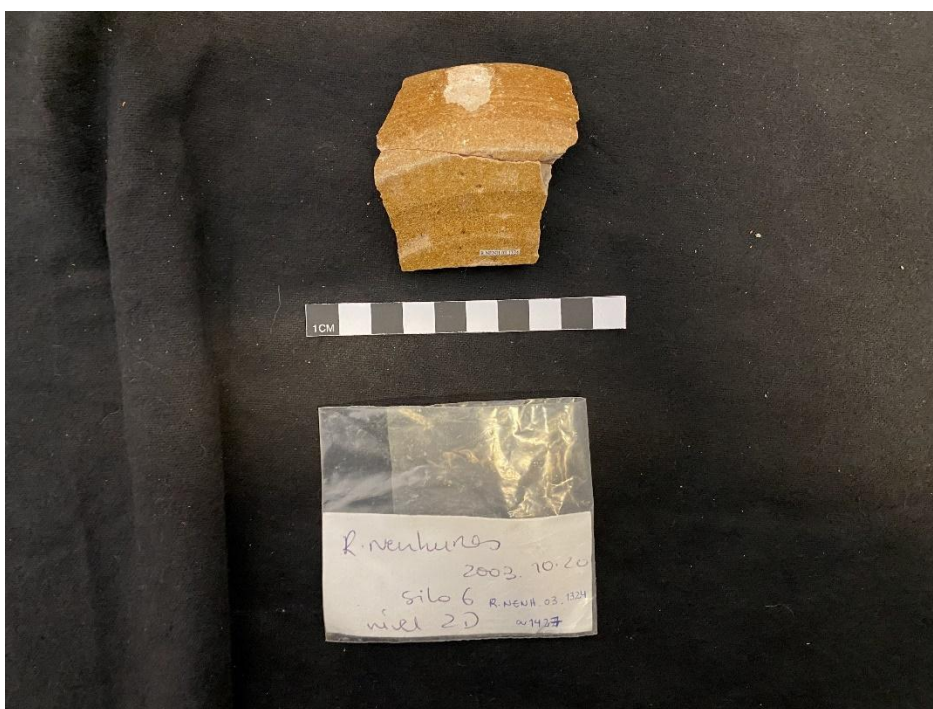
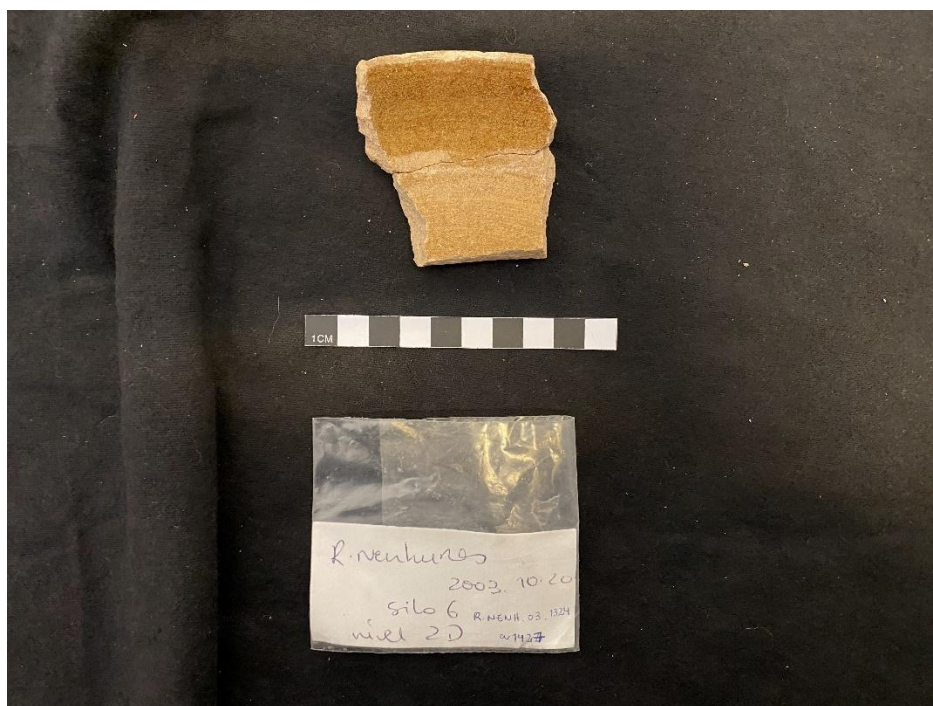
(Figuras 51 e 52 – Fotografia da peça 03.630 do silo 6 para o inventário; **Fonte:** Rafael Matos)



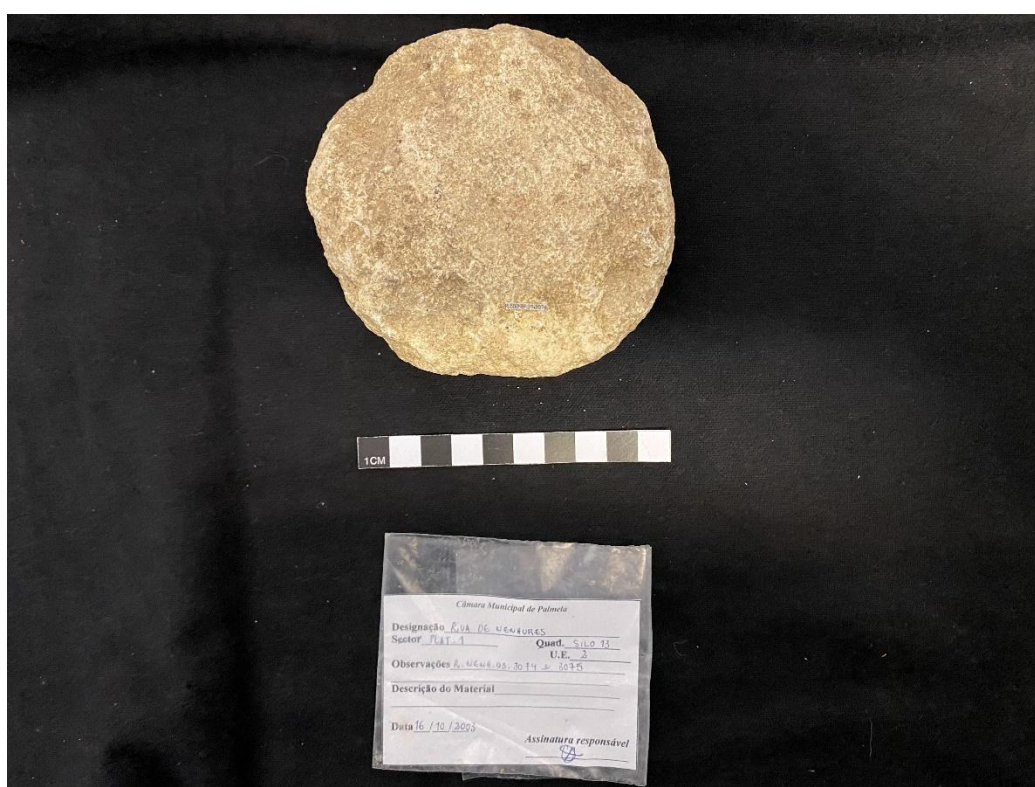
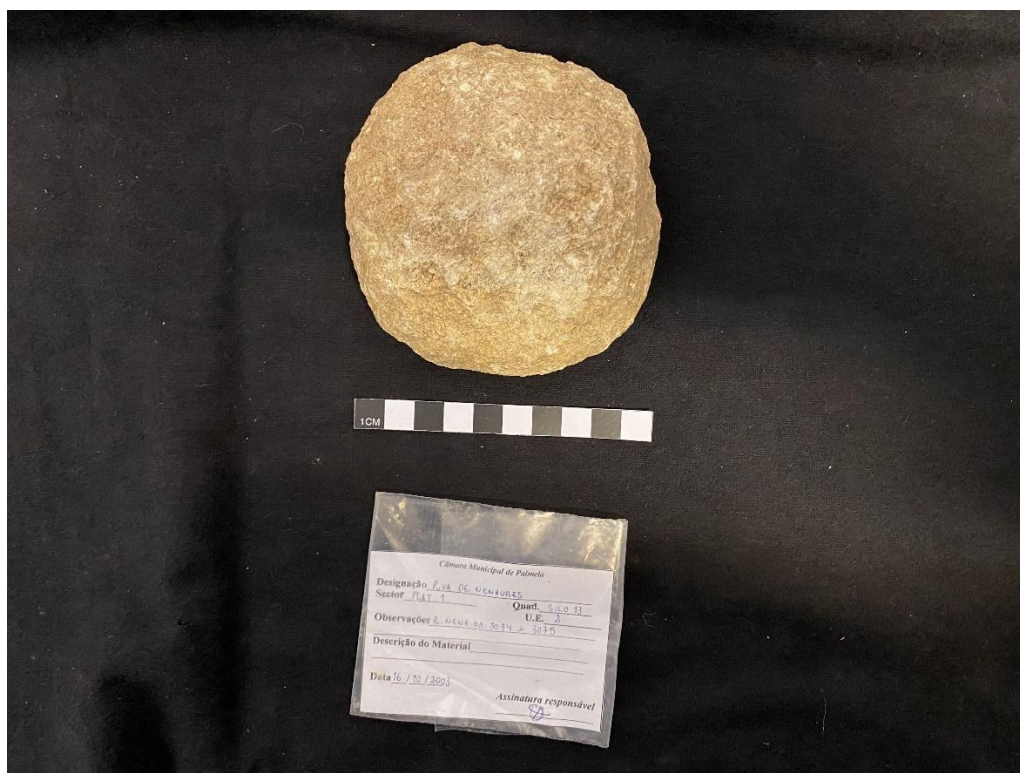
(Figuras 53 e 54 – Fotografia da peça 03. 3522 do silo 15 para inventário; **Fonte:** Rafael Matos)



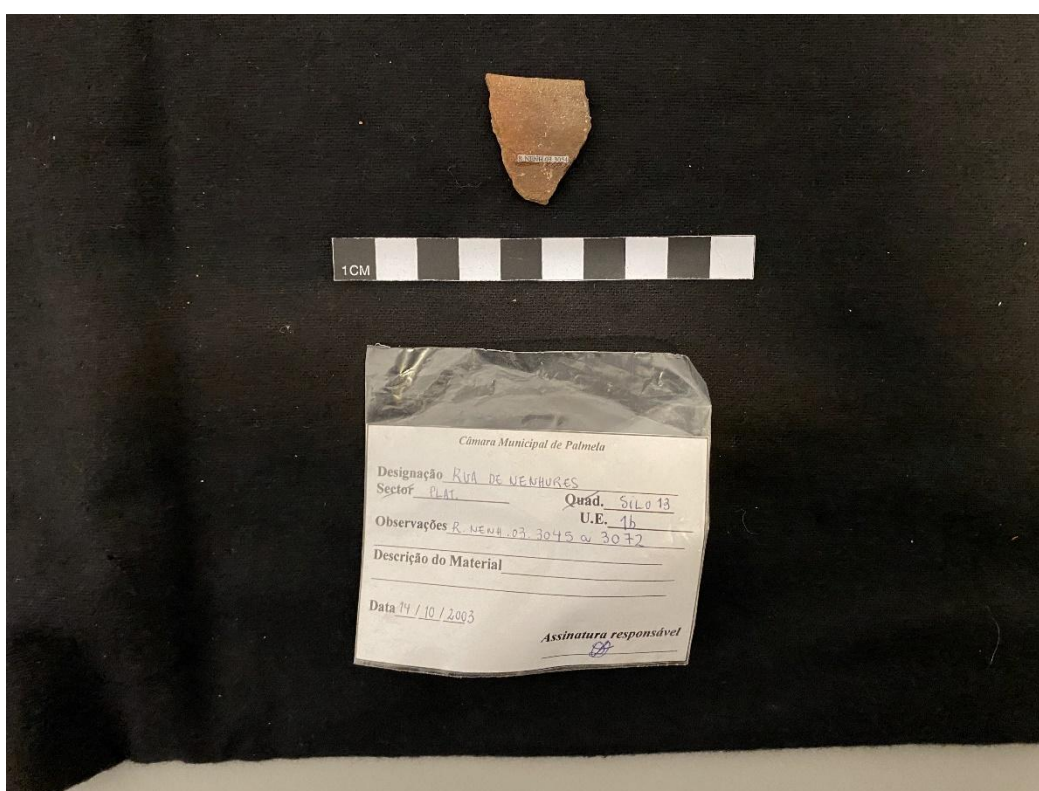
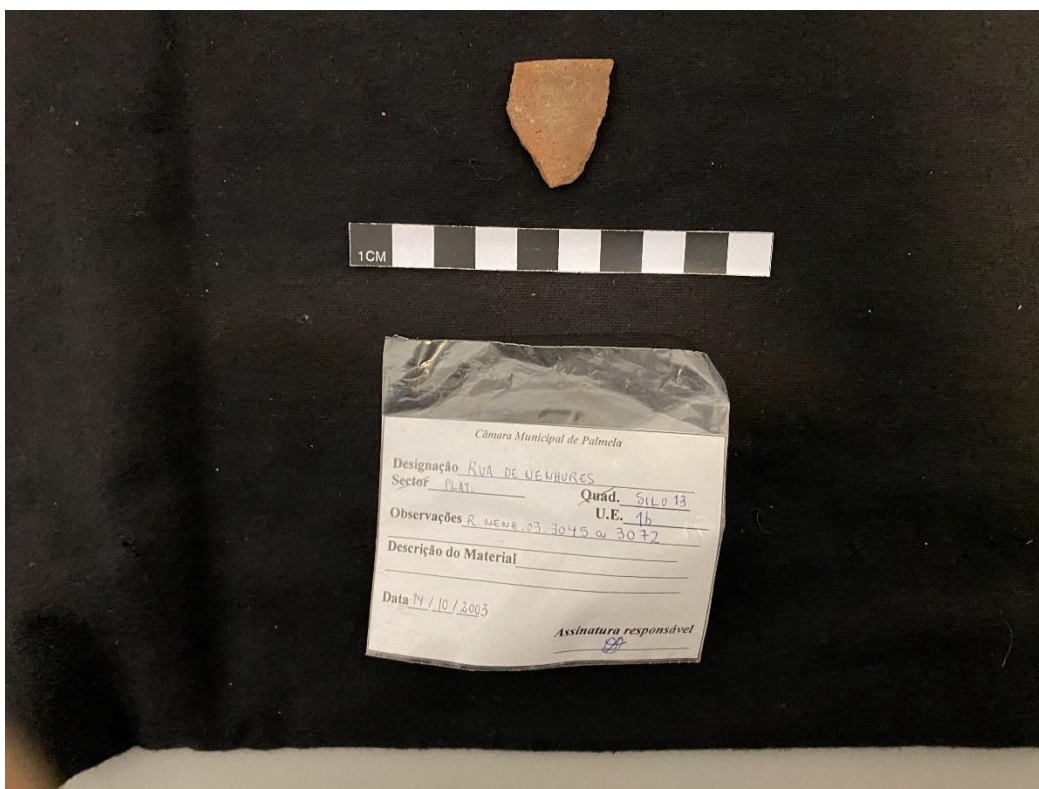
(Figuras 55 e 56 – Fotografias da peça 03. 1339 do silo 6 para inventário: **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 57 e 58 – Fotografias da peça 03. 1324 do silo 6 para inventário; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 59 e 60 – Fotografias da peça 03. 3074 do silo 13 para inventário; Fonte: Rafael Matos)



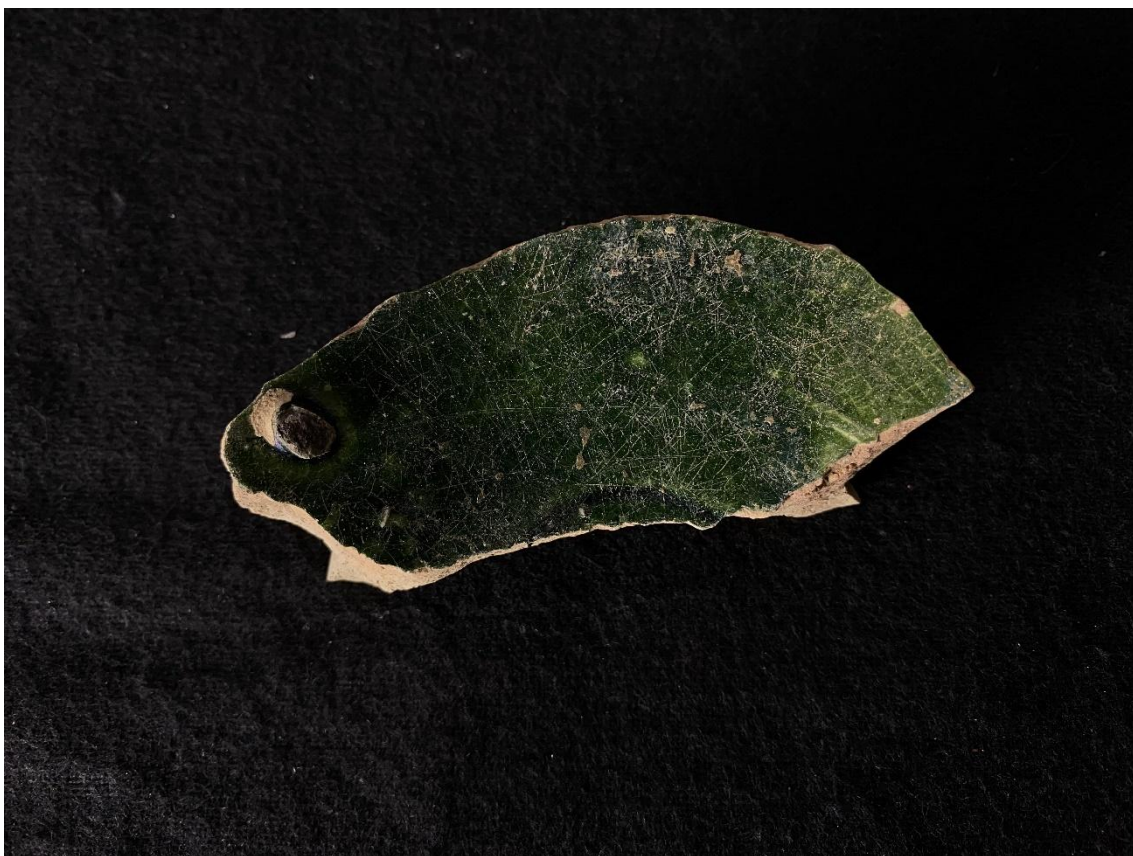
(Figuras 61 e 62 – Fotografias da peça 03. 3054 do silo 13 para inventário; Fonte: Rafael Matos)



(Figuras 63 e 64 – Fotografias de um testo para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 65 e 66- Fotografias de pega e bordo de frigideira para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 67 e 68 – Fotografias de uma taça vidrada para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 69 e 70 – Fotografias de um fragmento de parede decorado para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



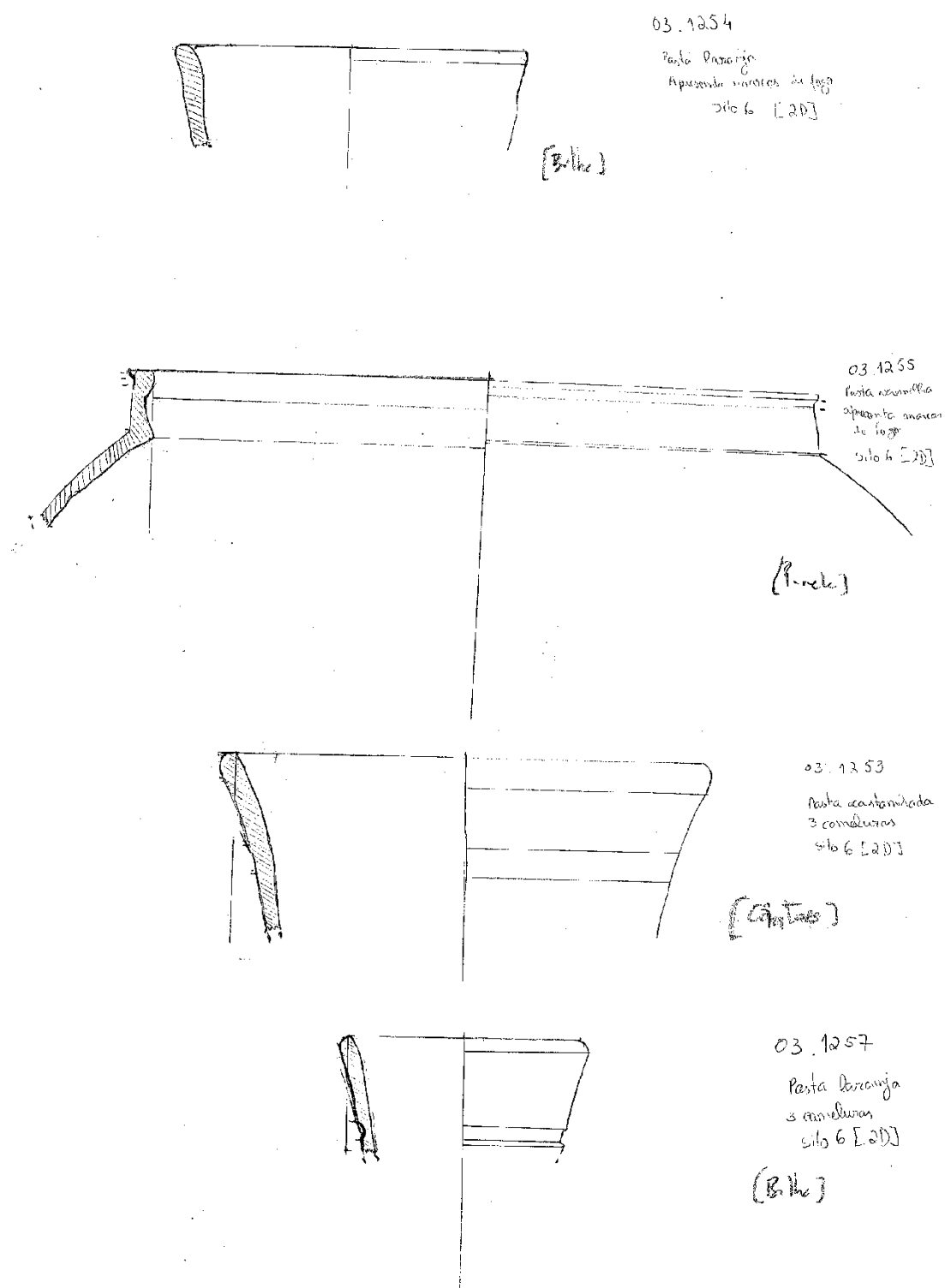
(Figuras 71 e 72 – Fotografias de um fundo para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



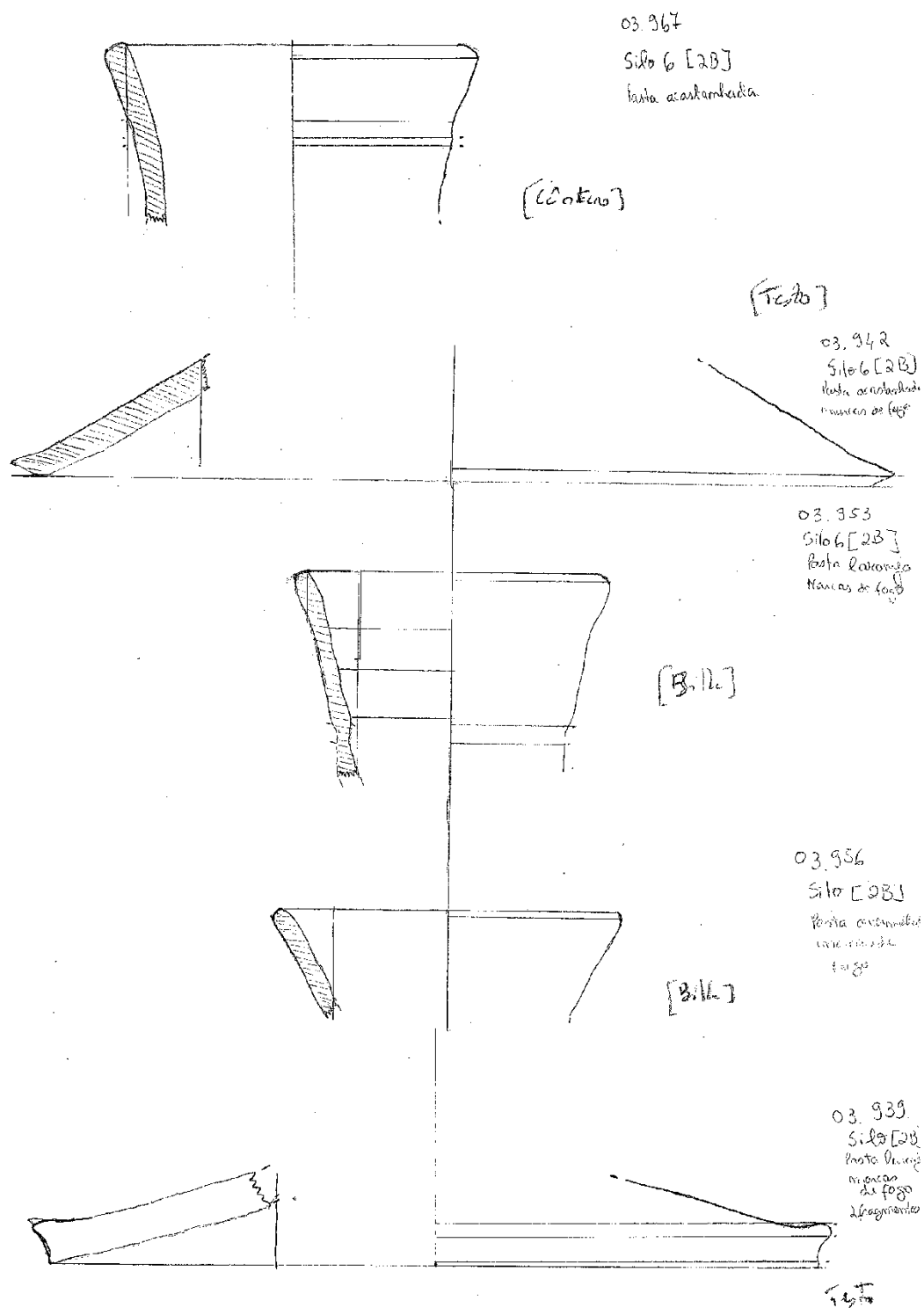
(Figuras 73 e 74 – Fotografias de um bordo e parede para a Matriz; **Fonte:** Rafael Matos)



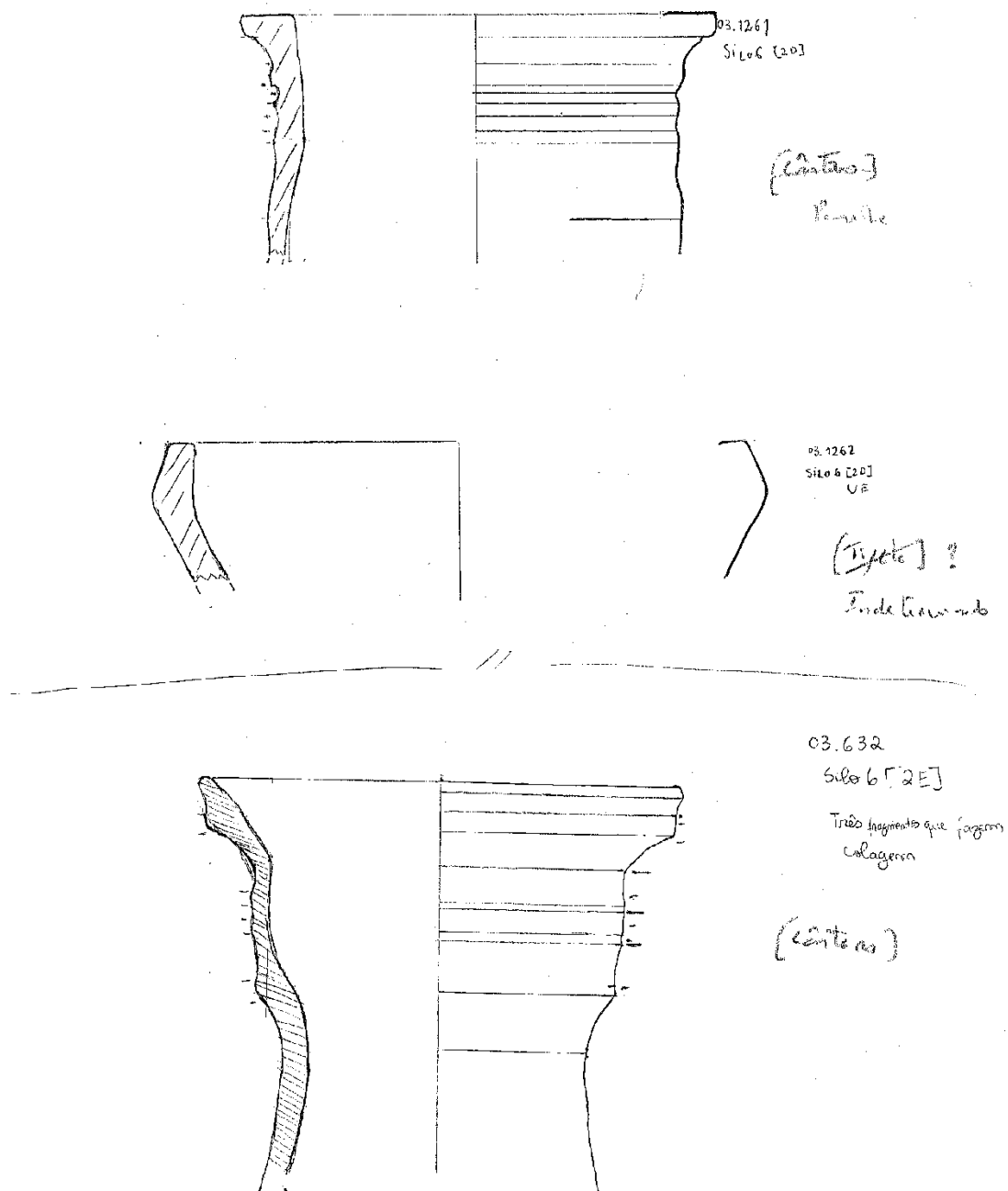
(Figura 75 e 76 – Fotografia do fragmento 03. 1929 do silo 6; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 79 – Desenhos de algumas peças; Fonte; Rafael Matos)



(Figura 80 – Desenhos de algumas peças; Fonte: Rafael Matos)



(Figura 81 – Desenho de algumas peças; Fonte: Rafael Matos)



(Figura 82 – Cetárias romanas nas ruínas romanas de Tróia; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 83 – Complexo habitacional das ruínas romanas de Tróia; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 84 e 85 – ruínas dos banhos romanos das ruínas de Tróia; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 86 e 87 – Lápides funerárias após o abandono das fábricas romanas; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figuras 88 e 89 – Alguns Fragmentos lavados pelas crianças na visita às ruínas romanas de Tróia; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 90 – Alto da Queimada durante o processo de desmatção e limpeza; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 91 – Acompanhamento na desmontagem da chaminé; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 92 – Acompanhamento arqueológico de uma casa que vai ser restaurada; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 93 – Convento dos Capuchos; **Fonte:** Rafael Matos)



(Figura 94 – Jogos de água com os jovens na quinta pedagógica de São Paulo; **Fonte:** Rafael Matos)

E2570																			
I		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N				
1		Nº Inv	Plataforma	Quadricul	U.E.	Descrição	Materia-Prima	Cor	Comp (mm)	Leg (mm)	Esp (mm)	Ø (mm)	Altura	Peso (g)	Observação				
1250	RMENH-03.0304	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento de arranque de asa	Cerâmica	Laranja	22	40	16								F1
1251	RMENH-03.0305	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento de Asa em fita	Cerâmica	Laranja	18	22	8								F1
1252	RMENH-03.0306	1	Silo 6	U.E. 2D		Material de construção	Cerâmica	Laranja	147	73	9								P2
1253	RMENH-03.0307	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede e fundo	Cerâmica	Laranja	73	54	10		71						F1
1254	RMENH-03.0308	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede e fundo	Cerâmica	Laranja	44	65	8		26						F1
1255	RMENH-03.0309	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede e fundo	Cerâmica	Laranja	47	47	5		36						P4
1271	RMENH-03.0370	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede e fundo	Cerâmica	Laranja	68	62	10		55						F1
1272	RMENH-03.0371	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede e fundo	Cerâmica	Laranja	41	45	2		18						F1
1273	RMENH-03.0372	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Acastanhada	51	4			37						F1
1274	RMENH-03.0373	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento de um fundo	Cerâmica	Laranja	33	36	6		8						F1
1275	RMENH-03.0377	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	86	2			18						F1
1276	RMENH-03.0378	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento de parede com arranque de asa	Cerâmica	Laranja	21	5			43						F1
1277	RMENH-03.0376	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	22	4			36						F1
1278	RMENH-03.0379	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	35	2			40						F1
1279	RMENH-03.0378	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	16	2			20						F1
1280	RMENH-03.0379	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Acastanhada	31	4			19						P4
1281	RMENH-03.0380	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	27	3			30						F1
1282	RMENH-03.0381	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	24	1			39						F1
1283	RMENH-03.0382	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	33	4			26						F1
1284	RMENH-03.0383	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	40	2			22						F1
1285	RMENH-03.0384	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	20	4			28						F1
1286	RMENH-03.0385	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	55	3			33						F1
1287	RMENH-03.0386	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede com arranque de asa	Cerâmica	Acastanhada	55	2			36						F1
1288	RMENH-03.0387	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	39	2			37						F1
1289	RMENH-03.0388	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	34	6			19						F1
1290	RMENH-03.0389	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	36	4			25						F1
1291	RMENH-03.0390	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	32	2			37						F1
1292	RMENH-03.0391	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	31	2			34						F1
1293	RMENH-03.0392	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	40	4			33						F1
1294	RMENH-03.0393	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	36	2			26						F1
1295	RMENH-03.0394	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	33	3			19						F1
1296	RMENH-03.0395	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	55	2			35						F1
1297	RMENH-03.0396	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	31	3			35						F1
1298	RMENH-03.0397	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	18	6			44						P4
1299	RMENH-03.0398	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	30	4			11						F1
1300	RMENH-03.0399	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	23	4			37						F1
1301	RMENH-03.0300	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	75	4			47						F1
1302	RMENH-03.0301	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	30	4			19						F1
1303	RMENH-03.0302	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	15	2			34						F1
1304	RMENH-03.0303	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	31	4			30						F1
1305	RMENH-03.0304	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	43	3			35						F1
1306	RMENH-03.0305	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	34	2			49						F1
1307	RMENH-03.0306	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	36	6			47						P4
1308	RMENH-03.0307	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	49	1			38						P8
1309	RMENH-03.0308	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	23	4			34						F1
1310	RMENH-03.0309	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	3			37						F1
1311	RMENH-03.0310	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Acastanhada	46	1			27						F1
1312	RMENH-03.0311	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	34	2			29						F1
1313	RMENH-03.0312	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	34	4			20						P4
1314	RMENH-03.0313	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	44	1			24						F1
1315	RMENH-03.0314	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	62	2			20						F1
1316	RMENH-03.0315	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	20	3			35						P4
1317	RMENH-03.0316	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	26	2			33						F1
1318	RMENH-03.0317	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	42	3			28						F1
1319	RMENH-03.0318	1	Silo 6	U.E. 2D		Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	18	5			16						P4

(Figura 95 – Inventário do silo 6; Fonte: Rafael Matos)

E2570																			
I		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N				
1		Nº Inv	Plataforma	Quadricul	U.E.	Descrição	Materia-Prima	Cor	Comp (mm)	Leg (mm)	Esp (mm)	Ø (mm)	Altura	Peso (g)	Observação				
3840	RMENH-03.3839	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		31								P4
3841	RMENH-03.3840	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	4		13								P4
3842	RMENH-03.3841	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	4		13								P4
3843	RMENH-03.3842	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		33								F1
3844	RMENH-03.3843	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	49	1	19								P8
3845	RMENH-03.3844	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	10		24								P4
3846	RMENH-03.3845	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	3		42								P4
3847	RMENH-03.3846	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		31								P4
3848	RMENH-03.3847	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	5		16								P4
3849	RMENH-03.3848	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		29								P4
3850	RMENH-03.3849	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		31								F4
3851	RMENH-03.3850	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	7		38								P2
3852	RMENH-03.3851	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	24		28								P4
3853	RMENH-03.3852	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		27								P4
3854	RMENH-03.3853	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		29								P4
3855	RMENH-03.3854	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		53								F1
3856	RMENH-03.3855	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	5		22								P2
3857	RMENH-03.3856	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	5		21								P4
3858	RMENH-03.3857	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	10		20								P2
3859	RMENH-03.3858	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	5		41								P2
3860	RMENH-03.3859	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Papel	5		20								P2
3861	RMENH-03.3860	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	6		23								P2
3862	RMENH-03.3861	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento da parte de teto	Cerâmica	Laranja	7		19								P4
3863	RMENH-03.3862	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	5		23								P4
3864	RMENH-03.3863	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		25								P4
3865	RMENH-03.3864	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		34								P1
3866	RMENH-03.3865	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		47								P4
3867	RMENH-03.3866	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		57								P4
3868	RMENH-03.3867	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		59								P4
3869	RMENH-03.3868	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	10		29								P4
3870	RMENH-03.3869	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	27		17								P4
3871	RMENH-03.3870	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	7		20								P8
3872	RMENH-03.3871	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		29								P8
3873	RMENH-03.3872	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		26								P8
3874	RMENH-03.3873	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	7		29								P2
3875	RMENH-03.3874	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	6		29								P2
3876	RMENH-03.3875	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	6		50								P2
3877	RMENH-03.3876	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	5		20								P4
3878	RMENH-03.3877	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	10		42								P8
3879	RMENH-03.3878	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	12		70								P4
3880	RMENH-03.3879	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		21								P4
3881	RMENH-03.3880	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	7		33								P4
3882	RMENH-03.3881	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	7		48								F2
3883	RMENH-03.3882	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	11		35								P4
3884	RMENH-03.3883	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		36								P8
3885	RMENH-03.3884	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de um fundo	Cerâmica	Laranja	81		16								P4
3886	RMENH-03.3885	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Acastanhada	7		21								P8
3887	RMENH-03.3886	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	10		27								P4
3888	RMENH-03.3887	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de um tecto	Cerâmica	Laranja	12		10								P4
3889	RMENH-03.3888	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	6		26								P4
3890	RMENH-03.3889	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	9		36								P4
3891	RMENH-03.3890	1	Silo 17	U.E. 2		Fragmento de parede	Cerâmica	Laranja	9		54								P4

E2570																
J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
1	RPWs	Plataforma	Quadrícula	U.E.	Descrição	Materia-Prima	Cor	Comp (mm)	Leg (mm)	Esp (mm)	Ø (mm)	Altura	Peso (g)	Observações		
4056	RNENH03.4055	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda de um tampo	Cerâmica	Acastanhada	20	67	11				Apresenta marcas de fogo		
4057	RNENH03.4056	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Laranja	20	55	12		23		F10		
4058	RNENH03.4057	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	38	58	10				F10		
4059	RNENH03.4058	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	43	31	10				F12		
4060	RNENH03.4059	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	34	87	14				Apresenta decoração		
4061	RNENH03.4060	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	33	36	6				F12		
4062	RNENH03.4061	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda	Cerâmica	Laranja	19	28	3				F10		
4063	RNENH03.4062	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda	Cerâmica	Laranja	27	53	10				Vitrado no interior		
4064	RNENH03.4063	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da borda a parede com arranque de asa	Cerâmica	Laranja	62	104	9				Apresenta alinhamento		
4065	RNENH03.4064	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	69	7	51				Apresenta 4 cantilanas horizontais		
4066	RNENH03.4065	1	Silo 19	U.E. 2	Malha do cope	Cerâmica	Laranja			65				Brilhida no interior		
4067	RNENH03.4066	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	34	6			38		F12		
4068	RNENH03.4067	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Acastanhada	40	40	6				Apresenta decoração		
4069	RNENH03.4068	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	30	6	5				Apresenta 1 cantilana horizontal		
4070	RNENH03.4069	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Acastanhada	54	7			28		Apresenta marcas de fogo		
4071	RNENH03.4070	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	20	8			23		Vitrado no interior		
4072	RNENH03.4071	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de um fundo	Cerâmica	Laranja	36	65	6				Brilhida no interior		
4073	RNENH03.4072	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	98	62	19				F10		
4074	RNENH03.4073	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	48	17	10				F10		
4075	RNENH03.4074	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	36	17	12				F12		
4076	RNENH03.4075	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	41	55	15				F12		
4077	RNENH03.4076	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da arranque de asa	Cerâmica	Laranja	50	17			34		F10		
4078	RNENH03.4077	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	91	59	11				F12		
4079	RNENH03.4078	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Laranja	89	7			55		Apresenta marcas de fogo		
4080	RNENH03.4079	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Laranja	52	8			25		Apresenta marcas de fogo		
4081	RNENH03.4080	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento de uma peça	Cerâmica	Laranja	33				44	13	F10		
4082	RNENH03.4081	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Acastanhada	39	8			48		Apresenta marcas de fogo		
4083	RNENH03.4082	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Laranja	52	3			35		F10		
4084	RNENH03.4083	1	Silo 19	U.E. 2	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	88	58			60		F10		
4085	RNENH03.4084	1	Silo 19	U.E. 2												
4086	RNENH03.4085	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da tampa	Rocha				51	160	51		Apresenta foveas de molcosos		
4087	RNENH03.4086	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	44	84					Apresenta marcas de fogo a branhida		
4088	RNENH03.4087	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	21	39	7				Apresenta cantilana horizontal		
4089	RNENH03.4088	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da borda a parede	Cerâmica	Laranja	37	50	5				Apresenta alinhamento		
4090	RNENH03.4089	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de um tampo	Cerâmica	Laranja	39	36	4				Apresenta marcas de fogo a alinhamento		
4091	RNENH03.4090	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	42	30	12				Apresenta marcas de fogo		
4092	RNENH03.4092	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Acastanhada	31	19	11				Apresenta marcas de fogo		
4093	RNENH03.4093	1	Silo 20	nível inicial	Brilhida da borda a parede de fogueira	Cerâmica	Laranja	12	49	16				F10		
4094	RNENH03.4094	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	23	20	12				F14		
4095	RNENH03.4095	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Acastanhada	30	23	8				Apresenta alinhamento		
4096	RNENH03.4096	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	15			28		Apresenta 3 cantilanas horizontais		
4097	RNENH03.4097	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	42	26	13				Apresenta marcas de fogo a alinhamento		
4098	RNENH03.4098	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de asa em fita	Cerâmica	Laranja	38	41	20				Apresenta marcas de fogo e alinhamento		
4099	RNENH03.4099	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	15			23				
4100	RNENH03.4100	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento de um fundo	Cerâmica	Laranja	41	62	6				Apresenta marcas de fogo		
4101	RNENH03.4101	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede a fundo	Cerâmica	Laranja	19	27			52		Apresenta marcas de fogo		
4102	RNENH03.4102	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	63	5			72				
4103	RNENH03.4103	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	41	62	6				Apresenta marcas de fogo		
4104	RNENH03.4104	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4105	RNENH03.4105	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4106	RNENH03.4106	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4107	RNENH03.4107	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4108	RNENH03.4108	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4109	RNENH03.4109	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4110	RNENH03.4110	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4111	RNENH03.4111	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4112	RNENH03.4112	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4113	RNENH03.4113	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4114	RNENH03.4114	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4115	RNENH03.4115	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4116	RNENH03.4116	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4117	RNENH03.4117	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4118	RNENH03.4118	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4119	RNENH03.4119	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4120	RNENH03.4120	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4121	RNENH03.4121	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4122	RNENH03.4122	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4123	RNENH03.4123	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4124	RNENH03.4124	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4125	RNENH03.4125	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4126	RNENH03.4126	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4127	RNENH03.4127	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4128	RNENH03.4128	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4129	RNENH03.4129	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4130	RNENH03.4130	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4131	RNENH03.4131	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4132	RNENH03.4132	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4133	RNENH03.4133	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4134	RNENH03.4134	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4135	RNENH03.4135	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4136	RNENH03.4136	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4137	RNENH03.4137	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4138	RNENH03.4138	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4139	RNENH03.4139	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4140	RNENH03.4140	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4141	RNENH03.4141	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4142	RNENH03.4142	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4143	RNENH03.4143	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4144	RNENH03.4144	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4145	RNENH03.4145	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4146	RNENH03.4146	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4147	RNENH03.4147	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4148	RNENH03.4148	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4149	RNENH03.4149	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4150	RNENH03.4150	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4151	RNENH03.4151	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4152	RNENH03.4152	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4153	RNENH03.4153	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4154	RNENH03.4154	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4155	RNENH03.4155	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4156	RNENH03.4156	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4157	RNENH03.4157	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4158	RNENH03.4158	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4159	RNENH03.4159	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4160	RNENH03.4160	1	Silo 20	nível inicial	Fragmento da parede	Cerâmica	Laranja	45	4			24				
4161	RNENH03.															